

GT-47

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MONOGRAFIA DO DISTRITO  
DA NAMAACHA

"DISSERTAÇÃO APRESENTADA EM CUMPRIMENTO PARCIAL  
DOS REQUISITOS EXIGIDOS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE"

ELABORADO POR:-

*Elizete Márcia Pinto Pires*

MAPUTO, OUTUBRO DE 1995

GT-47

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MONOGRAFIA DO DISTRITO  
DA NAMAACHA

"DISSERTAÇÃO APRESENTADA EM CUMPRIMENTO PARCIAL  
DOS REQUISITOS EXIGIDOS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE"

ELABORADO POR:

*Elizete Márcia Pinto Pires*

MAPUTO, OUTUBRO DE 1995

913 (679)  
P667 m 6/6

F. LETRAS U.E.M.
R. E. 2474 B
DATA 18 / Março 1996
AQUISIÇÃO O. Leite
GOTA 67-47

## DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'F. P. Pires', is written below the text.

## AGRADECIMENTOS

Após longos meses de trabalho consigo apresentar a presente monografia do distrito da Namaacha que, estou consciente disso, está muito incompleta.

Contudo este estudo não teria sido possível se não tivesse contado com o apoio e colaboração de muitas pessoas e instituições que comigo compartilharam precalços e angústias e que, por isso, têm algo de si neste trabalho.

Começo por expressar os meus agradecimentos ao meu supervisor, o Prof. Doutor MANUEL G. MENDES DE ARAÚJO, pelas importantes críticas e sugestões, pela sua constância no acompanhamento das diferentes etapas do estudo e pela paciência que sempre teve para me incentivar em todos os momentos, em particular nos de maior desânimo.

Agradeço ao Sr. Cassiano Soda, do Departamento de Demografia, e à Unidade de População e Planificação da Direcção de Estatística pela amável e pronta disponibilidade que revelaram.

Para o Sr. Administrador do distrito da Namaacha, Sr. Roque Muquessuane e para os senhores directores distritais vai a minha gratidão pela disponibilidade que sempre revelaram para me prestarem valiosas informações sobre o distrito.

Também tenho que agradecer aos trabalhadores do posto fronteiriço da Namaacha pela disponibilidade que tiveram para me fornecer a informação necessária. À Sra. enfermeira-chefe, Mariamo Damião pelas informações que me prestou, os meus agradecimentos.

Devo ainda agradecer aos meus colegas de turma e do Curso de Geografia que, directa ou indirectamente, me apoiaram nos cinco anos do curso, assim como aos docentes que durante este tempo me ensinaram a gostar da Geografia, a entendê-la e me transmitiram valiosos conhecimentos.

À minha família, pela profunda compreensão e apoio que me prestaram durante o meu curso e, em particular, ao longo da realização deste trabalho.

## RESUMO

A presente dissertação com o título "Monografia do Distrito da Namaacha" insere-se no âmbito do cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane. A mesma está dividida em seis capítulos, ordenados da seguinte forma: (i) No capítulo I onde se destaca a apresentação do tema, os objectivos, hipóteses, os aspectos metodológicos, faz-se uma abordagem da evolução histórico-social do distrito e a sua localização; ii) No capítulo II faz-se a caracterização físico geográfica, como forma de apresentar a imagem da área de estudo, do ponto de vista dos recursos naturais; iii) No capítulo III faz-se uma caracterização dos aspectos relativos à população; iv) No capítulo IV distribui-se a população do distrito pelas diferentes actividades económicas, destacando-se as principais formas de utilização do espaço; v) o capítulo V é dedicado aos problemas ambientais verificados na área de estudo e, por último vi) No capítulo VI apresentam-se algumas conclusões tiradas com base neste estudo. Apresenta-se ainda a lista da bibliográfica consultada, figuras e mapas utilizados para argumentação das hipóteses de trabalho.

# ÍNDICE

I.	INTRODUÇÃO .....	1
1.	METODOLOGIAS .....	2
2.	BREVE HISTORIAL SOBRE O DISTRITO .....	3
3. X	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA .....	5
4.	DIVISÃO ADMINISTRATIVA .....	5
II.)	O MEIO AMBIENTE FÍSICO .....	8
1.	PRINCIPAIS FORMAÇÕES GEOLÓGICAS .....	8
2. X	GEOMORFOLOGIA .....	11
2.1	A CADEIA DOS LIBOMBOS .....	11
2.2	AS COLINAS .....	12
2.3	AS PLANÍCIES .....	14
3.	CARACTERÍSTICAS CLIMÁTICAS .....	14
4. X	A REDE HIDROGRÁFICA .....	22
5. X	VEGETAÇÃO .....	25
6.	FAUNA .....	30
7. X	OS SOLOS .....	31
III.	CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO .....	35
1.	EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO .....	35
2.	ESTRUTURADA POPULAÇÃO .....	37
3.	MOVIMENTOS DA POPULAÇÃO .....	42
4.	AS FORMAS DE POVOAMENTO .....	43
IV.	FORMAS DE UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO .....	46
1. P.	AGRICULTURA .....	46
2. 7)	PECUÁRIA .....	53
2.1	EVOLUÇÃO DA PECUÁRIA NO DISTRITO! .....	56
2.2	PERSPECTIVAS FUTURAS .....	60

3.	INDÚSTRIA .....	60
4.	COMÉRCIO .....	62
4.1	FORMAS DE COMÉRCIO .....	62
4.1.1	COMÉRCIO FORMAL .....	63
4.1.2	COMÉRCIO INFORMAL .....	64
4.1.3	COMÉRCIO DE FRONTEIRA .....	65 x
5.	SERVIÇOS .....	66
5.1	EDUCAÇÃO .....	66
5.1.1	PROBLEMAS E PERSPECTIVAS .....	69
5.2	SAÚDE PÚBLICA .....	70
5.3	ABASTECIMENTO DE ÁGUA .....	74 r
5.4	SERVIÇOS DE FRONTEIRA .....	75
5.4.1	SERVIÇOS DE MIGRAÇÃO .....	75 d
5.4.2	SERVIÇOS DE ALFÂNDEGA .....	76 v
5.5	VIAS DE COMUNICAÇÃO .....	79
V.	IMPACTOS DA OCUPAÇÃO DO ESPAÇO SOBRE O MEIO AMBIENTE .....	80
VI.	CONCLUSÕES .....	82
	BIBLIOGRAFIA .....	85

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela I	- Divisão Administrativa do Distrito da Namaacha . . . . .	6
Tabela II	- Temperatura e Precipitação Mensal Média (1950/1980) . . .	15
Tabela III	- Variação Mensal da Humanidade Média (1950/1980) . . .	18
Tabela IV	- Evapotranspiração Média Mensal (1950/1980) . . . . .	21
Tabela V	- Algumas Espécies Vegetais de Namaacha . . . . .	30
Tabela VI	- Línguas mais Faladas no Distrito da Namaacha . . . . .	35
Tabela VII	- Distribuição da População . . . . .	36
Tabela VIII	- Nascimentos e Óbitos Institucionais no Período de 1992/1994 . . . . .	37
Tabela IX	- População Activa em 1980 . . . . .	46
Tabela X	- Superfície Ocupada pelo Sector Privado em 1989 . . . . .	47
Tabela XI	- Produção Agrícola do Distrito da Namaacha . . . . .	51
Tabela XII	- Produção Agrícola do Sector Familiar Disperso, no Período 1992/1993 . . . . .	51
Tabela XIII	- Produção Obtida pelas Cooperativas, Associações e Deslocados em 1992/1993 . . . . .	52
Tabela XIV	- Distribuição Territorial do Gado Bovino, segundo o Número de Famílias, Sector Familiar (1980) . . . . .	54
Tabela XV	- Efectivo Pecuário da Namaacha (1994) . . . . .	55
Tabela XVI	- Evolução do Efectivo Pecuário em Namaacha . . . . .	57
Tabela XVII	- Localização das Casas de Comércio . . . . .	63
Tabela XVIII	- Preços de alguns Produtos Alimentares, no Mercado Formal e Informal em 1995 . . . . .	65
Tabela XIX	- Relação Alunos/Professores em 1994 . . . . .	67
Tabela XX	- Evolução da Frequência Escolar no Distrito . . . . .	68
Tabela XXI	- Relação Habitantes/Pessoal Médico em 1995 . . . . .	72
Tabela XXII	- Número de Doentes Atendidos Externados no Centro de Saúde . . . . .	72
Tabela XXIII	- Movimento Migratório na Fronteira da Namaacha . . . . .	76
Tabela XXIV	- Tipo e Quantidade de Produtos Importados . . . . .	78



## ÍNDICE DE FIGURAS E MAPAS

<b>Figura 1</b>	- Gráfico Termopluviométrico da Namaacha (1950/80) . . . . .	16
<b>Figura 2</b>	- Gráfico Termopluviométrico de Changalane (1950/80) . . . . .	16
<b>Figura 3</b>	- Gráfico Termopluviométrico de Goba-Fronteira (1950/80) . . . . .	17
<b>Figura 4</b>	- Período de Crescimento em Namaacha . . . . .	19
<b>Figura 5</b>	- Período de Crescimento em Changalane . . . . .	20
<b>Figura 6</b>	- Período de Crescimento em Goba-Fronteira . . . . .	20
<b>Figura 7</b>	- Pirâmide Etária da População da Namaacha - '1980 . . . . .	38
<b>Figura 8</b>	- Distribuição da Activa (1980) . . . . .	39
<b>Figura 9</b>	- Distribuição da População Activa por Sectores de Actividade . . . . .	40
<b>Figura 10</b>	- Evolução do Efectivo Pecuário . . . . .	58
<b>Mapa 1</b>	- Mapá de Localização Geográfica do Distrito da Namaacha . . . . .	7
<b>Mapa 2</b>	- Mapa Geológico do Distrito da Namaacha . . . . .	10
<b>Mapa 3</b>	- Mapa Topográfico do Distrito da Namaacha . . . . .	13
<b>Mapa 4</b>	- Mapa Hidrográfico do Distrito da Namaacha . . . . .	24
<b>Mapa 5</b>	- Mapa de Vegetação . . . . .	29
<b>Mapa 6</b>	- Mapa de Solos do Distrito da Namaacha . . . . .	34
<b>Mapa 7</b>	- Distribuição da População do Distrito da Namaacha em 1994 . . . . .	41
<b>Mapa 8</b>	- Mapa de Uso de Terra do Distrito da Namaacha . . . . .	59
<b>Mapa 9</b>	- Mapa de Distribuição Territorial das Infraestruturas de Saúde e Comunicações . . . . .	73

## I. INTRODUÇÃO

No âmbito da planificação do desenvolvimento nacional equilibrado é indispensável a realização de estudos que possam permitir o planeamento do desenvolvimento a partir da base. Para que isso se torne realidade é importante que o País disponha de um mínimo de informação possível sobre os diversos territórios, e não somente daqueles de fácil acesso. Daí que seja muito difícil, actualmente, a elaboração de programas adequados nas regiões desprovidas de fontes escritas, nas quais se baseiam todos os projectos de reconstrução económica em qualquer País.

O estudo de uma região sob o ponto de vista geográfico, passa pela análise das suas características físico-geográficas, dos aspectos sócio-económicos bem como da interacção dos dois meios.

Com o objectivo de ajudar a melhorar o conhecimento do distrito de Namaacha, foi levado a cabo o presente trabalho, que fornece uma descrição do seu meio ambiente natural e social e das relações que se estabelecem entre os diferentes componentes. Um estudo deste género apresenta-se sempre complexo e contém várias lacunas de conhecimento, devido ao facto de ter de recorrer ao contributo de diversas ciências (pedologia, hidrografia, demografia, etc), mas sem deixar de ser um trabalho essencialmente geográfico.

O presente trabalho foi realizado com os seguintes objectivos:

### OBJECTIVO GERAL:

Estudo geográfico do distrito da Namaacha em forma de monografia regional.

### OBJECTIVOS ESPECÍFICOS:

- i. Estudo da problemática do meio ambiente natural do distrito;
- ii. Estudo geográfico da população e das suas actividades, considerando a dinâmica do crescimento demográfico e do desenvolvimento económico;
- iii. Análise das relações que se estabelecem entre o meio natural e o meio ambiente social - Impactos ambientais.

Como hipóteses de trabalho, procura-se:

1. Demonstrar que o distrito da Namaacha possui recursos naturais que lhe permitiriam atingir outro grau de desenvolvimento:

2. Provar que o distrito tem recursos que lhe conferem potencialidades para o desenvolvimento da actividade pecuária;
3. Demonstrar que Namaacha, como distrito de fronteira, depende bastante, do ponto de vista económico, do comercio de fronteiro.

## 1. METODOLOGIA

Na realização deste trabalho, vários foram os métodos aplicados, desde os mais comuns aos estudos geográficos, como a observação directa, aos quantitativos e métodos indirectos.

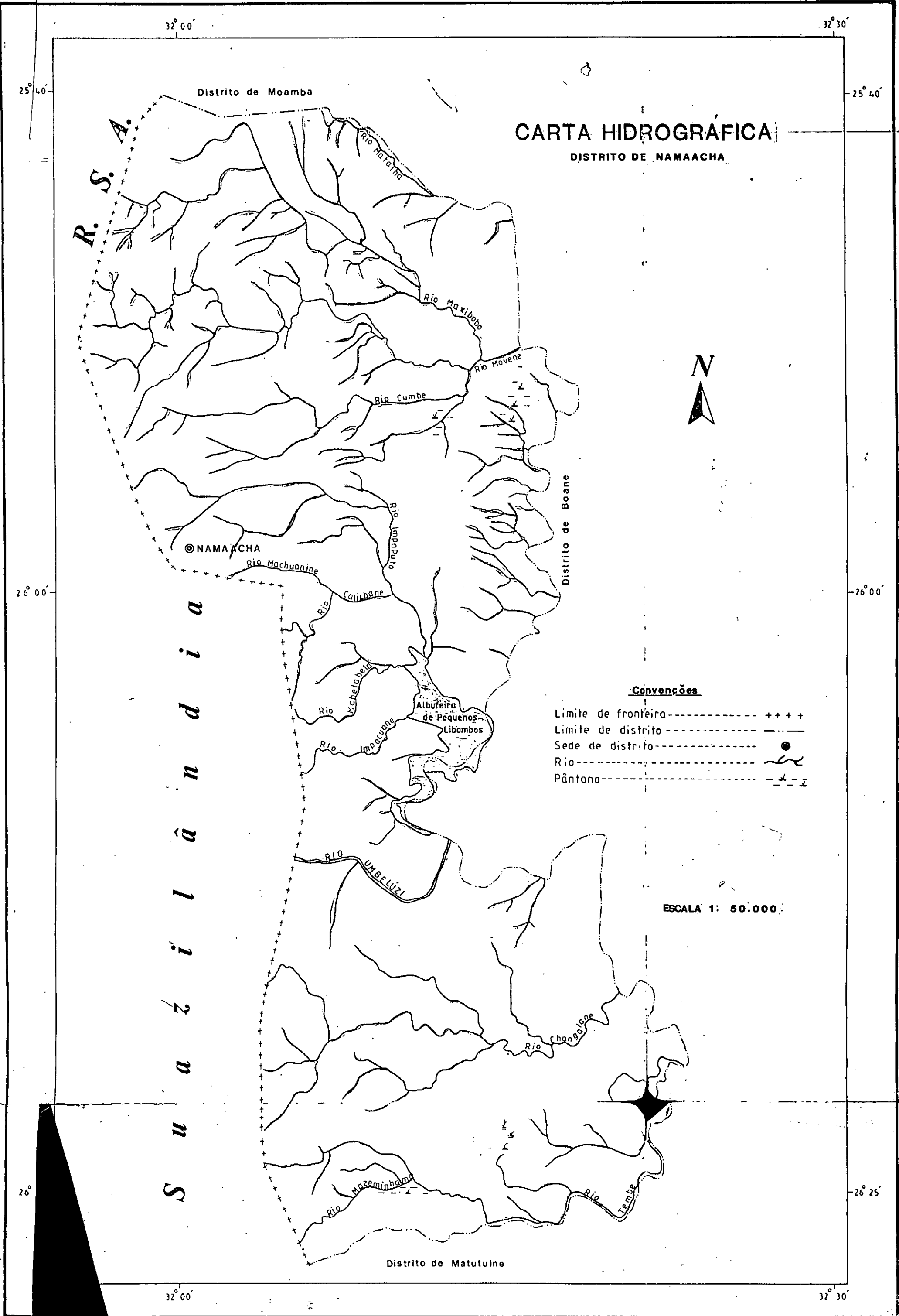
A **Revisão Bibliográfica** foi a base para a estruturação do trabalho, um primeiro conhecimento do que se escreveu sobre o distrito para definição das metodologias para as monografias. Consistiu, fundamentalmente, na consulta de bibliografia geral e específica, particularmente estudos feitos sobre diferentes países (monografias) e a informação referente à área de estudo.

O **Trabalho de Campo** consistiu na recolha de dados e de informações, que não se obteve em fontes secundárias, e permitiu a identificação "in situ" dos principais problemas ambientais e económicos existentes, bem como a compreensão dos diferentes processos descritos. Na pesquisa de campo fez-se um levantamento sobre a actual situação económica da região. Este trabalho foi moroso devido as frequentes deslocações de trabalho efectuadas à cidade de Maputo ou aos outros distritos pelos responsáveis pelas várias repartições do Estado e por outro lado, pelo facto de não existirem dados sobretudo sobre os anos anteriores, porque a mesma foi destruída.

O **Método Cartográfico** permitiu a elaboração de toda a base cartográfica do distrito. Na cartografia utilizada, o território encontra-se enquadrado em duas folhas da escala 1: 250 000, ou mais de quatro na escala de 1: 50 000, de modo que foi necessário, em primeiro lugar, um enquadramento geral da área de estudo numa única base cartográfica, o que foi feito pelo autor deste trabalho. Por outro lado, foi também necessário proceder à generalização e selecção de certos detalhes apresentados nos mapas.

O **Método Comparativo** consistiu basicamente na comparação de dados e de informação secundária recolhida nas diversas instituições - INIA, DNA, ING, DINAGECA, M.A., U.T.G.P., etc, entre si e com os dados primários recolhidos na observação directa. Este método foi também útil na análise de tabelas e na evolução de alguns fenómenos no tempo e no espaço.

O **Descritivo Geográfico** constituiu a base na qual se apoiou grande parte



**CARTA HIDROGRÁFICA**  
**DISTRITO DE NAMAACHA**



**Convenções**

- Limite de fronteira ----- + + + +
- Limite de distrito ----- - - - -
- Sede de distrito ----- ●
- Rio ----- ~ ~ ~ ~
- Pântano ----- - - - -

ESCALA 1: 50.000

*S u a z i l â n d i a*

*R. S. A.*

Distrito de Moamba

● NAMAACHA

Distrito de Boane

Distrito de Matutine

32° 00'

32° 30'

25° 40'

25° 40'

26° 00'

26° 00'

26°

26° 25'

## 5. VEGETAÇÃO

“A fitogeografia ocupa uma posição singular dentro do campo da ciência geográfica. Incluída na geografia física, já que a vegetação é uma réplica de condições de relevo, clima e solos, permite evidenciar quase sempre uma profunda acção do homem, responsável pela introdução de novas espécies vegetais, pela extinção de outras, pela importância assumida por algumas que a princípio mal sobressaiam na paisagem” (Medeiros, 1967, p. 71).

Moçambique, do ponto de vista florístico situa-se na região Sudano-Zambezíaca, que inclui também a Tanzania, o Malawi, a Zambia, o Zimbabwe, o Botswana, e a Suazilândia (Muchangos, 1991).

O distrito enquadra-se dentro dos limites desta região e possui condições ecológicas para o crescimento de diferentes formações vegetais. Numa primeira observação distinguem-se dois tipos de cobertura vegetal: a vegetação de altitude e a de planície (Lopes, 1979, p.19).

Embora as características climáticas dos Grandes e dos Pequenos Libombos sejam um pouco diferentes, as condições morfológicas e edáficas podem considerar-se idênticas, o que faz com que as formações vegetais sejam as mesmas ou idênticas (Mapa 5).

Nos planaltos Libombianos ou simplesmente planaltos da Namaacha, entre 500 e 600 m de altitude, a cobertura vegetal é de estepes de origem antrópica (Lopes, 1979, p. 200). As espécies mais comuns nas terras altas do distrito, onde se registam as mais elevadas pluviosidades são o Combretum (Combretum Queinzii, Combretum Zeyheri, Combretum Apiculatum), Acacia (Acacia Nigrescens) e Ficus (Ficus Sycomorus, Ficus spp.) da chamada flora anti-libombiana (SOUSA in Lopes, 1979).

Nas áreas de ravinas abundam *Pterocarpus Rotundifolia*, geralmente associados ao *Combretum Apiculatum*. Esta espécie encontra o seu meio óptimo de desenvolvimento em solos delgados, pedregosos, com afloramentos rochosos constituídos essencialmente por riolitos.

Nas vertentes dos grandes vales, expostas a Leste e Sul, e ao longo de alguns cursos de água de leitos declivosos dos Libombos, aparecem, respectivamente, manchas e faixas estreitas de floresta densa, hidrófila, semi-decídua ou sempre verde de *Mimusops* sp., *Cassipourea* sp. e *Galpinia Transvalinea* (SOUSA in Lopes, 1979).

As planícies do Impamputo-Umbeluzi foram cobertas de florestas e savanas, progressivamente destruídas pela ocupação agro-pecuária e exploração

de madeiras; por isso são raros os restos de floresta decídua de *Acacia* (*Acacia* sp., *Acacia Xanthophloea*, *Acacia Campylacantha*), *Combretum* (*Combretum Imbrebe*, *Combretum Microphyllum*), *Albizia* (*Albizia Versicolor*, *Albizia Harveryi*) *Kigelia* (*Kigelia Pinnata*) etc. Esta floresta cobria solos de alteração basáltica, pouco permeáveis e os solos de alúvio mais permeáveis, tendo um sub-bosque espinhoso e estrato herbáceo pobre. Hoje, em seu lugar desenvolve-se uma savana arbustiva de *Acacias* espinhosas (mato de *Mikania*), onde a árvore é rara e o estrato graminoso ou capinzal, alto e espesso (*Themeda*, *Planicum*, *Setaria*, *Andropogon*, etc).

Segundo Barradas (1962) entre o Umbeluzi e o Changanane, em solos de origem basáltica, desenvolvem-se campos de boas pastagens (1ª classe), com grande predominância de *Themeda Triandra*, em floresta-parque de *Acacia Nigrescens*.

Nos vales dos rios e riachos abunda uma vegetação herbácea, diferindo esta da savana herbácea por ter o capim baixo e poucos arbustos (LOPES, 1979, p. 202).

Na localidade de Goba, desenvolve-se a floresta nas encostas dos Libombos, já bastante explorada pelo corte das madeiras, não muito fechada mas sombreada, com predominância de *Androstachis Johnsonii* (BARRADAS, 1962, p. 125).

Na localidade de Mafuiane aparece a *Sclerocarya Caffra* dispersa, arbustos dispersos e também campinzais (*Vilanculos*; Serno, 1993).

De acordo com a cartografia actual (1995) elaborada com base em fotografias aéreas da região pelo Departamento de Inventário Florestal do Ministério de Agricultura, predominam no distrito de Namaacha pradarias arborizadas, pradarias, formações arbustivas e pequenas formações florestais bastante degradadas (Mapa 5).

Segundo a mesma fonte, são raras as áreas com floresta nativa, limitando-se esta a pequenas manchas. As espécies florestais identificadas na região são produto de vários "programas de reflorestamento" levados a cabo por especialistas da área, quer durante o período colonial quer após a independência, quando se procedeu à plantação de *Eucaliptos* e de *Pinheiros*. As primeiras referências seguras sobre plantações na Namaacha aparecem em 1916 quando duas portarias (nº 154, de 5/8 e nº 181, de 2/9) mandam reservar para arborização na Namaacha uma área de cerca de 3.200 ha.

Contudo, apesar da extrema importância destes programas para o distrito, poucas foram as áreas enquadradas pelo programa existindo ainda extensas áreas desprovidas de qualquer cobertura vegetal, e portanto correndo sérios riscos de erosão eólica e hídrica.

O povoamento florestal (florestamento ou reflorestamento) proporciona, além dos benefícios de ordem económico-financeira (madeira, lenha, celulose, látex, cortiça, resinas, óleos essenciais, etc.), outros de ordem geral, tais como:

### **1. Controlo da Erosão**

Erosão, é o processo de arrastamento do solo pelas enxurradas, ventos ou geleias, provocando o seu rebaixamento: Num solo coberto de mata a erosão é praticamente nula. No caso específico da erosão provocada pela água, as árvores protegem o solo em três níveis:

- ao nível da copada, pela interceptação das gotas de água;
- ao nível da superfície do solo, onde a "serapilheira" (folhas, ramos, frutos, etc., derrubados sobre o solo) amortece a queda das gotas de água, diminuindo o choque e dificultando o deslizamento da água sobre o solo, dando mais tempo para que se infiltre;
- no interior do solo, onde se dá um enriquecimento em matéria orgânica, tornando-o poroso, capaz de absorver e reter grande quantidade de água e, além disso, as raízes das plantas, que estão em contínua renovação ou substituição, vão deixando galerias (buracos ou orifícios) quando da sua morte, permitindo uma maior infiltração da água (Galeti, 1982, p. 244-246).

### **2. Enriquecimento das Camadas Superficiais dos Solos**

As árvores, normalmente, têm raízes profundas e, assim sendo, vão buscar os nutrientes a grandes profundidades, depositando-os na superfície quando da queda das folhas, ramos, frutos, etc. O enriquecimento é em matéria orgânica e também em nutrientes (a matéria orgânica tem nutrientes e quando se decompõe, liberta-os) (Galeti, 1982).

### **3. Melhoria das Propriedades Físicas do Solo**

Principalmente a estrutura, porosidade e permeabilidade. Os solos de floresta, normalmente, são bem estruturados, bastante porosos, permeáveis e arejados (Galeti, 1982).

#### **4. Activação da Flora e Fauna do Solo**

Nos solos de floresta, o número de organismos (animais e vegetais, grandes e pequenos) é sempre maior que nos solos desnudados e, também, mais activos: isto se deve principalmente à abundância de matéria orgânica e ao grande arejamento (Galeti, 1982).

#### **5. Regularização da Vazão dos Cursos de Água**

Os córregos e rios que nascem e correm dentro de florestas não sofrem grandes alterações no volume de suas águas; não sofrem inundações nem tampouco secam; a explicação disto está no facto de que na floresta, as águas das chuvas, em vez de correrem sobre o solo e em poucos instantes alcançarem o rio, se infiltram lentamente e, vagarosamente, alcançam os rios (nunca em quantidades capazes de provocar inundações).

Os rios e córregos que nascem e correm dentro de florestas geralmente têm águas limpas (a água é quase toda filtrada pelo solo antes de atingir o rio) (Galeti, 1982).

#### **6. Proteção de Flora e Fauna**

Grande número de espécies animais e vegetais desapareceram ou estão em vias de desaparecer com a extinção das florestas.

#### **7. Influências sobre o Clima**

Essas influências parecem limitar-se somente às áreas compreendidas pelas florestas e/ou matas e aquelas próximas delas. As florestas baixam a temperatura do ar no interior e acima delas (às vezes a 15 quilômetros de altura). A temperatura média anual, para uma mesma altitude e mesma localidade é sempre menor dentro da floresta do que fora dela.

A floresta actua como reguladora da temperatura; nela a temperatura sobe menos durante o dia e baixa menos durante a noite, daí a explicação para a formação de uma brisa ligeira (vento leve), que sopra, durante o dia, da floresta para os terrenos próximos e, à noite dos terrenos vizinhos para a floresta (Galeti, 1982, p. 246).

A humidade relativa do ar é maior dentro da floresta do que nos terrenos despidos.



32°00' 25°40' D. de Moamba

32°30' 25°40'

# MAPA DE VEGETAÇÃO

DISTRITO DE NAMAACHA

R. S. A.



Escala 1:250.000

### LEGENDA

Água	---	W
Floresta de baixa altitude fechada	---	LF1
Floresta medianamente fechada	---	LF2
Floresta aberta	---	LF3
Matagal (altura da vegetação = 3 - < 7m)	---	T
Arbustos (altura da vegetação = 0.5 - < 3m)	---	S
Pradaria arborizada (cc% = > 0-10%)	---	WG
Pradaria	---	G
Agricultura permanente	---	A1
Pousio de curta duração	---	A2
Pousio de longa duração	---	A3
Sede do distrito	---	⊙

S u a z i l â n d i a

D i s t r i t o de B o a s e

26°25' 32°00'

26°25' 32°30'

D i s t r i t o de M a t u t u i n e

Fonte: Elaborado com base nos mapas Florestais na escala 1:250.000, de UIF/DNFFB

Para além destes benefícios, o reflorestamento tem também importância para o **turismo e recreação**.

Segundo INGUANE (1993), a vegetação em áreas montanhosas significa também uma protecção contra os movimentos acelerados de evolução do solo ou seja, formação de laterites.

Com as alterações a que se tem assistido na cobertura vegetal do distrito, é natural que os aspectos atrás referidos estejam a observar evoluções negativas. Contudo, são necessários estudos especializados e temáticos para comprovar e medir essa evolução.

**TABELA V**  
**ALGUMAS ESPÉCIES VEGETAIS DA NAMAACHA**

Classificação Botânica	Nome Vulgar	Nome em Xichangane
Acacia Xanthophloea		Camba
Slerocarya caffra	Canhoeiro	Ocanho
Androstachis Johnsonii	Cimbirre	Cimbirre
Mimusops sp.	Amoreira	
Acacia sp.	Micaia	M'kaia
Combretum Imbrebe		Mondzo
Ficus spp.	Figueira	

*Fonte: Marquês, Montalvão, 1960.*

## 6. A FAUNA

O distrito da Namaacha enquadra-se na Região Zoogeográfica africana da África Oriental, dentro do reino biótico mundial afro-tropical ou Etiópico (Velo, 1974, p. 4).

Na região, as espécies predominantes são: Mamíferos (cabritos do mato, cudos, impalas, macacos, manpiças, porcos do mato, porcos espinhos e raposas changos), Aves (corvos, abutres, perdizes, cordinizes, galinha do mato, rolas e mochos), Répteis (cobras diversas, lagartos, etc) e Batraquios (sapos e rãs). Grande variedade destas espécies pode ser encontrada na área do Posto Administrativo de Changalane.

Em Fevereiro de 1993, realizou-se um seminário entre o governo moçambicano

e o Suazi, para a criação de uma "Reserva Natural", que incluiria parte da localidade de Goba e a da Suazilândia. Desta forma, pretende-se proteger os animais nela existentes contra o abate indiscriminado, para evitar a extinção de algumas espécies (D.N.F.F.B., 1993)

## 7. OS SOLOS

Para elaboração do mapa de solos, bem como para a descrição dos tipos pedológicos do distrito da Namaacha, serviu de base a Carta Provisória de Solos do INIA (Instituto Nacional de Investigação Agronómica), na escala de 1: 250 000, das províncias de Maputo e Sul de Gaza. Para análise e um melhor enquadramento, foi indispensável a utilização de diferentes trabalhos sobre solos da região. Estes serão mencionados ao longo do texto que se segue.

### CARACTERÍSTICAS PEDOLÓGICAS

O distrito da Namaacha é pedologicamente constituído por 6 agrupamentos de solos: os da cadeia vulcânica dos Libombos; os de Mananga; os de Post-Mananga; os de colúviões, de seixos rolados e de aluviões.

**Solos da Cadeia Vulcânica dos Libombos** - Neste grupo estão incluídos 2 tipos de solos, nomeadamente, os Riolíticos e os Basálticos desenvolvidos durante o período Karroo.

Os solos Riolíticos (Ferric Lixisols e Eutric Leptosols) localizam-se ao longo de toda faixa a ocidental do distrito, nas áreas dos altos planaltos onde a altitude é superior a 500 m, podendo encontrar-se ainda, nas costeiras (cuestas) e encostas dos vales. Correspondem, na sua maior área, às elevações dos Grandes e Pequenos Libombos (Lopes, 1979). (Mapa 6).

Barradas (1962), enquadra os solos riolíticos da região em 4 séries: Libombos, Namaacha I, Namaacha II e Mabenga. A última série é encontrada no sopé dos Grandes e Pequenos Libombos, por exemplo, na Mabenga, região do Impamputo, e ainda, em menor extensão, nos vales abertos. A Libombos é encontrada nas áreas com acentuado declive enquanto que a série Namaacha I nos planaltos dos Libombos, acima da cota dos 450 m, nas partes mais aplanadas, cuja área constitui os arredores da Namaacha (Vila), e a Namaacha II, dos mesmos planaltos dos Libombos, localizados nas meias-encostas, e por conseguinte menos profundos.

Na região alta os solos riolíticos são bastante férteis, sendo os restantes muito declivosos e portanto com algumas limitações para a actividade agrícola.

Os solos **Basálticos** (Ferric Lixisols, Calcic Vertisols e Eutric Leptosols) ocupam tal como os riolíticos, extensas áreas do distrito. Encontram-se na região dos baixos planaltos, onde a altitude é maior que os 100 m, e nas encostas de topografia relativamente plana.

Ao longo do distrito existem 3 variedades deste tipo de solo, distinguindo-se pela profundidade a que aparece a rocha-mãe - o basalto.

“Têm geralmente bastante fertilidade, o que se deve não só á natureza das manchas de que derivam, como também por serem relativamente planos e, por isso, ao abrigo da erosão laminar, que se observa, por vezes, nas proximidades dos cursos de água, onde o terreno é já um pouco declivoso” (Barradas, 1962. p. 77).

Os solos de **Mananga** (Stagnic ou Haplic Luvisols e Ferric Arenosols) estão assentes em depósitos sódicos duros do Pleistocénio e encontrando-se localizados nos planaltos baixos e nos fundos de vales, na zona de cobertura arenosa de espessura variável. Na região, observa-se uma maior concentração na parte Sul, junto ao limite com o distrito de Boane (Mapa 6).

São solos de regular ou fraca fertilidade, com dificuldades de rega (Barradas, L. 1962).

Os solos de **Post-Mananga** (Haplic Lixisols e Chromic Luvisols) desenvolveram-se no Pleistocénio Superior. Ocorrem geralmente nos sopés das encostas dos vales. Não é fácil precisar a localização exacta deste tipo de solo, visto que se encontram dispersos em pequenas manchas por quase todo distrito (Mapa 6).

Os solos de **Coluviões** (Mollic Solonchaks, Calcic Vertisols e Haplic Chernozems) podem ter diferentes origens: os derivados de Mananga, os derivados de basaltos, os mistos e os derivados de rochas sedimentares. No distrito estes encontram-se dispersos pelas depressões circulares, nos sopés das encostas e nas linhas de drenagem (Mapa 6). Com fertilidade variável: os derivados de basalto, bastante ricos em matéria orgânica, são muito aptos para pastagens e para agricultura de irrigação; os mistos não são favoráveis para o crescimento das culturas devido à sua sodicidade, profundidade (por vezes < 1 m) e pedregosidade.

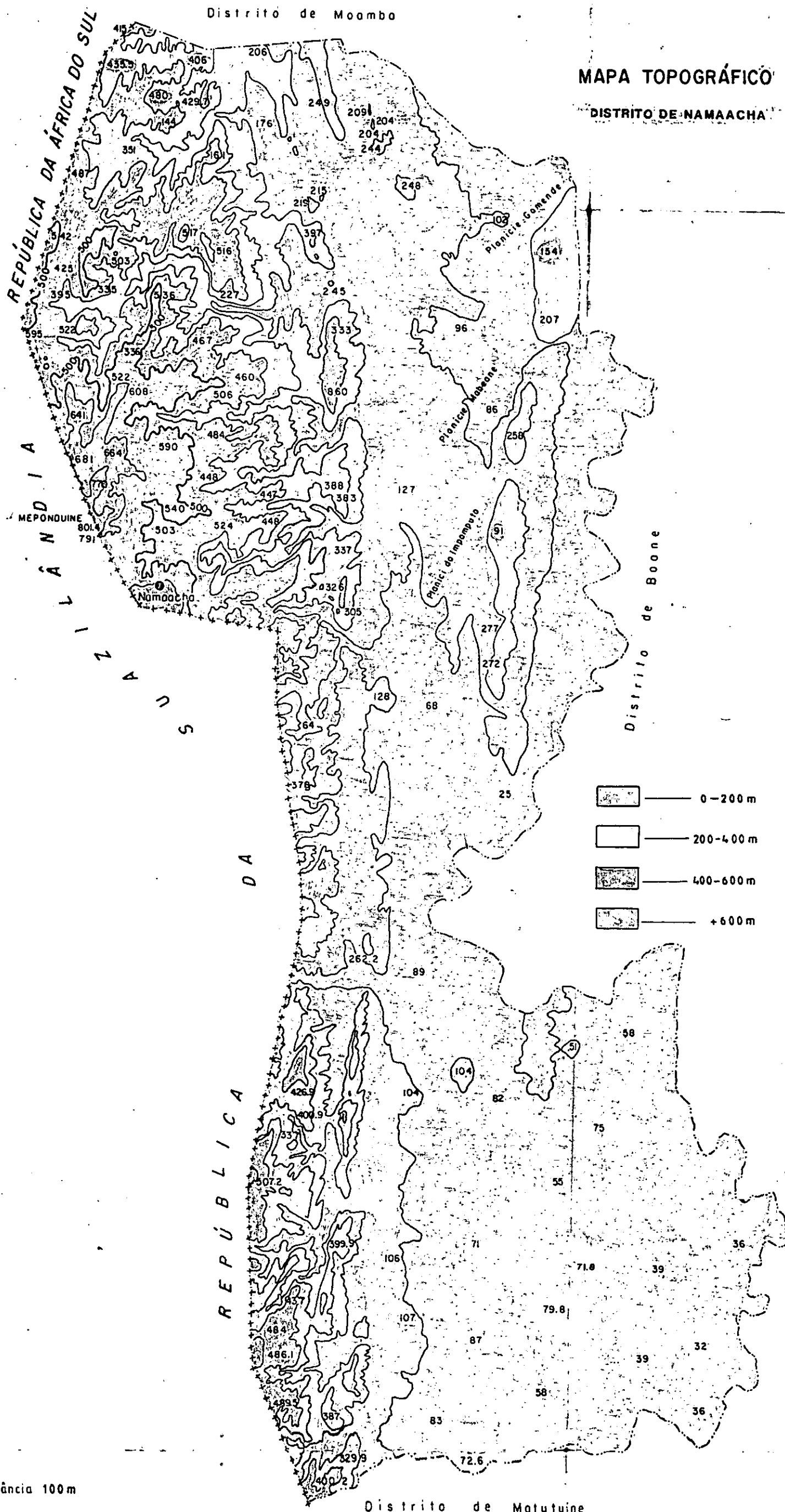
Os solos de **Seixos Rolados** (Mollic Leptosols, Luvis Chernozems e Chromic Luvisols) são frequentes nas áreas geologicamente constituídas por seixos basais de mananga: quartzíticos e riolíticos. Localizam-se sobre plataformas de seixos rolados de solos pouco desenvolvidos, e tal como os coluviaes estão dispersos ao longo do território do distrito (Mapa 6). Ocorrem frequentemente nas áreas de topografia suavemente ondulada, cujo declive é igual ou inferior a 5 %.

Devido à profundidade efectiva do solo muito limitada, e à presença de muito cascalho e pedras no horizonte superficial, estes solos não são aptos para agricultura irrigada nem de sequeiro (Vilanculos & Serno, 1993. p. 17).

Os solos de Aluviões (*Eutric Fluvisols* e *Mollic Fluvisols*), ocupam os aluviões Holocénicos. São profundos e por vezes calcários. Localizam-se ora nos aluviões argilosos de topografia plana, ora nas planícies de transição mangá-planície estuarina. São solos vulgares nos vales dos troços superiores e médios dos rios e ribeiras, sendo relativamente permeáveis.

Segundo Barradas (1962), os solos deste grupo encontrados no distrito pertencem a Família dos solos de Várzea, mais concretamente à série Potamopédica I.

Os rios e as ribeiras têm aluviões peculiares, conforme a natureza dos terrenos das suas bacias hidrográficas e as condições de deposição dos seus carrejos. As aluviões do Umbelúzi, com influência das marés apenas a pouca distância da foz, só em muito pequena área são do tipo deltaico. Por outro lado, não são influenciadas pela presença da matéria orgânica. São terrenos geralmente de boa fertilidade (Barradas, 1962. p. 79).



MAPA TOPOGRÁFICO  
DISTRITO DE NAMAACHA



	0-200 m
	200-400 m
	400-600 m
	+600 m

Equidistância 100 m

Fonte: Elaborado com base de cartas topográficas nº 98/99 e 102, da Dinageca.

Escala  
1:250 000

### 2.3 AS PLANÍCIES

No Distrito da Namaacha, as planícies ocupam cerca de 1/2 do território (Mapa 3). Existem dois tipos de planícies: as de sopé e as aluviais. A altitude destas formações não excede os 200 metros. Tal como os Montes Libombos, estas unidades geomorfológicas abarcam extensas áreas do distrito (Mapa 3).

Nos sopés da Cadeia libombiana, estendem-se estreitas faixas baixas e cobertas de proluviões e coluviões (Lopes, 1979).

As planícies aluviais ocorrem nos vales dos rios e nas respectivas bacias de drenagem como por exemplo ao longo do rio Umbelúzi (Mapa 3).

### 3. CARACTERÍSTICAS CLIMÁTICAS

“Na explicação das realidades geográfico-naturais o clima e os fenómenos meteorológicos desempenham um papel muito importante.

Os elementos naturais - relevo, rios, solos, vegetação e fauna - refletem, todos eles, a influencia das manifestações climáticas actuais e passadas” (Muchangos, 1982, p. 9). O distrito da Namaacha fica a Sul do Trópico de Capricórnio, por isso geograficamente fora da zona intertropical mas devido à acção da circulação de S-E e da corrente quente do Canal de Moçambique, o clima é do tipo tropical ou subtropical, nas áreas mais elevadas, pela altitude. Como factor permanente geográfico do clima do distrito há que distinguir a altitude facto confirmado por Boléo (1950) quando diz que “ devido à elevação de altitude, verifica-se uma ligeira diminuição da temperatura média anual (21°C para 20°C), e um acentuado acréscimo das somas pluviométricas de 600 mm, no litoral, para 800 mm, na Namaacha”.

A altitude assegura aos Libombos, na parte Sudoeste do distrito, um **clima de altitude** com características especiais de temperatura e pluviosidade (Tabela II) que Lopes (1979) considera como Cw.

Para o estudo dos elementos climáticos, foram utilizados dados meteorológicos dos postos da Namaacha, que se situa a 24° 29' Sul e 32° 01' Este, a uma altitude de 523 m; de Changanane, 26° 18' Sul e 32° 11' Este, a uma altitude de 100 m e o posto de Goba-Fronteira, localizado a 26° 15' Sul e 32° 06' Este, a uma altitude de 418 metros.

A temperatura media anual é de 21.1°C em Namaacha, subindo para 22.8 °C em Changanane. A temperatura média mensal mais elevada ocorre em

Janeiro, em Changalane (26.9°C) e a mais baixa registada é de 17.9°C em Namaacha no mês de Julho (Tabela II Fig.1).

**TABELA II**  
**TEMPERATURA E PRECIPITAÇÃO MENSAL MÉDIA**  
**NO PERÍDO 1950-1980**

MESES ESTAÇÕES	TEMPERATURA			PRECIPITAÇÃO		
	N	C	G	N	C	G
JANEIRO	23.8	26.9	24.9	150.6	125.1	137.3
FEVEREIRO	23.6	26.4	24.8	117.1	105.4	107.5
MARÇO	23.0	23.2	24.2	116.6	65.2	71.3
ABRIL	21.6	23.0	22.2	70.8	66.0	69.6
MAIO	19.8	21.0	20.5	28.8	18.6	25.7
JUNHO	18.0	18.4	18.4	24.3	13.3	18.8
JULHO	17.9	18.6	18.4	22.1	14.9	16.7
AGOSTO	18.8	20.6	19.5	21.6	14.6	13.0
SETEMBRO	20.0	22.2	21.2	42.6	29.1	36.0
OUTUBRO	21.3	23.0	21.8	80.3	74.6	81.7
NOVEMBRO	22.0	24.3	22.8	114.8	76.3	85.1
DEZEMBRO	23.3	25.8	24.2	105.2	75.1	88.5
ANUAL	21.1	22.8	21.9	894.8	751.2	680.2

*Fonte: Kassam e outros - 1981 - CLIMATIC DATA BANK.*

N - NAMAACHA  
 C - CHANGALANE  
 G - GOBA-FRONTEIRA.



FIGURA 1

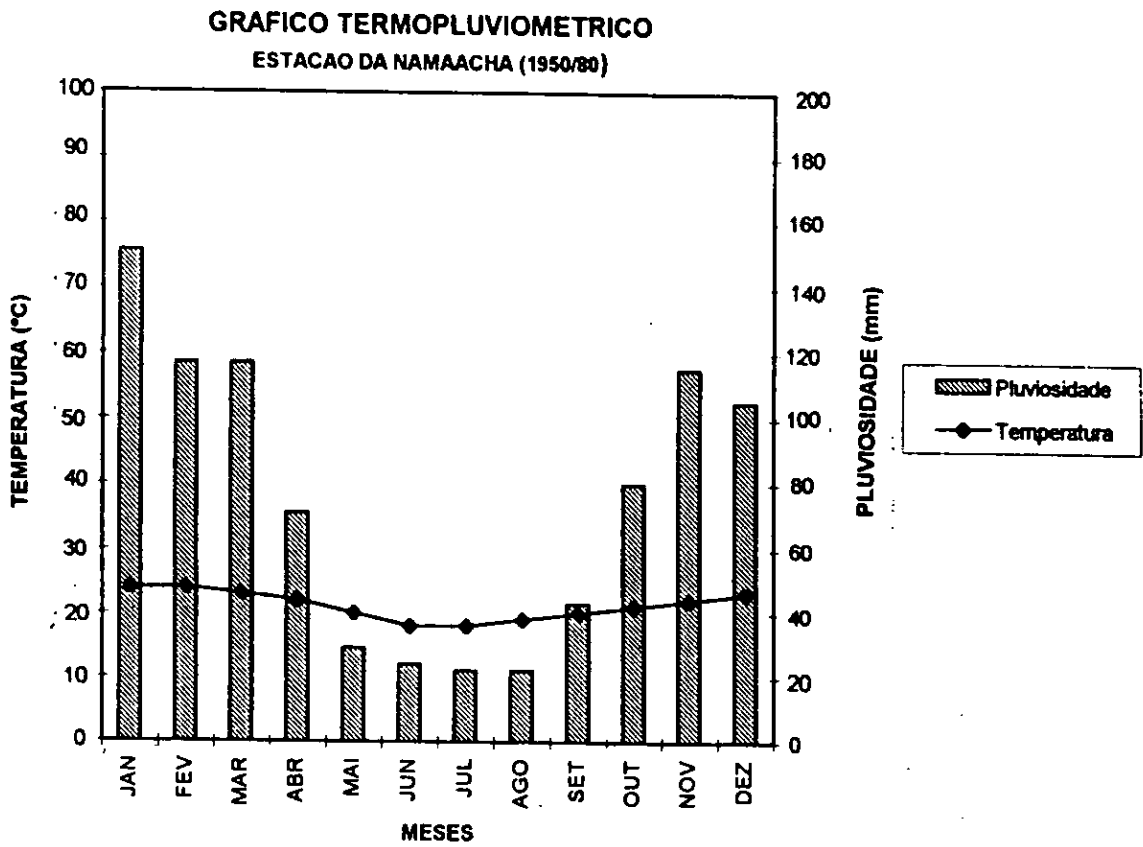


FIGURA 2

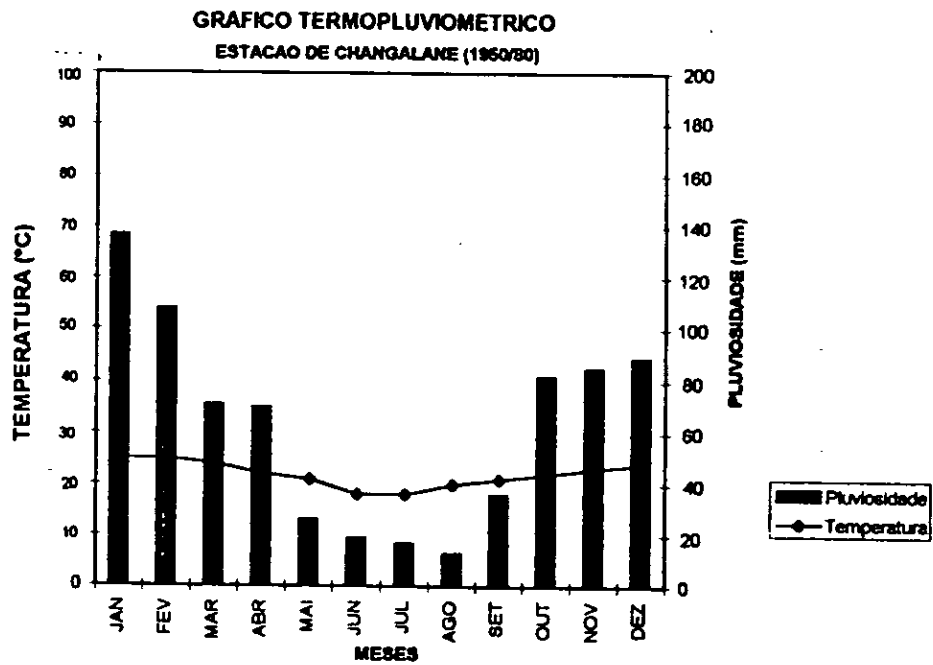
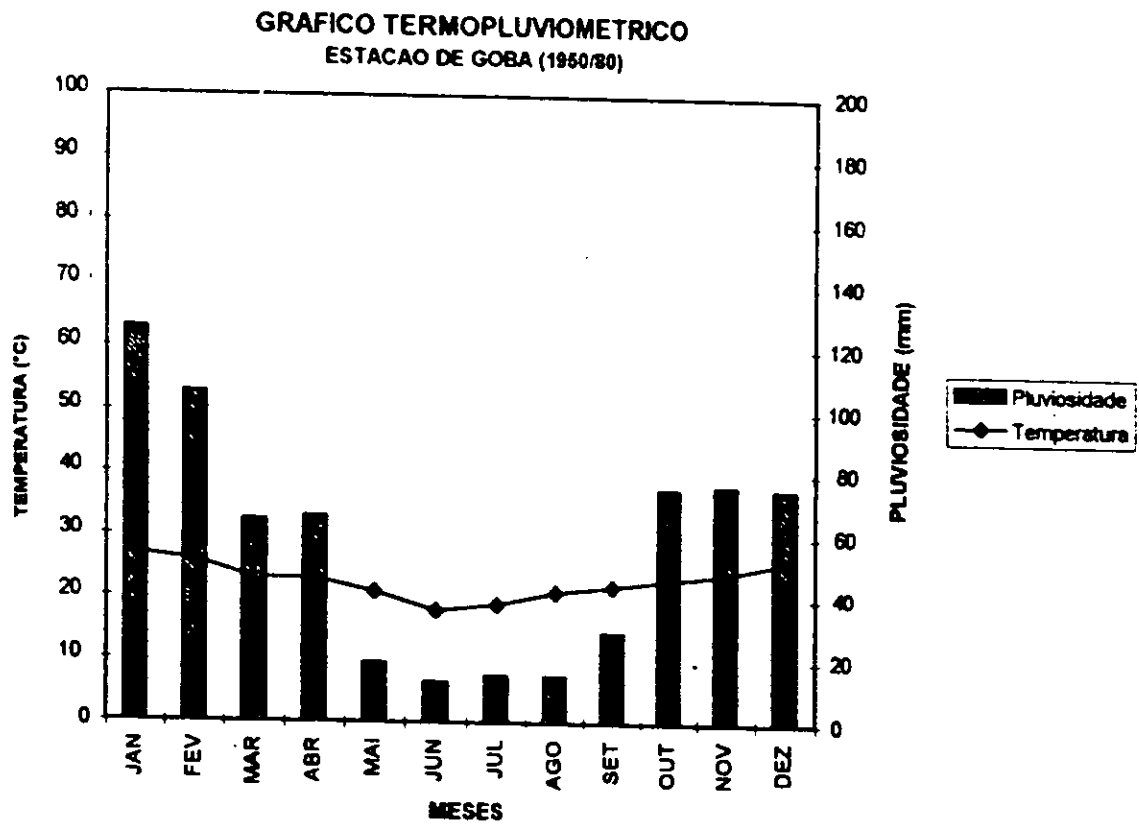


FIGURA 3



A precipitacao anual é de 894.8 mm na vila da Namaacha, descendo para 680 mm em Changanane. No mês de Janeiro regista-se a máxima precipitação, que varia de 150.6 mm em Namaacha, e a mínima é de 13.0 mm em Goba durante o mês de Agosto. (Tabela II Fig.1)

A humidade relativa do ar não apresenta grandes variações ao longo do ano: os seus valores oscilam entre 65 % nos meses de Junho e Julho na vila da Namaacha subindo para 78.0 % no mês de Fevereiro, em Goba, e em Março, em Namaacha (Tabela III).

**TABELA III**  
**VARIAÇÃO MENSAL DA HUMIDADE**  
**MÉDIA (1950-1980)**

MESES  ESTAÇÕES	HUMIDADE MÉDIA		
	N	C	G
JANEIRO	76.0	70.0	75.0
FEVEREIRO	77.0	71.0	78.0
MARÇO	78.0	71.0	76.0
ABRIL	75.0	70.0	75.0
MAIO	70.0	68.0	71.0
JUNHO	65.0	66.0	70.0
JULHO	65.0	67.0	71.0
AGOSTO	66.0	66.0	69.0
SETEMBRO	66.0	64.0	73.0
OUTUBRO	69.0	65.0	74.0
NOVEMBRO	72.0	68.0	76.0
DEZEMBRO	74.0	67.0	73.0
ANUAL	71.1	67.8	73.4

*Fonte: Kassam e outros -1981 - CLIMATIC DATA BANK.*

A evapotranspiracao média total anual (Evaporação Potencial segundo Penman) para o período de 1950-1980 foi de 1347.4 mm em Changanane, com

valores muito elevados nos meses de Dezembro e Janeiro, sendo os mais baixos registados nos meses de Junho e Julho (Tabela IV).

Com base nos dados disponíveis da precipitação e da evapotranspiração, torna-se possível o cálculo do período de crescimento (GP) ou período vegetativo, sendo para o efeito aplicada a fórmula seguinte:  $(R > 1/2 ET)$ .

Na vila da Namaacha, o período de crescimento é de aproximadamente 7 meses (de Outubro à Abril), e o período seco vai de Maio à Setembro (Figura 4).

Para Changalane e Goba-Fronteira a situação é idêntica, sendo a precipitação muito menor que a evapotranspiração, o que mostra que estas duas regiões apresentam um déficit de água durante todo o ano. Em Changalane o período seco é alterado por um curto período de crescimento de finais de Setembro à meados de Novembro, altura em que recomeça o período seco que dura até o início do mês de Dezembro. Portanto, Changalane é caracterizada por um período seco intermédio, o que representa um elevado risco de perda das culturas. O período de crescimento verifica-se nesta área do distrito da Namaacha desde o mês de Setembro até Dezembro, recomeçando em Janeiro e acabando em Abril (Figura 5 e 6).

A região de Goba-Fronteira possui o seu período seco desde finais de Abril até Setembro, altura em que começa o período de crescimento que vai até o mês de Abril (Figura 6).

FIGURA 4

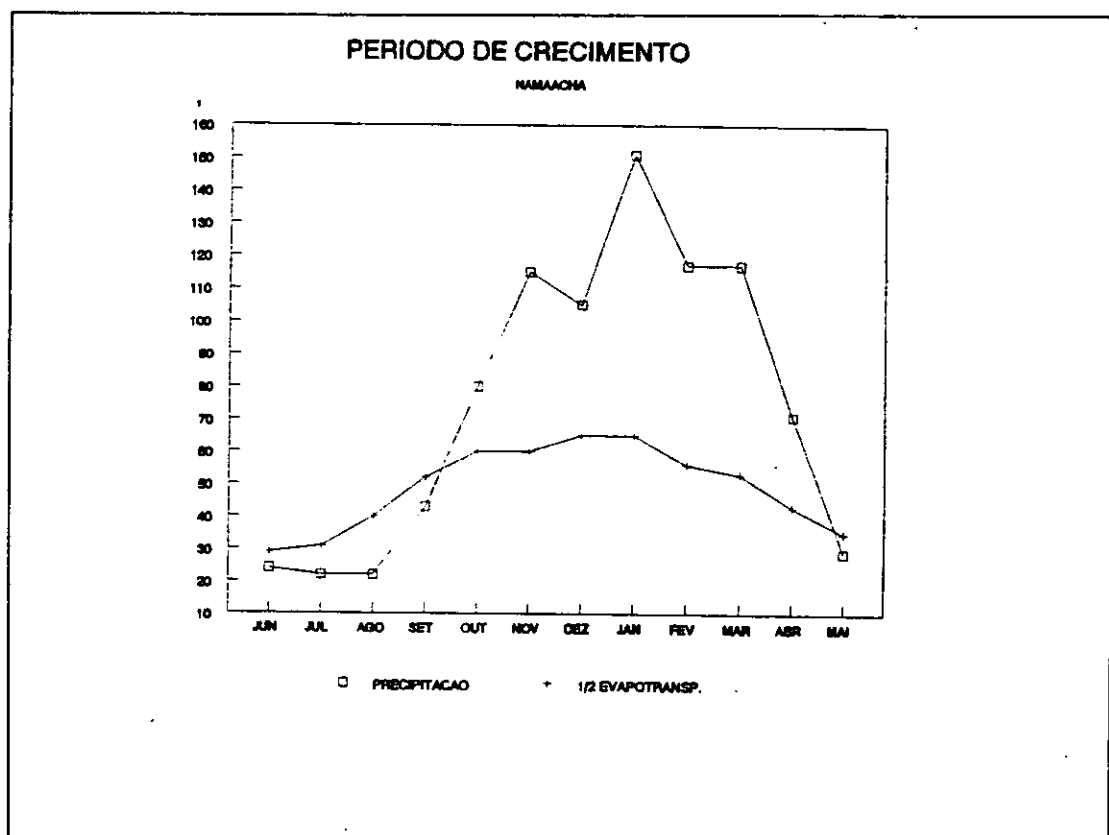


FIGURA 5

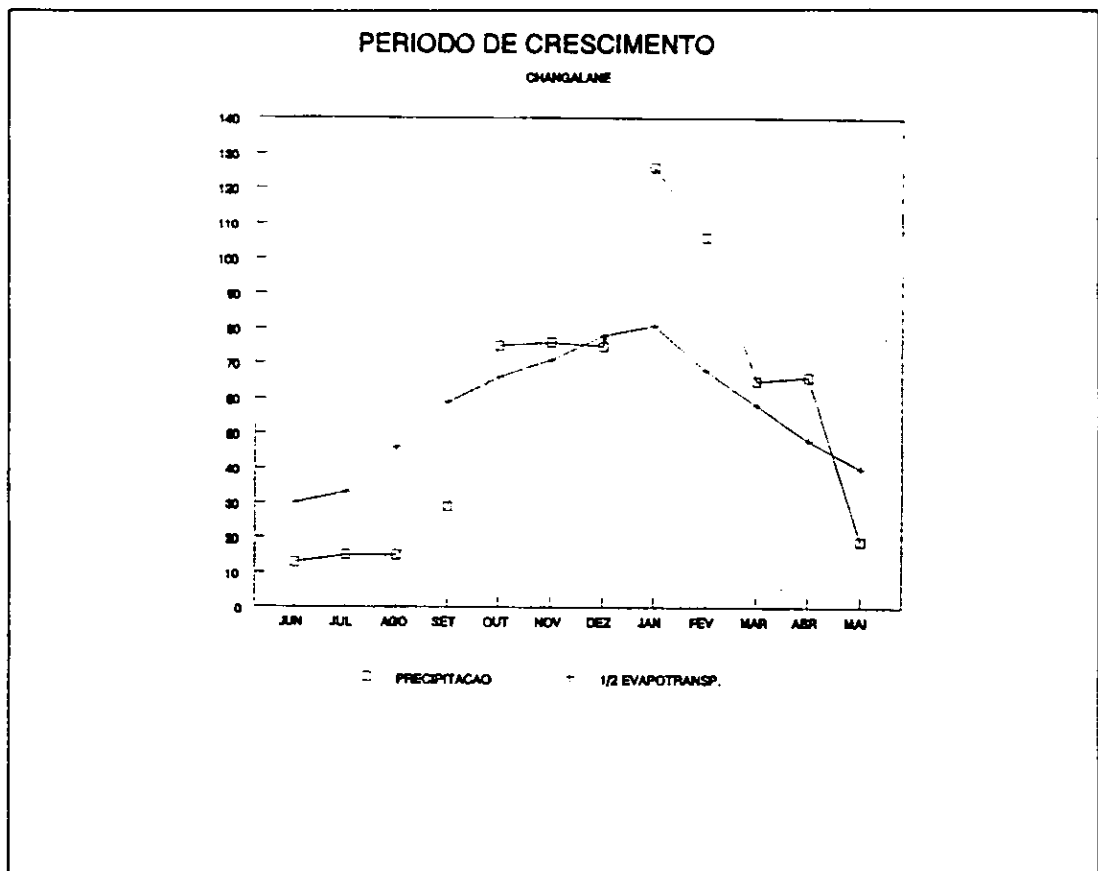
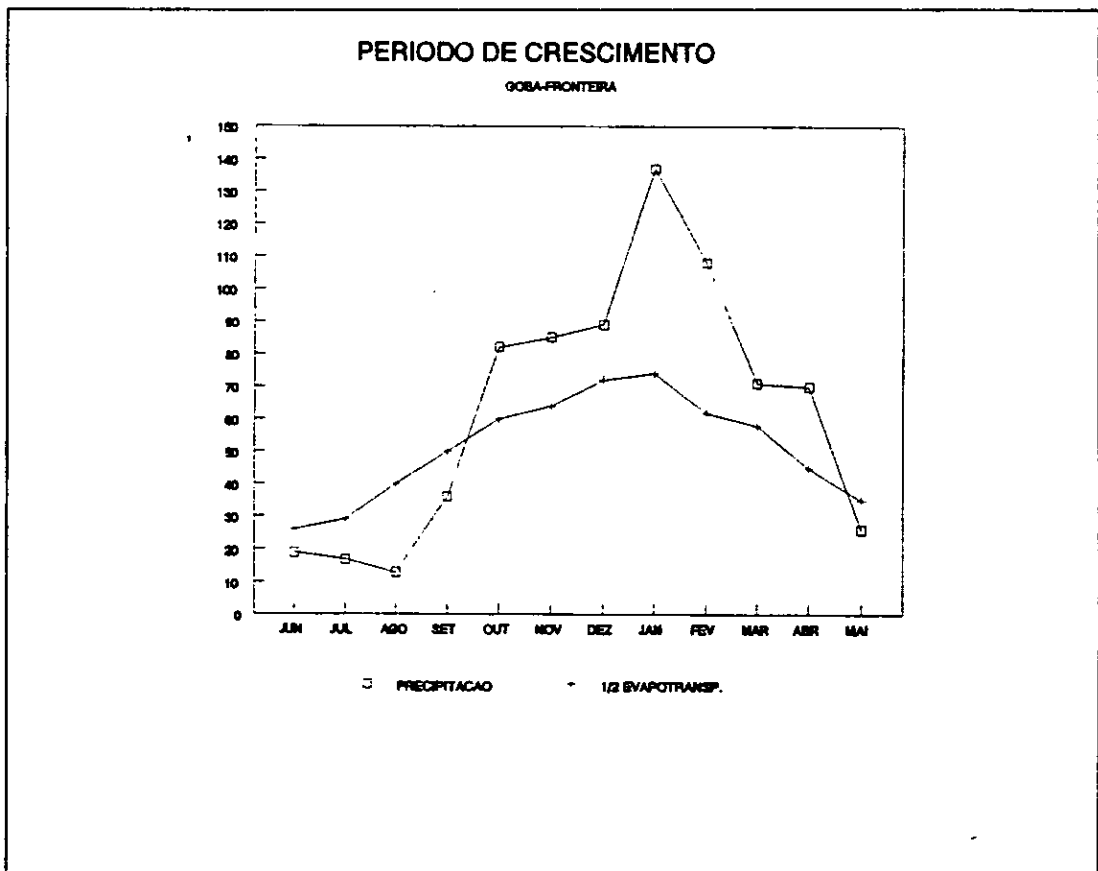


FIGURA 6



**TABELA IV**  
**EVAPOTRANSPIRAÇÃO MÉDIA MENSAL**  
 (1950-1980)

MESES ESTACÃO	EVAPOTRANSPIRAÇÃO		
	N	C	G
JANEIRO	128.6	161.0	148.2
FEVEREIRO	111.8	134.6	123.4
MARÇO	105.6	114.6	115.2
ABRIL	84.9	95.0	88.7
MAIO	69.5	78.7	69.7
JUNHO	56.6	59.5	51.7
JULHO	61.5	66.3	57.4
AGOSTO	79.8	92.4	80.3
SETEMBRO	102.8	117.6	100.0
OUTUBRO	119.0	131.3	118.9
NOVEMBRO	118.6	141.3	128.4
DEZEMBRO	129.5	155.1	143.4
ANUAL	1168.3	1347.4	1225.4

*Fonte: Kassam e outros - 1981 - CLIMATIC DATA BANK.*

De acordo com a classificação climática de Köppen, no distrito de Namaacha distinguem-se 3 tipos de climas:

**Clima Tropical Chuvoso de Savana (Aw)**, que ocupa a menor superfície ao sul do território. De acordo com LOPES (1979), ocorre na área correspondente aos Grandes Libombos, a sudoeste do distrito, e para CARVALHO (1969), também é identificado na localidade de Goba. Apresenta duas estações ao longo do ano, sendo a estação seca registada de Maio a Setembro e a chuvosa de Outubro a Abril.

**Clima Temperado Húmido (Cf)**, na região Ocidental do distrito, numa pequena área junto a vila de Namaacha (Carvalho, 1968. p. 4), sendo igualmente identificado na região Central, e no interior do distrito, onde abrange maior extensão (Carvalho, 1969, p. 3).

**Clima Tropical de Altitude (Çw)** - este tipo climático é característico das

regiões de altitude. No distrito, é idêntificado a 600 metros de altitude e nos Grandes Libombos, junto a fronteira com a Suazilândia e a Africa do Sul (Loureiro: Patricio, 1973. p. 283). A vila da Namaacha está enquadrada nesta zona climática.

Na **classificação climática de Thornthwaite**, que introduziu pela primeira vez o conceito de evapotranspiração como índice climático, o clima do distrito de Namaacha foi classificado por Carvalho (1969) e por Lopes (1979) como sendo do tipo B'3. C1.d ou seja clima sub-humido seco, com excesso de agua nulo. Sub-húmido seco (C1), na zona junto a fronteira, sendo a restante area abrangida pelo tipo B'4.D.d, ou seja mesotermico, semi-arido, com excesso de agua nulo.

#### 4. A REDE HIDROGRÁFICA

A área de estudo é atravessada por vários cursos de água, que fazem parte das bacias hidrográficas dos rios Umbelúzi e Tembe.

Estes dois rios formam, com os seus afluentes, uma rede muito densa (Mapa 4), cuja orientação obedece à inclinação geral do relevo e ao seu carácter morfológico predomi-nantemente SW-NE (Carvalho, 1969. p. 2).

O rio Umbelúzi nasce na Suazilândia, perto de Forbes Reef, sendo designado por Black Umbelúzi, a uma altitude de 1680 m. Entra em Moçambique no distrito da Namaacha através dos Montes Libombos; após cruzar este, atravessa o distrito de Boane e a cidade da Matola, indo desaguar na Baía de Maputo, após percorrer uma extensão de, aproximadamente, 270 kms (Carvalho, 1974).

A bacia do rio Umbelúzi tem cerca de 5,460 km<sup>2</sup>, dos quais 2,240 km<sup>2</sup> (41%) em território nacional, 3,140 km<sup>2</sup> (58%) na Suazilândia e os restantes 80 km<sup>2</sup> (1%) na África do Sul.

Os seus afluentes mais importantes no distrito são o Impamputo/Calichane e o Movene, rios de caudal temporário.

O Impaputo, com 42 km de extensão, é o mais longo dos afluentes do rio Calichane, ultrapassando mesmo o comprimento deste em território moçambicano, que é de apenas 32 kms, dos quais 15 kms desde a confluência com o Impamputo até a confluência com o Umbelúzi. Daí se explica a designação de Impamputo-Calichane. (Lopes, M. 1979. p. 60).

O Umbelúzi é um rio perene, com uma bacia alongada, apresentando uma rede hidrográfica bastante densa nos Libombos, mas quase nula na depressão Inter-Libombos e na planície oriental arenosa, que, em conjunto, ocupam cerca de 1/3 da bacia moçambicana. O caudal médio nos meses de estiagem é de apenas

4 m/s, triplicando na época das chuvas e aumentando extraordinariamente durante as cheias (Boléo, 1950. p. 90). Importa referir que actualmente o caudal natural deste rio em Boane está reduzido devido à existência da barragem para captação de água para abastecimento à cidade de Maputo - Barragem dos Pequenos Libombos (Moura, 1975. p. 6).

No distrito, bem como ao longo do restante percurso em solo moçambicano, o Umbelúzi apresenta um perfil relativamente regular, apesar de atravessar os Grandes Libombos. O mesmo já não acontece com os seus afluentes Movene e Impamputo/Calichane, que apresentam grandes desníveis com ocorrência de rápidos e quedas ou cascatas. Devido a este facto, segundo Boléo (1950) o Umbelúzi transforma-se rapidamente de rio de montanha em rio de planície.

Os rios Impamputo/Calichane e Movene são efémeros, sendo as sub-bacias do Movene e do Calichane bastante propensas a cheias durante o período das chuvas. O Impamputo/Calichane e o Movene secam no período de estiagem quase todos os anos. Cada um deles tem, a nível do distrito, os seus tributários principais: Matalha, Maxibobo e Gumbe, que são afluentes do Movene e os rios Impocuane, Mabelebele, Impamputo e Machuanine são-no do Calichane (Carvalho, 1974).

Grande parte dos afluentes e sub-afluentes, em território nacional, têm a sua origem nos Grandes Libombos, e com excepção da sub-bacia do Impamputo/Calichane, a parte moçambicana da bacia é mal drenada.

A bacia do rio Tembe também conhecido por Mitembe, na parte Sul do distrito, cobre uma área de 2840 km<sup>2</sup> e está localizada entre os rios Umbelúzi e Maputo. Nasce a 500 metros de altitude a Este de Tibuka, nos Montes Libombos na Suazilândia e desagua na Baía de Maputo. Tem um comprimento de 120 km em território nacional, com uma orientação W-E no seu percurso inicial, flectindo para Norte à latitude de 26° 20', aproximadamente no local de confluência com o rio Palati, um dos seus afluentes da margem esquerda. Os afluentes mais importantes são os rios: Changalane e Mazimenhama, ambos localizados no distrito da Namaacha, na margem esquerda, com a nascente na Suazilândia (Loureiro, 1969, p. 1).

O Tembe, a partir da cordilheira dos Grandes Libombos, tem um pendor extremamente suave até ao mar, o que facilita a propagação das marés por longa distância (Moura, 1975, p. 6-7).

O rio Changalane ocupa, com a sua sub-bacia, uma área de 395 km<sup>2</sup>, com um comprimento de 71,6 kms, uma inclinação de 7,75% e uma altitude média de 160-170 m. A rede fluvial é efémera, tendo os riachos água periodicamente (NAPICA, 1982). Este rio, junto com os seus pequenos tributários contornam as planícies férteis e agrícolas do posto administrativo de Changalane.



da descrição dos aspectos físico-geográficos e económicos do distrito. Facultou a interpretação e descrição da informação extraída de mapas temáticos da região. Não foi possível trabalhar com imagem satélites, uma vez que as existentes na CENACARTA, não cobrem todo o distrito da Namaacha, enquadrando apenas as regiões próximas a barragem dos Pequenos Libombos.

Usando o **Método Quantitativo** foi possível analisar, interpretar e elaborar gráficos e tabelas que, ao longo do trabalho, são apresentados.

Em certos casos, devido a falta de fontes escritas foi necessário recorrer a fontes orais - **entrevistas**, tendo sido estas realizadas a população local, aos trabalhadores ligados ao sector em questão e estruturas administrativas, de maneira a obter informações de indivíduos conhecedores do terreno e do tema.

## 2. BREVE HISTÓRIAL SOBRE O DISTRITO

Para a elaboração deste capítulo, serviu de base a "Monografia do Conselho da Namaacha", escrita pelo administrador António Augusto Veloso (1974). Foi também útil a consulta do Anuário de Moçambique - 1959-60 e de algumas publicações (ARPAC), de forma a recolher mais informação sobre o assunto.

O distrito da Namaacha herdou o seu nome do régulo Maacha, que vivia junto do monte M'ponduine. Este nome deu origem a duas designações administrativas: uma na Suazilândia - Lomaacha e outra em Moçambique - Namaacha (Veloso, 1974, p. 1).

Nesta região, conhecida também por "Montes Libombos", escondiam-se outrora aventureiros e traficantes fugidos à alçada da justiça de qualquer dos três territórios (moçambicano, suazi e sul africano). Os ingleses, que na época dominavam a África do Sul, mostraram-se sempre desejosos de povoar e desenvolver a região que se apresentava especialmente adequada para a pequena cultura da terra e a pecuária (Veloso, 1974, p. 1).

A 31 de Outubro de 1912, Alfredo de Magalhães, governador geral de Moçambique, por portaria nº 1266, desanexou das primeira, terceira e quinta circunscrições do Distrito de Lourenço Marques vários territórios e com eles formou a undécima circunscrição do mesmo distrito, com sede na Namaacha, confinada aos seguintes limites: a Norte, o rio Incomáti desde Ressano Garcia até encontrar a estrada que dele parte para Boane, a estrada entre os pontos indicados e a linha férrea desde Boane até Pessene; a Leste, uma linha que,

partindo de Pessene, segue a estrada da Namaacha até o seu encontro com o rio Chambandgouve, o curso deste rio até a confluência com o rio Umbelúzi e este rio até o Estuário do Espírito Santo; a Sul, o curso do rio Tembe até Porto Henrique e a estrada deste ponto até Estatuene; a Oeste, a linha de fronteira entre a Província e os territórios da União Sul Africana e da Suazilândia.

“A Portaria nº 180, de 2 de Setembro de 1916, aprovou o projecto, fixou os limites e classificou como de terceira classe a povoação da Namaacha, sede da circunscrição cuja planta foi aprovada por portaria nº 303, de 30 de Dezembro de 1916” (Veloso, 1974, p. 2).

Factores de natureza política e económica e a crise que se desencadeou em Moçambique em 1927, contribuíram para que, por Diploma Legislativo de 11 de Outubro de 1927, fosse extinta a circunscrição da Namaacha e a parte da sua área que se situava ao Sul do rio Umbeluzi fosse integrada na circunscrição do Maputo, e a restante, a Norte, deu origem ao posto administrativo da Namaacha, ficando agora integrado, administrativamente na circunscrição do Sabie.

Mais tarde, a região voltou a prosperar, e em 1946 o artigo 7º do Decreto nº 35.733, que remodelou a divisão administrativa das Províncias Ultramarinas de Angola e Moçambique, desanexou a área do Posto Administrativo da Namaacha da circunscrição do Sabie e integrou-se na circunscrição de Marracuene.

A rápida valorização material das actividades individuais e colectivas da área da circunscrição de Marracuene, dispersas pelas povoações de Boane, Machava, Matola e Namaacha, levou a Matola a ascender a Concelho em 1955 - Portaria nº 10.774 - no qual passou a ficar integrado o posto administrativo da Namaacha.

Entretanto, devido à localização geográfica e aos interesses políticos, sociais, económicos e administrativos das áreas do concelho da Matola e da sua vizinhança, vieram determinar a extinção do posto administrativo da Namaacha e a criação da circunscrição do Maputo. Como a Namaacha continuasse a desenvolver-se, em 20 de Abril de 1964, por Portaria nº 17.736, foi extinta a circunscrição e criado, em sua substituição, o Concelho da Namaacha, com a mesma área. A sede do concelho foi elevada à categoria de Vila e criada uma Comissão Municipal presidida pelo administrador Francisco Alfredo Fernandes e com a composição referida no artigo 511 da Reforma Administrativa Ultramarina (Veloso, 1974, p. 2).

A 20 de Abril de 1967, por Portaria nº 20.288, foi criada a Zona de Turismo da Namaacha, abrangendo a área incluída num círculo de 10 kms de raio, com o centro no edifício da Administração do Concelho, sendo essa região administrada

por uma Comissão Regional de Turismo, a qual nunca administrou nada, porque nunca foi dotada de meios para esse fim. A Portaria nº 343/73, de 22 de Março de 1973, alterou a Portaria 23.594, de 10 de Dezembro de 1970, que definiu as zonas urbana e suburbana da vila. O artigo 5º desta portaria determinava que as casas a construir deveriam ser necessariamente de alvenaria e teriam o valor mínimo de 150 contos (Veloso, A. 1974. p. 2).

Com a assinatura do Acordo de Lusaka (7.9.74) e a subsequente instalação do Governo de Transição, surge a necessidade de reorganizar a divisão administrativa, para adequá-la à nova realidade social e política do país. Pelas medidas anunciadas pelo Decreto-Lei nº 6/75 de 18 de Janeiro, Namaacha passou a constituir um distrito da Província de Maputo, não tendo havido alterações nos seus limites geográficos (ARPAC. 1995).

### 3. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Com uma superfície de 2.279,2 km<sup>2</sup>, o Distrito da Namaacha está situado no Sul de Moçambique, a sudoeste da província de Maputo, entre os paralelos de 25º 30' e 26º 30' Sul e os meridianos de 32º 00' e 32º 30' Este. Tem como limites principais:

Norte: Distrito da Moamba  
Sul: Distrito de Matutuíne  
Este: Distrito de Boane  
Oeste: Suazilândia e a África do Sul (Mapa 1).

### 4. DIVISÃO ADMINISTRATIVA

O distrito de Namaacha (2.279 km<sup>2</sup> e 24.673 habitantes em 1980) é formado por dois Postos Administrativos, dos quais fazem parte cerca de 8 localidades (Tabela I). "É com base nesta divisão administrativa que funcionam as diversas estruturas económicas, sociais e políticas no país" (Araújo, 1988).

No Posto Administrativo da Namaacha localiza-se a sede do distrito, e o seu raio de influência abrange todo o espaço distrital.

**TABELA I**  
**DIVISÃO ADMINISTRATIVA DO DISTRITO DA NAMAACHA**

POSTOS ADMINISTRATIVOS	LOCALIDADES
NAMAACHA	NAMAACHA - SEDE DISTRITAL IMPAMPUTO MAFUIANE CULULA
CHANGALANE	CHANGALANE-SEDE MICHANGULENE MAILANE GOBA

*Fonte: Administração do Distrito de Namaacha, 1995.*

# DISTRITO DE NAMAACHA

## Localização da Área de Estudo

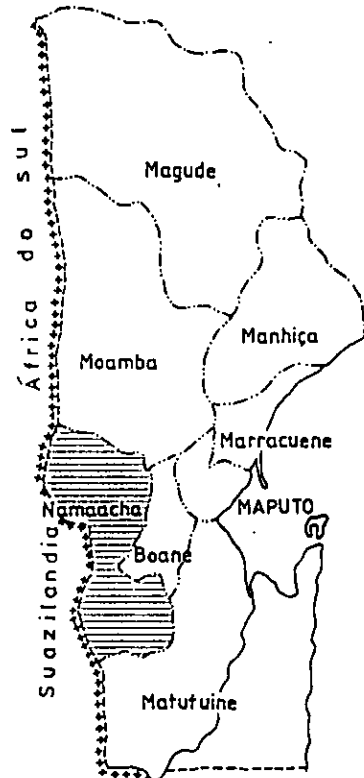


REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE



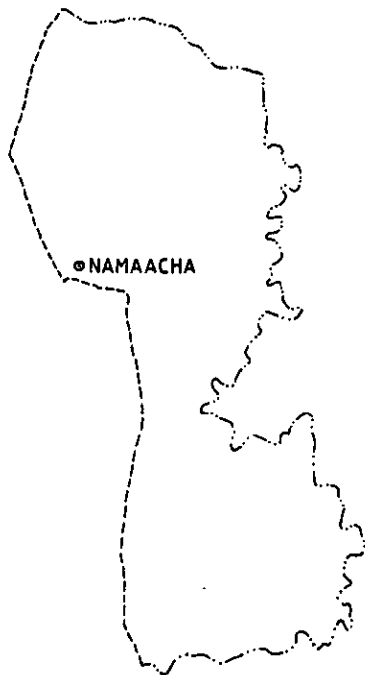
Escala 1:16 000 000

PROVÍNCIA DE MAPUTO



Escala 1:3 400 000

DISTRITO DE NAMAACHA



Escala 1:1000 000

## II. O MEIO AMBIENTE FÍSICO

O conhecimento do meio ambiente físico de uma região mostra-se extremamente importante para o homem, que nele busca a sua forma de sobrevivência, aplicando uma acção directa ou indirecta sobre os recursos naturais.

Essa acção pode causar desequilíbrios no meio ambiente, caso a mesma interfira nas relações existentes entre os diferentes recursos naturais.

### 1. PRINCIPAIS FORMAÇÕES GEOLÓGICAS

O embasamento geológico do distrito da Namaacha ocorreu no fim da época Jurrássica, na última fase do Karroo - O Stormberg. Este período foi caracterizado essencialmente pela emissão de lavas vulcânicas e riolitos que constituem os Grandes Libombos; e pelo derramamento de basaltos que formam a depressão do Impamputo-Umbelúzi (Nunes, 1969; Moura, 1959).

Os Grandes Libombos, que ocupam toda a parte ocidental do distrito (Mapa 2), são constituídos basicamente por riolitos, mas neles também se encontram grés e argilitos com estruturas fósseis que denunciam um carácter extrusivo contaminado por assimilação parcial, outras rochas turfáceas, brechas, tufos e cinzas vulcânicas, bem como rochas com abundante material sedimentar (Carvalho, 1974. p. 2-3).

Os basaltos, de idade idêntica à dos riolitos, são denominados por «basaltos do Impamputo», e ocorrem quase sempre em regiões aplanadas e vales (ao contrário dos riolitos que ocupam as áreas mais acidentadas).

Tanto os basaltos como os riolitos são cortados por intrusões, geralmente em forma de diques, cones vulcânicos ou filões de rochas do tipo porfiro riolítico, traquitos, doleritos e basaltos doleríticos (Carvalho, 1974).

O Cretácico (Post-Karroo) está representado na área pelo complexo vulcânico dos Pequenos Libombos (Mapa 2). Litologicamente são constituídos por riolitos típicos de cor vermelha-acinzentada ou esverdeada, com estrutura fluvial, laminar e vaciolar ou de brecha vulcânica. Localmente, são jaspoides e gresosos por provável contaminação. A esta série sobrepõe-se a dos basaltos do Impamputo e têm uma espessura idêntica (Freitas, 1975).

Os basaltos do Movene e Changule, localizados na parte oriental do distrito (Mapa 2), possuem grão fino e são compactos de textura porfítica, por vezes dolerítica. Os primeiros estão cronologicamente associados ao



complexo riolítico dos Pequenos Libombos e portanto mais recentes que os basaltos do Impamputo. Ocupam uma area muito menos extensa que os do Impamputo.

A Sudeste do distrito, o manto riolítico é cortado por alguns terraços e áreas de cobertura arenosa, do **Quaternário** (Mapa 2). Estas formações sedimentares encontram-se, com maior ou menor dimensão, representadas em todos as bacias fluviais de certa dimensão da área, tais como as dos rios Umbelúzi, Changalane e Mazeminhama. Assim como as aluviões, estas são bastante heterogéneas, constituídas por sedimentos fluviais não consolidados e possuindo por vezes níveis de cascalheira de quartzito, riolito, basalto e outras rochas trazidas pelas correntes de água e pelo vento da porção mais ocidental - os Grandes Libombos. É de referir a acção erosiva hídrica desenvolvida pela rede hidrográfica que poderá ter posto a descoberto possíveis formações de "antigos fundos marinhos" anteriormente cobertos por materiais arenosos (Boléo, 1950).

A **formação do Tembe (TTsm)**, que constitui uma das formações sedimentares **Terciárias**, de idade atribuída ao Mio-pliocénio, está representada por algumas pequenas manchas ao longo da planície aluvial do rio Tembe e dos seus afluentes Changalane e Mahabe. Litologicamente é composta por calcários conglomerados fossilíticos e grés ferruginoso de grão médio sem fósseis.

Boléo (1950) atribui também a este período a "coroa de basaltos" que rodeiam os Pequenos Libombos.

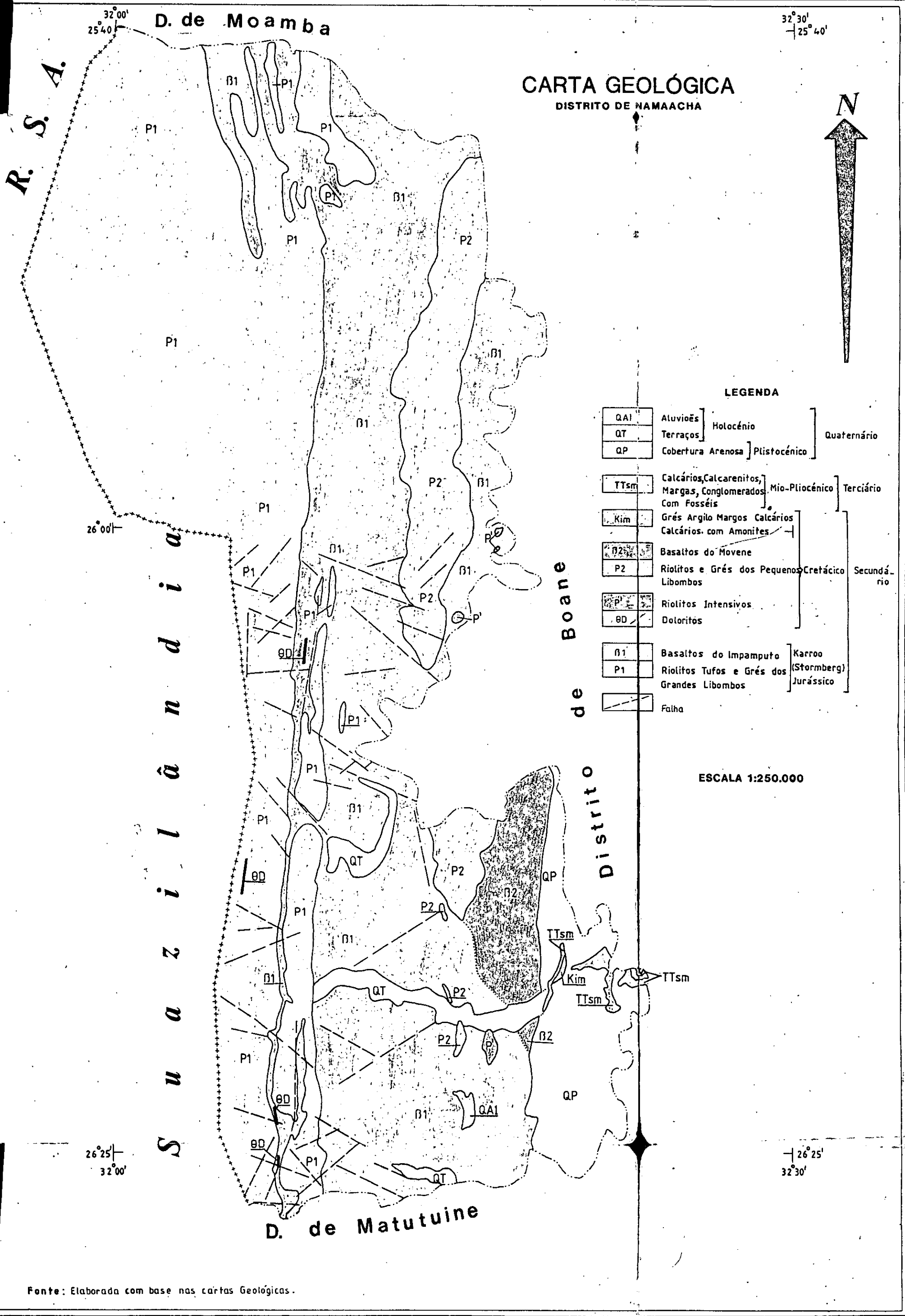
**Em algumas destas formações geológicas aparecem materiais de interesse para a sua exploração.**

Na faixa costeira dos Libombos, região da Namaacha, verifica-se a ocorrência de perlites e montmorilonites.

As rochas ácidas dos Libombos têm fornecido grande parte da pedra utilizada na construção civil em Maputo (cidade e província).

Segundo Boléo (1950, p. 42), a fronteira política dos Libombos coresponde a uma verdadeira fronteira geológica. No passado, pensou-se que as manchas do Karroo do Transvaal, carboníferas por excelência, se alargassem para o território moçambicano. Assim pensava, em 1929, Freire de Andrade. Todavia os terrenos transvalianos, para Oeste dos Libombos, são mais antigos do que aqueles que vieram a pertencer-nos e daí o facto do carvão se considerar inexistente, quer nos "conglomerados do Alto Limpopo", quer nas formações vulcânicas dos Libombos.

"Em 1891, Freire de Andrade, então chefe da Repartição de Minas e Agrimensura de Moçambique, fez largas pesquisas de ouro e diamantes



**CARTA GEOLÓGICA**  
DISTRITO DE NAMAACHA



**LEGENDA**

QA1	Aluvioes	Holocénio	Quaternário
QT	Terraços		
QP	Cobertura Arenosa	Plistocénico	
TTsm	Calcários, Calcarenitos, Margas, Conglomerados, Com Fosséis	Mio-Pliocénico	Terciário
Kim	Grés Argilo Margos Calcários, Calcários com Amonites	Cretácico	Secundário
B2	Basaltos do Movene		
P2	Riolitos e Grés dos Pequenos Libombos		
P1	Riolitos Intensivos	Karoo (Stormberg)	Jurássico
BD	Doloritos		
B1	Basaltos do Impamputo	Karoo (Stormberg)	Jurássico
P1	Riolitos Tufos e Grés dos Grandes Libombos		
- - -	Falha		

ESCALA 1:250.000

Fonte: Elaborada com base nas cartas Geológicas.



na formação dos Libombos, nada encontrou de notável, mas como datava os grés, conglomerados de Lourenço Marques e a erupção dos Libombos, do carbónico ao Triássico, isto é, do Karroo, convencido continuou da possível existência de ouro, carvão e diamantes naqueles horizontes geológicos” (Boléo, J. 1950. p. 43).

Até agora nenhum destes recursos minerais foi encontrado, ficando contudo a hipótese da sua existência ainda por confirmar.

## 2. GEOMORFOLOGIA

“O estudo geomorfológico de qualquer região é de vital importância devido à estreita ligação que ele tem com os restantes elementos naturais e, em larga medida, por determinar a configuração da paisagem actual” (Muchangos, 1989, p. 9).

No distrito da Namaacha consideram-se dois conjuntos morfo-estruturais: os Libombos, de origem vulcânica; as colinas e planícies sedimentares (Mapa 3).

### 2.1. A CADEIA DOS LIBOMBOS

Esta formação, em território moçambicano, estende-se desde a margem esquerda do rio Maputo, no Sul da Província, até ao Pafúri, onde o rio Lipompo atravessa a fronteira, numa extensão de 900 kms, com a orientação N-S, juntando o Karroo do Natal ao médio Lipompo (Boléo, 1950, p. 69). Para Sul do país, entronca na série montanhosa do «Queme Range», formação essencialmente de rochas ígneas (Lopes, 1979).

Por vezes os Libombos alcançam uma largura de 30 kms, constituindo a linha fronteira entre Moçambique a Suazilândia e a África do Sul por um espaço de cerca de 500 km. No entanto, eles não são mais do que a porção mais oriental da enorme cadeia dos Drakkensberg, separada daqueles por uma zona intermédia de terras abaixadas da Suazilândia Oriental e Letaba, graças à acção peniplanificadora dos rios Umbelúzi, Incomati, Sabié, Elefantes e Lipompo, que pelas quebradas da cadeia entram para o território moçambicano (Boléo, 1950).

Na sua extensão N-S, observam-se variadas falhas com lábios por vezes muito abertos (ravinas), por onde se faz a saída das rochas vulcânicas. Destas rochas, umas são básicas, em que predominam basaltos, outras ácidas, com

predomínio de riolitos. A estrutura desta cadeia é monoclinal, apresentando estratos inclinados para Leste, em geral entre 10° a 20°.

Os Montes Libombos, (Cadeia ou Cordilheira dos Libombos) ocupam toda a parte ocidental do distrito e constituem o acidente de relevo mais importante do Sul de Moçambique, apesar da sua fraça altitude média, que ronda os 400 e 500 metros (Muchangos, 1991, p. 57).

O planalto da Namaacha é o retalho mais perfeito dessa topografia, com uma superfície ligeiramente ondulada, e declives entre 0° e 5°. No rebordo noroeste do planalto, ergue-se o ponto mais elevado do distrito e do sul do Save - o Monte Ponduíne (ou M'Ponduíne), com 801 m de altitude ou seja, 200 m acima do planalto (Mapa 3).

Nesta cadeia enquadram-se os Grandes e os Pequenos Libombos.

Os Pequenos Libombos, confinando directamente com a planície litoral, estendem-se desde as proximidades do rio Incomáti até Changanane, sendo a altitude máxima de 291 metros (Muchangos, 1991, p. 57). São atravessados pelas baixas do Impamputo, sendo, tal como os Grandes Libombos, uma unidade geológica com afloramento riolítico, contrastando apenas na menor altitude e extensão. Nela existem algumas elevações como as de Libovane, Múguene e Quindezanine. As maiores altitudes andam entre os 200 e 300 metros (Mapa 3).

## 2.2. AS COLINAS


























Na área de estudo, as colinas ocupam a superfície entre o vale do rio Movene e o distrito de Boane. Estas unidades geomorfológicas, em forma de "cuestas" ou costeiras, apresentam os topos ligeiramente aplanados, a altitudes que variam entre 300 e 350 m. A própria Vila e Sede Distrital da Namaacha ergue-se numa larga colina.

Na depressão basáltica de inter-Libombos (ou do Impamputo) surgem elevações riolíticas ou de tufo, com forma de "cuesta", mas muito baixas - 160 a 200 m; elas constituem as pequenas colinas pré-libombianas (Lopes, 1979).

Geralmente estas áreas são circundadas por vales abruptos e em direcção a estes abrem-se enormes ravinas por onde escorre a agua das chuvas.



LEGENDA EXPLICATIVA

	Solos arenosos amarelados		Solos de Post-Mananga com textura grossa
	Solos basálticos líticos		Solos riolíticos líticos
	Solos basálticos pretos		Solos riolíticos líticos
	Solos basálticos vermelhos		Solos líticos sobre seixos rolados
	Solos de coluviões argilosos acastanhados		Solos de Post-Mananga sobre seixos rolados
	Solos de coluviões de textura média		Solos de coluviões sobre seixos rolados
	Solos de coluviões argilosos de sopé das encostas		Post-Mananga sobre Mananga
	Ver Cc		Sódica
	Solos de aluviões argilosos		
	Solos de aluviões estratificados de textura grossa ou média		
	Solos de mananga com cobertura arenosa de espessura variável		
	Ver M1		
	" "		
	Ver M1		
	Solos de Post-Mananga sobre basaltos		
	Solos de Post-Mananga com textura média		
	Solos de Post-Mananga com textura grossa		

### III. CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO

O estudo dos dados demográficos é particularmente importante do ponto de vista científico, tanto para a definição de uma política demográfica, como para a organização de vida dos agrupamentos humanos e para as tarefas de planificação económica do país pelo governo não só nacional e provincial, mas também pelo governo local (distrital) (Muchangos, 1989, p. 23).

#### 1. EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO

A população do distrito da Namaacha é essencialmente do grupo Ronga da Família thonga. Na vila de Namaacha também se encontram núcleos de Suazis da família Nguni. No posto de Changanane há grande diversidade de etnias: Suazis, Rongas, Changanes, Bitongas, Macuas e Machopes. Esta multietnicidade é verificada tanto a nível individual como comunitário. As línguas mais faladas na região constam na Tabela VI, abaixo representada.

TABELA VI  
POPULAÇÃO DO DISTRITO DA NAMAACHA POR LÍNGUAS

LÍNGUAS	TSONGA	SWAZI	RONGA	CHOPE	TSWA	GITONGA	ZULU
TOTAL	7688	7324	6444	1110	766	338	149

Fonte: Conselho Coordenador do Recenseamento, Vol. 10, 1983.

De acordo com o Censo Geral de 1980, a região com uma área de 2.279,2 km<sup>2</sup>, possuía uma população de 24.673 habitantes, distribuídos pelas suas 8 localidades e pelos 2 postos administrativos (Tabela VII).

A densidade populacional do distrito para o mesmo período era de 10,8 habitantes por km<sup>2</sup>, portanto inferior à média do país, que era de 15,2 pessoas por km<sup>2</sup>, sendo a dimensão do agregado familiar de 5 pessoas para um total de 5.159 famílias.

A população do distrito foi crescendo progressivamente. Comparando os dados obtidos nos Recenseamentos Gerais efectuados no país em 1970 e 1980 (Tabela VII) observou-se um aumento absoluto da ordem dos 8.139 pessoas, o que correspondeu a uma taxa de crescimento na ordem dos 3.1% ao ano.

Em 1994, de acordo com dados colhidos na Administração do distrito, a população era de 42.146 habitantes, tendo assim ocorrido um aumento absoluto da ordem dos 17.473 pessoas num período de 14 anos. Os 42.146 habitantes da região encontram-se repartidos pelas várias localidades conforme a Tabela VII e Mapa 7.

A diferença de crescimento entre 1970-1980 (8.139) e 1980-1994 (17.473) foi o dobro. As razões desta situação não estão estudadas, podendo avançar-se diversas hipóteses, dentre as quais se destacam: o número crescente deslocados residentes actualmente no distrito e o regresso da população que durante o período de guerra haviam-se refugiado na cidade de Maputo e arredores.

**TABELA VII**  
**DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DO DISTRITO DE NAMAACHA**

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL	POPULAÇÃO EM 1970	POPULAÇÃO EM 1980	POPULAÇÃO EM 1991	POPULAÇÃO EM 1994
POSTO ADMIN. NAMAACHA	-	17.194	16.838	20.854
POSTO ADMIN. CHANGALANE	-	7.579	6.954	20.292
TOTAL	16.534	24.673	23.792	41.146

*Fonte: Recenseamento Geral da População, 1970, 1980; CNP, 1991; Administração do Distrito da Namaacha, 1995.*

“Factores da variação geográfica, a natalidade e a mortalidade refletem não só características fisiológicas da população, mas também condições económicas, sociais e espirituais” (Ferreira, 1968. p. 238).

Não tendo sido possível obter informação sobre os índices de natalidade e mortalidade globais para o distrito, apresentam-se apenas valores dos nascimentos e mortes registadas pela Direcção Distrital de Saúde, o que sendo um indicador, está longe de refletir a realidade do distrito (Tabela VIII).

**TABELA VIII**  
**NASCIMENTOS E ÓBITOS INSTITUCIONAIS**  
**NO PERÍODO DE 1992-1994**

PERÍODO	NASCIMENTOS	ÓBITOS	MORTALIDADE INFANTIL
1992	312	-	-
1993	352	28	15
1994	487	23	18

*Fonte: Direcção Distrital de Saúde, Namaacha, 1995.*

Observando-se a evolução dos nascimentos e óbitos institucionais desde 1992, verifica-se que, enquanto o número de nascimentos tende a aumentar de ano para ano, sendo este aumento de 40 nascimentos para o período de 1992-1993, e de 135 para 1993-1994.

Contudo, houve uma ligeira redução no número de óbitos registados (menos 5 em relação a 1993). Esta diminuição dos óbitos institucionais no distrito pode estar relacionada com a melhoria no tratamento da água consumida, que muitas vezes era imprópria para o consumo humano mas que devido a escassez deste líquido a população se via obrigada a consumir.

A mortalidade infantil para o mesmo período (1993/94), de acordo com dados da Direcção Distrital de Saúde, passou de 15 para 18. Para os nados mortos, registaram-se em 1992 cerca de 12, tendo este número sofrido um decréscimo no ano de 1993 para 5, em 1994 voltou a subir para 12 nados mortos.

Quanto às principais causas da morte, as estatísticas apontam para as doenças mais comuns: diarreia com sangue no caso das crianças, e a malária, tanto para as crianças como para os adultos.

## 2. ESTRUTURA DA POPULAÇÃO

Importa aqui analisar, a distribuição da população por idade, sexo e actividades económicas.

“Quando se estuda a repartição por idades de determinada população há que considerar dois aspectos: um, meramente estatístico, permite classificar essa população de jovem, velha ou estrutura intermédia, por meio das percentagens dos diferentes grupos etários - jovens (menos de 20 anos), adulta (20 a 59 anos) e velha

(60 e mais anos); o outro, tomando em conta certos gráficos muito expressivos (pirâmides de idades), dá-nos uma imagem representativa daquela classificação e, ao mesmo tempo, consierta a repartição por sexos e possibilita a definição de tendências evolutivas” (Medeiros, 1967. p. 194).

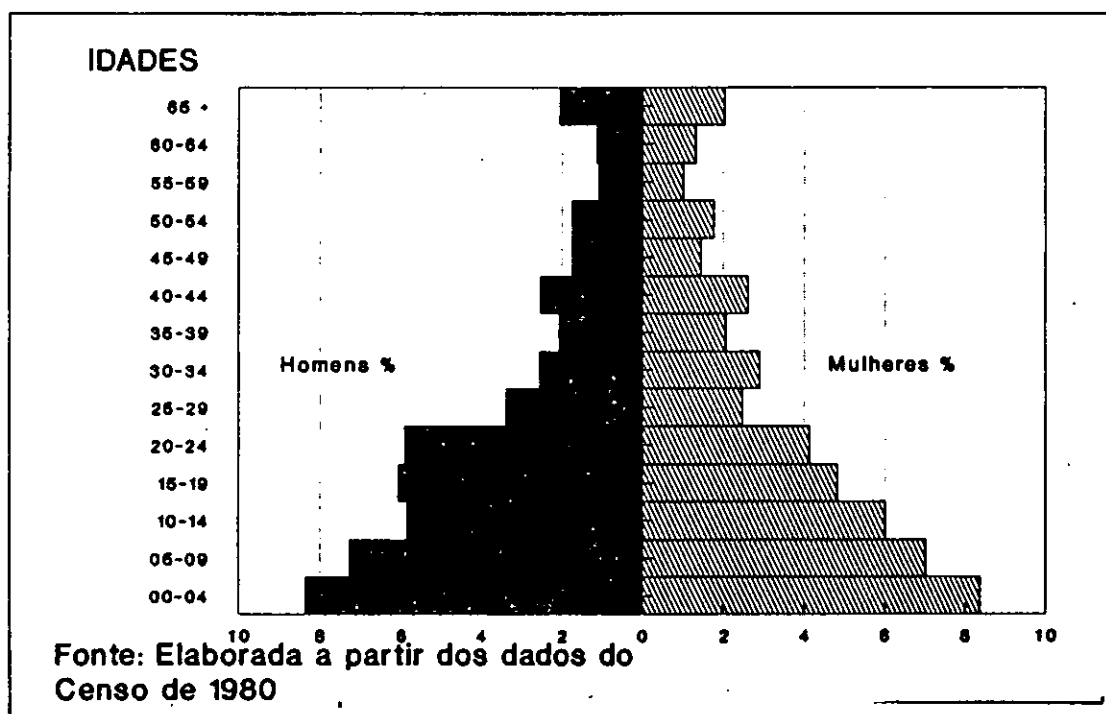
A pirâmide etária de 1980 (figura 7) mostra uma população estruturalmente jovem. O grupo de idades com menos de 20 anos é o mais representativo (53.77), apesar de o grupo de adultos conter uma significativa percentagem populacional (39.47).

Pela observação da pirâmide, pode deduzir-se que a taxa de natalidade, no distrito, é bastante elevada, tal como sugere a estrutura jovem da população (base larga), e que a taxa de mortalidade apresenta um ligeiro declínio (facto este visível no grupo 65 e mais (6.76). Para o referido período, o país apresentava uma pirâmide idêntica, com a base bastante larga e com a natalidade de 47.14 por mil e a mortalidade igual a 20.69/mil, o que implica que houve em 1980 um saldo fisiológico na ordem dos 2,64%.

O índice de masculinidade do distrito em 1960 foi de 109, o que significa um decréscimo de 8.0 uma vez que em 1970 o índice era de 101 e em 1980 de 108 (Recen-seamento Geral da População de 1970, 1980); isto é, em 1980 voltou-se ao “sex-ratio” de 1960.

Quanto às percentagens dos dois sexos, os homens constituíam 52% da população em 1980.

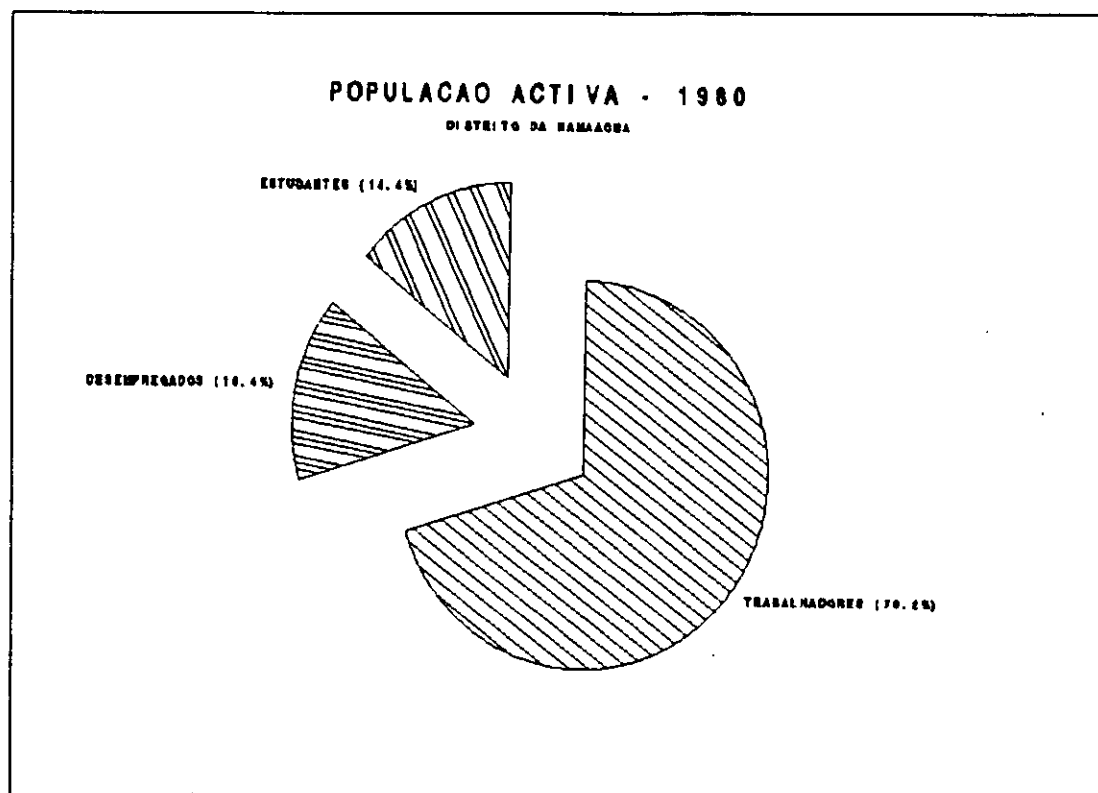
**FIGURA 7**  
**PIRÂMIDE ETÁRIA DO DISTRITO DA NAMAACHA**  
**(1980)**





Dos 24.673 habitantes recenseados em 1980, constituíam população economicamente activa 15.775 e, desta, apenas 11.078 trabalhavam incluindo o sector familiar. A restante população activa era constituída por estudantes, desempregados e outros (RGP. 1980, p. 44) (Figura 8).

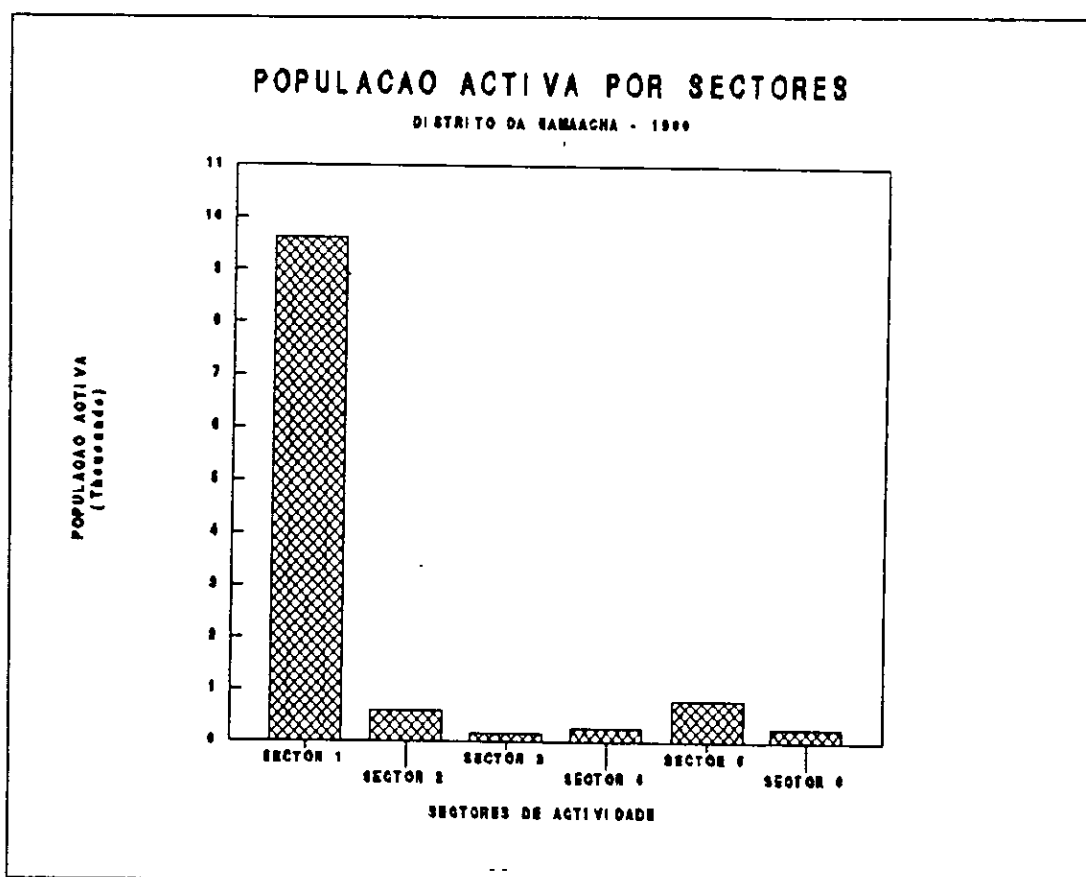
**FIGURA 8**  
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA (1980)



Tal como podemos observar no gráfico ao lado, a população activa corresponde a 64% da população total do distrito. Desta, 70.2% trabalham, 15.4% é desempregada, 14.4% estudante e 11% da população tem outra ocupação.

O Recenseamento Geral da População de 1980, o último efectuado no país, distribui a população activa do distrito de Namaacha pelos seguintes sectores de actividade (Figura 9).

**FIGURA 9**  
**DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES**  
**DE ACTIVIDADE (1980)**



**LEGENDA:**

- Sector 1: Agricultura, Silvicultura e Minas
- Sector 2: Indústria, Electricidade e Construção
- Sector 3: Transportes e Comunicações
- Sector 4: Comércio
- Sector 5: Educação, Serviços, Saúde e Administração Estatal
- Sector 6: Outros.

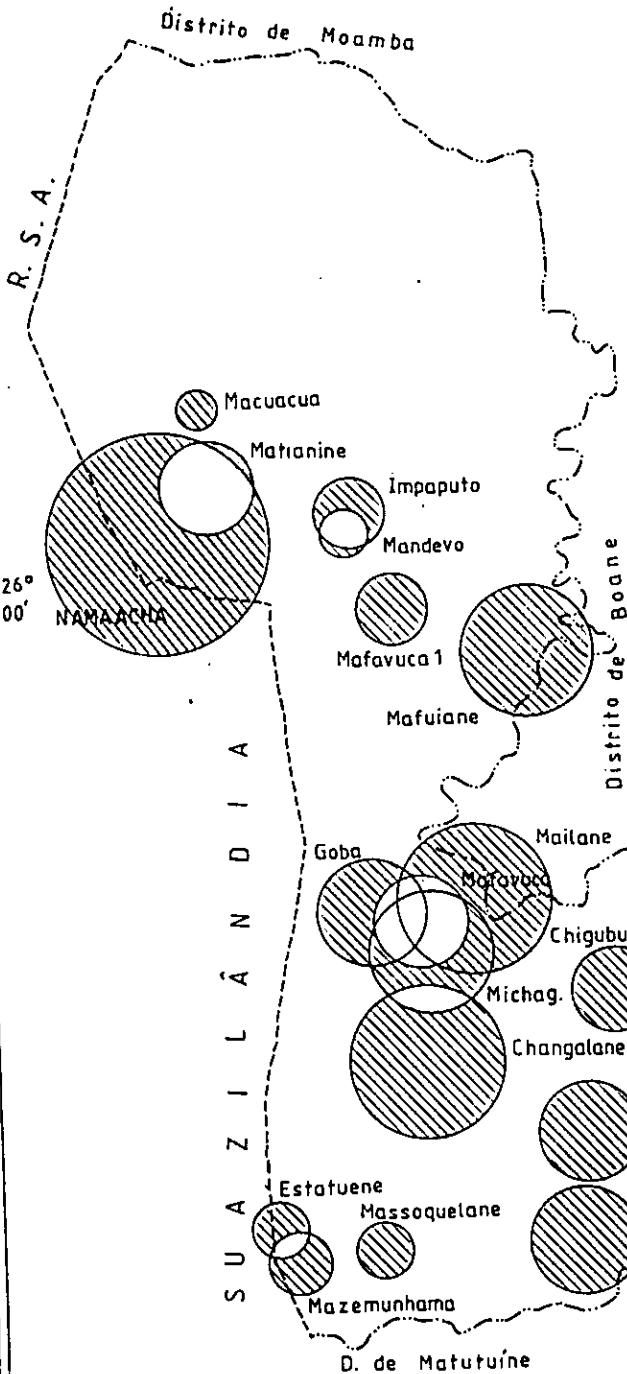
Quanto a distribuição actual da população activa do distrito, verifica-se que houve uma redução significativa dos postos de trabalho, como resultado da paralisação de várias empresas quer no ramo comercial, industrial como mineiro, devido à guerra, o que contribuiu bastante para o aumento do desemprego e para a diminuição da população activa na região.

A título de exemplo, o número funcionários da Administração Estatal que em 1980 eram 208, este ano foi estimado em cerca de 53 trabalhadores. A Educação sofreu também uma redução do pessoal: de 248 em 1980 para 109 em 1995 (RGP, 1980; Direcção Distrital da Educação, 1995).

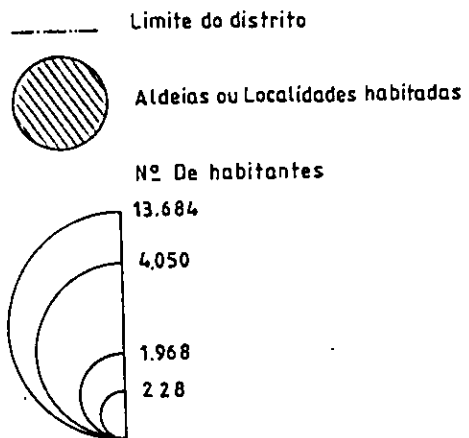
32°00'

# DISTRITO DE NAMAACHA

## Distribuição Territorial da População 1995



### LEGENDA



26°  
00'

Escala 1:500.000

FONTE: Elaborado com base nos dados fornecidos pela Administração Distrital, 1995

32°00'

### 3. MOVIMENTOS DA POPULAÇÃO

A história da distribuição espacial da população e da sua densidade está intimamente relacionada com o fenómeno demográfico que denominamos migrações. Apesar deste fenómeno ser frequentemente verificado no distrito, tal como em todo o país, difícil se torna abordá-lo devido à carência de informações.

Contudo, segundo Roque Muquessuane, actual administrador do distrito, os residentes de Namaacha (distrito) deslocam-se com frequência à Suazilândia e à África do Sul, países com os quais o território faz fronteira. Esses movimentos da população são periódicos, quando o motivo é a busca de postos de trabalho, que na região são escassos, ou então diários, se feitos por moradores residentes na vila da Namaacha, que, por norma estabelecida pelos serviços alfandegários, podem deslocar-se para a Suazilândia 4 vezes por semana, com uma única passagem por dia.

A duração das migrações internacionais, depende do contrato estabelecido pelos trabalhadores no exterior, sendo este normalmente de 1 a 2 anos. Depois disso, os emigrantes retornam ao distrito. Durante o período de guerra este movimento da população foi bastante elevado, e nem todos regressaram ao País, pois durante esses anos nos países vizinhos (Suazilândia e África do Sul), alguns bens foram acumulados, fazendo com que se fixassem naqueles países. Contudo, não existe nenhum registo sobre este fenómeno, o que dificulta o seu estudo, além de que um grande número de pessoas atravessa clandestinamente a fronteira.

Existem também as deslocações para a cidade de Maputo, onde parte da população do distrito possui os seus trabalhos, familiares e amigos. Estas deslocações são, tal como as anteriores, muito frequentes.

O MUKHERO constitui, um tipo específico de migrações internacionais diárias, que se têm tornado um dilema para as autoridades da área de estudo. A causa principal deste movimento populacional de outras províncias para o distrito de Namaacha é a actividade comercial, realizada na fronteira com a Suazilândia. Segundo o administrador do distrito, o MUKHERO, como é localmente designada esta actividade, cria uma ilusão nas pessoas levando-as a abandonarem as suas terras para tentarem praticar esta actividade. "Tem aparecido pessoas de vários pontos do país, como da província de Cado Delgado, Inhambane, Gaza, Sofala e outras, que uma vez chegados ao distrito conseguem introduzir-se nesta viciosa actividade permanecendo em casas de familiares residentes na vila da Namaacha sobretudo, outros por falta de dinheiro para a compra de Rands, têm regressado as suas regiões de origem depois de algum tempo no distrito" (ROQUE MUQUESSUANE - Administrador do Distrito da Namaacha).

O MUKHERO no distrito da Namaacha é praticado por cerca de 13.000 pessoas, que residem num raio de 20 km da fronteira. Contudo pode facilmente constatar-se que não só os residentes da sede distrital exercem este tipo de actividade, mas também aqueles que, por motivos de trabalho, encontram-se a residir temporariamente na região. Deste modo, nota-se que esta actividade económica não só é, praticado em regime de tempo inteiro como também é, para várias pessoas, uma forma de rendimento familiar complementar.

Face a esta situação, é natural que o número de 13.000 pessoas que praticam o MUKHERO esteja subestimado. Seria necessário um estudo específico para se ter uma ideia mais correcta do número de famílias envolvidas nesta actividade informal tão importante para a vila da Namaacha, e qual o seu peso económico.

Em 1989 residiam no distrito da Namaacha 21.435 pessoas transferidas devido à guerra, e outras 4.836 como deslocados, num total de 26.521 pessoas, das quais cerca de 1,80% se encontram numa situação de emergência (Ministério da Agricultura, 1993).

#### 4. AS FORMAS DE POVOAMENTO

A estrutura do relevo vulcânico e os seus reflexos sobre o clima e os solos influenciaram o tipo de povoamento. As áreas montanhosas dos Libombos, são fracamente povoadas, enquanto na planície se observa uma maior densificação, variando a forma de organização entre o nitidamente disperso e o início de concentrado.

A distribuição territorial da população rural tem uma íntima relação com os tipos de ocupação e posse de terra inseridos na política geral do desenvolvimento vigente. As causas da organização da população no espaço devem ser ainda procuradas nas relações sociais e económicas que a história da área em estudo (ARAÚJO, 1982, p. 177). As diferenças territoriais que surgem são o resultado do desigual processo de produção, tendo sempre em conta que o meio sócio-económico não é um simples agrupamento de indivíduos e de elementos sócio-económicos, mas um sistema cuja estrutura concreta é determinada pela natureza das relações que situam os indivíduos no processo social de produção e de reprodução (MARIANOVA IN ARAÚJO, 1988).

Na área de estudo, esta relação verifica-se quando se compara a situação durante o período colonial e o pós independência. O espaço criado na época colonial apresentava fundamentalmente duas formas de ocupação territorial

distintas e que, de certo modo se impõem: dum lado encontravam-se as grandes empresas agrícolas estrangeiras, os agricultores portugueses e os grandes criadores de gado que ocupavam as terras mais férteis e de fácil acesso (ARAÚJO, 1988, p. 365). Este espaço era constituído por extensas áreas alienadas aos anteriores utilizadores. A estes ainda se juntavam os comerciantes que, instalando-se próximo das plantações ou ao longo das principais vias de comunicação, criavam um espaço que viria a ter um papel importante na distribuição do povoamento.

Essas áreas constituem hoje núcleos de povoamento relativamente densos, apesar da população nelas fixada ter trazido o seu próprio modo de vida. Por outro lado, os camponeses que cada vez mais se viam confinados a um espaço formado por terras menos férteis e de difícil acesso, ocupando pequenas parcelas dispersas e frequentemente sujeitos a deslocações forçadas.

A distribuição da população rural no distrito de Namaacha era reflexo destes dois processos. A predominância da agricultura empresarial colonial se, por lado afastava a população rural, levando-a a uma dispersão fora do território que lhes fora alienado, por outro lado a mão-de-obra era recrutada de entre essa população e funcionava como factor de atracção demográfica. A população rural era atraída pela oferta de emprego, ou forçada a vender a sua força de trabalho a estas unidades produtivas, fixava as suas casas e as suas machambas familiares no espaço circundante, mas de acordo com uma organização territorial dispersa e irregular. Originavam-se assim manchas de maior densidade demográfica (Araújo, 1988).

Portanto, não é de estranhar que o povoamento rural na área de estudo se caracterize por uma dispersão de fraca densidade, interrompido, em algumas áreas, por manchas de maior densidade.

A população rural que ocupa a maior parte do distrito de Namaacha, está geograficamente repartida em duas categorias distintas de organização no interior do espaço agrícola: uma implantação por agregados familiares isolados ou por pequenos grupos de alguns agregados familiares, e que normalmente é designado por HABITAT DISPERSO ou POVOAMENTO DISPERSO; e outra, por agrupamentos de casas de construção precária mais ou menos estruturadas, as quais se convencionou chamar de HABITAT CONCENTRADO ou POVOAMENTO CONCENTRADO. Este tipo de povoamento, é igualmente idêntificado na vila da Namaacha, diferindo somente no facto deste último ser constituído fundamentalmente por construções na base de material definitivo.

Vila da Namaacha, com uma forma de povoamento nitidamente concentrado, e as povoações de Changanane, Mafuiane, Mailane, Michangulene e Porto Henrique, que são núcleos de povoamento concentrado. As restantes povoações, com menos sectores de actividade económica e infraestruturas económicas e cuja função principal é a agropecuária, estão dentro da área de influência da sede do distrital e do posto administrativo de Changanane.

#### IV. FORMAS DE UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO

##### 1. AGRICULTURA

A agricultura é o sector mais importante para a economia de Moçambique: representa de 40 a 50% do PIB, emprega mais de 80% da força de trabalho, gerando cerca de 80% dos rendimentos para a exportação. (Ministério da Agricultura. 1993)

No distrito da Namaacha a agricultura constitui a principal fonte de rendimento e a que ocupa maior percentagem da população. De acordo com os dados referentes ao censo de 1980, a população economicamente activa no distrito é de 11.078, dos quais 8.817 pertencem ao sector agrícola (Tabela IX).

TABELA IX  
POPULAÇÃO ACTIVA EM 1980

DISTRITO	TOTAL A	GRÍCOLA	%
NAMAACHA	11.078	8.817	79.6

*Fonte: Unidade Técnica do Governo. Província de Maputo (1987).*

A importância da actividade agrícola para a região era já referenciada por VELOSO (1974), apesar deste não fazer qualquer referência ao número de pessoas envolvidas nesta actividade. A agricultura em Namaacha sempre esteve associada à criação de gado.

Esta actividade é praticada nas terras férteis dos vales dos Pequenos e Grandes Libombos, na parte Norte, e nos planaltos circundantes, na parte meridional do distrito. As principais zonas agrícolas são fundamentalmente: Changanane, Impamputo e Mafuiane (Mapa 8). Contudo, também é desenvolvida pela população das localidades de Mailane, Mafavuca e Matianine.

A agricultura é realizada por três sectores: o familiar, privado e o empresarial. De acordo com as disponibilidades financeiras, estes sectores apresentam diferenças que vão desde o modo de produção, meios de produção, área ocupada até aos tipos de culturas.

O Sector Familiar, ocupa geralmente poucos hectares de terra. Em 1980 o número de camponeses era de 4.105, ou seja 46,56% da população agrícola (M.A. 1993), áreas cultivadas eram de 5.635 ha, que em 1987 subiram para 6.744



ha. Em média, a superfície cultivada pelos agricultores era de cerca de 1,37 ha. Segundo informações fornecidas por Eulógio Fael- director distrital de agricultura e pesca, em 1994 a área cultivada por família variava em média de 1 a 2 hectares.

Os camponeses da região, têm imensas dificuldades financeiras que se aliam ao facto de estarem muito dependentes das características climáticas e pedológicas, da região. Para minizar esta dependência em relação às condições naturais, frequentemente unem-se formando: cooperativas, associações.

Como foi já mencionado, o tipo de produtos agrícolas cultivados no distrito varia consuante o tipo de agricultura praticada e quanto ao destino da produção. O sector familiar pratica uma agricultura em regime de sequeiro, tendo como principais culturas: o milho, amendoim, feijão nhemba, mandioca, batata-doce e de hortícolas, para o consumo familiar excepto em casos de existência de excedentes, em que os produtos são colocados para venda no mercado local. Os rendimentos deste sector são relativamente baixos.

Contudo, a agricultura familiar representa um sector de extrema importância para a região pelo número de população que ocupa (47%) e pela contribuição para a produção alimentar.

O Sector Privado cobre áreas superiores às do sector familiar (Tabela X).

**TABELA X**  
**SUPERFÍCIE OCUPADA PELO SECTOR PRIVADO EM 1989**

ÁREA (ha)	10	10-20	20-50	50-100	> 100
Nº DE PRIVADOS	6	15	53	16	42

*Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados do Ministério da Agricultura.1992.*

De acordo com informações da direcção distrital da agricultura (1995), em 1994 o sector empresarial deixou de existir, tendo as empresas LOMACO e AVICOLA DA NAMAACHA falido, e vendido toda a sua produção agrícola e pecuária. Nesse ano, as duas empresas dedicaram-se a produção de algodão (LOMACO), citrinos e hortícolas.

A LOMACO, possuía no distrito da Namaacha, mais precisamente no posto administrativo de Changalane uma área de 30.000 ha, dos quais 80 ha eram para cultivo sem irrigação e outros 80 eram irrigados.

No conjunto, os privados existentes no distrito da Namaacha representam

15.97% do total dos produtores da província de Maputo, numa área conjunta de 37.136 ha (M. A.1993). Contrariamente ao que acontece com o sector familiar que usa, exclusivamente, técnicas tradicionais, o privado e o empresarial ou misto utilizam tecnologia moderna de produção, dispendo de meios de irrigação, o que permite a obtenção de melhores rendimentos.

Este sector dedica-se principalmente ao cultivo de milho, amendoim, feijão nhemba, feijão manteiga, mandioca, batata-doce, batata-reno, cebola, tomate, ananás e hortícolas.

O Sector Estatal na década de 80 era constituído por 9 empresas agro-pecuárias, das quais 3 possuíam 800, 1000 e 35.000 ha respectivamente. Sobre as restantes não existe informação relativa a superfície total ocupada, sabendo-se apenas que a área cultivada não excedia os 600 ha o que representa uma percentagem insignificante em relação à área ocupada. Na altura, este sector cultivava milho, batata-doce, cebola, alho, tomate, girassol, feijão manteiga, mandioca, hortícolas e citrinos.

A região conta com 12 técnicos agrícolas, todos do sexo masculino que prestam serviço junto da Direcção Distrital de Agricultura, e assistem um total de 3.272 famílias, nas localidades de Changanane (1), Mafuiane (1), Namaacha (Sede) (10). As principais actividades desenvolvidas pelos técnicos são as seguintes:

- Melhoramento do sistema produtivo dos camponeses;
- Organização de cursos de formação e de seminários para os camponeses;
- Difusão da criação de pequenos animais e coelhos;
- Organização da comercialização agrícola;
- Promoção de actividades de apoio que influenciam positivamente o processo produtivo. (M. A.1993)

As maiores dificuldades enfrentadas pelos técnicos, são sobretudo causadas, pela falta de pessoal feminino, o que diminui a eficácia das intervenções na população camponesa, pois é a mulher aquela que mais trabalha no campo.

## CARACTERÍSTICAS DAS PRINCIPAIS CULTURAS

### • CITRINOS

As espécies de maior relevância são a laranja (*Citrus sinensis*), o grapefruit (*Citrus paradisi*), limão (*Citrus lemon*).

O cultivo é efectuado com técnicas modernas, sendo geralmente praticado pelos sectores privado, misto e estatal. A época de produção coincide com a estação invernal: Abril-Maio para o limão, Maio-Junho para o grapefruit, e os meses de Julho-Agosto para a laranja.

As colheitas anuais são de aproximadamente 25 ton/ha para o grapefruit, 22 ton/ha para a laranja e 18 ton/ha para o limão.

Estes frutos são comercializados na cidade de Maputo fundamentalmente.

### • MILHO

As variedades locais apresentam um ciclo vegetativo bastante longo, menor resistência às doenças e altura elevada.

As variedades seleccionadas mais utilizadas são SR-52 e R-200 para a cultura de irrigação; e Silver Mine e Kalahari para as culturas de sequeiro. Outras variedades usadas são a Katumane e a PNR 473, que têm proporcionado rendimentos satisfatórios.

As colheitas médias para o sector familiar (sequeiro), são extremamente baixas, não superando 500 kg/ha; a cultura irrigada pode ultrapassar 2 toneladas por hectare.

### • AMENDOIM

É uma das leguminosas de maior importância, embora seja cultivada quase que exclusivamente pelo sector familiar. As colheitas são bastante modestas, geralmente abaixo de 500 kg/ha, em sequeiro (M. A. 1993).

As variedades mais cultivadas são a Bebiano Branco, a Valência (importada do Zimbabwe), a Start e a Tamnut.

### • HORTALIÇAS

A produção de hortícolas é praticada tanto pelo sector familiar, com técnicas tradicionais e colheitas muito limitadas, como pelos sectores privado e misto, que utilizam superfícies irrigadas, proporcionando bons rendimentos.

Dentre as espécies mais cultivadas, destacam-se:

- O tomate (*Lycopersium esculentum*), com colheitas muito boas; a cebola (*Allium cepe*), e a batata reno (*Solanum tuberosum*).

## OUTRAS CULTURAS

Dentre as demais espécies cultivadas pelo sector familiar, as de maior significado são a mandioca, a batata-doce, o feijão nhemba, a frutícolas e outras hortícolas (couve, alface, cenoura, etc.). Outras culturas, praticadas principalmente em campos irrigados pelos sectores privado e misto, são o algodão e o feijão manteiga e frutícolas como o ananás, a banana, a manga, a papaia e o abacate. (Ministério de Agricultura. 1993)

Os dados sobre a Campanha Agrícola 90/91, fornecidos pela Direcção Provincial de Agricultura, evidenciam que a produção das principais culturas é principalmente realizada no sector familiar e no privado.

Num total de mais de 2.350 ha postos em cultura, cerca de 47% são cultivados com milho, menos de 5% com mandioca e com culturas hortícolas várias, cerca de 3,5% com amendoim e feijão, menos de 10% com ananás e entre 0.5 e 1% com outras culturas. Os rendimentos mais elevados são obtidos pelo sector privado, embora no sector cooperativo se registem resultados bons nalgumas culturas (mandioca e hortícolas diversas) (M. A. 1992).

**TABELA XI**  
**PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO DISTRITO DA NAMAACHA**  
**SECTOR PRIVADO, CAMPANHA 92/93**

CULTURAS	ÁREA SEMEADA (Ha)	ÁREA PERDIDA (Ha)	PROD. OBTIDA (Ton)
MILHO	753	200	442.4
AMENDOIM	6	0	2.88
FEIJÃO	2	0	0.7
F. MANTEIGA	10	4	2.1
MANDIOCA	40	4	90
BATATA-DOCE	7	5	3
CEBOLA	33.5	4	472.5
TOMATE	54.5	5	246
HORTÍCOLAS	41.5	15	238.5
ANANÁS	75	5	120
BATATA-RENO	26	4	197

*Fonte: Direcção Distrital da Agricultura e Pescas, (1995).*

No distrito de Namaacha, apenas o sector privado dedica-se a produção da batata-reno e de ananás. Este último produto agrícola foi parcialmente destruído pela praga de ratos, sendo também vítima de roubos, e de queimadas descontroladas nas machambas de agricultores das redondezas.

**TABELA XII**  
**PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO SECTOR FAMILIAR DISPERSO,**  
**NO PERÍODO 92/93**

CULTURAS	ÁREA SEMEADA (Ha)	ÁREA PERDIDA (Ha)	PROD. TOTAL (Ton)
MILHO	4175	3925	2355
FEIJÃO-NHEMBA	8	0	1.28
MANDIOCA	25	25	0
BATATA-DOCE	10	4	9

*Fonte: Direcção Distrital de Agricultura, 1995.*

Analisando a Tabela XII, pode-se verificar que na campanha agrícola 92/93, o sector familiar obteve rendimentos muito baixos. A cultura do milho, produto que constitui a base da alimentação da população da região, foi grandemente afectada pela prolongada seca que se verifica em toda a zona sul do país. Dos 4175 hectares semeados, apenas foram aproveitados 250 ha ou seja 5.9%. O mesmo aconteceu com as restantes culturas: a mandioca, que muitas vezes substitui a batata-reno, foi totalmente destruída quer pela seca registada, como também por uma praga de cochomilha, doença fungosa que prevalece ainda em algumas zonas do distrito - Mailane e Mafavuça. A cochomilha tem atacado com frequência as folhas da mandioca, de tal forma que a planta acaba por morrer. No distrito de Nampula, os camponeses minimizam o efeito desta praga queimando toda a mandioca afectada, prática que não é usada na Namaacha. Deste modo se explica a necessidade que a região tem em termo de produtos alimentares.

Na vila da Namaacha o número e beneficiários com ajuda alimentar é de 5000 pessoas, seguindo-se depois as áreas de Changalane com 2500. Recebem menor apoio Mandevo, Macuacua, Germantine e Mafavuça, onde o número de população beneficiada não excede os 500 habitantes. (Unidade Técnica. 1995).

**TABELA XIII**  
**PRODUÇÃO OBTIDA PELAS COOPERATIVAS,**  
**ASSOCIAÇÕES E DESLOCADOS NA CAMPANHA 92/93**

CULTURA	COOPERATIVO	ASSOCIAÇÕES	DESLOCADOS
MILHO	7.8	45.6	150
AMENDOIM	0.35	38	41.26
FEIJÃO-NH	0.64	9.5	11.42
MANDIOCA	15	105	210
CEBOLA	30	0	0
TOMATE	3	0	0
HORTÍCOLA	10	0	0

*Fonte: Direcção Distrital de Agricultura (1995).*

Comparando as Tabelas XII e XIII, verifica-se que no período 92/93, o sector familiar disperso colheu maior quantidade de milho, tendo os deslocados obtido melhores colheitas de amendoim, feijão-nhemba e mandioca.

## 2. A PECUÁRIA

A actividade pecuária, tal como a agrícola, desempenha um importante papel na economia do distrito. No passado, para além de proporcionar emprego aos habitantes da região e de abastecê-la em proteína animal, era uma forma de acumulação de capital e de prestígio.

No distrito de Namaacha, como foi já mencionado, esta actividade esteve sempre aliada à agrícola, existindo para o efeito a Zona Pecuária da Namaacha, já mencionada em 1974 por VELOSO, abrangendo a área da sede e a Zona Pecuária de Changalane (Mapa 8). Dentro da primeira zona existiam os postos de Fomento Pecuário da Namaacha e do Impamputo. Nesta produzia-se leite, manteiga, yogurte e a preparação de mungidores. Na segunda tinha-se em vista o melhoramento de gado para abate, a criação de bons reprodutores para venda e a criação de suínos para repovoamento dos distritos do Norte. Actualmente, apesar destas ainda existirem, não possuem praticamente nenhum animal, estando estes espalhados principalmente pelo sector familiar.

Para abeberamento do gado existiam as represas: Malolo, Cala-Cala, Manhuana, Gumbe, Mabenga, Malcasse, Movene, Calacoco e Ponze, todas ao serviço dos chefados. Não foi possível saber as mesmas se encontram ainda em funcionamento, embora tudo leve a crer que não.

Na década de 70, o efectivo pecuário da região era de 12.713 bovinos pertencentes a europeus e 15.586 bovinos dos autoctones, 6.633 suínos, cuja criação era apenas feita pelo europeus, aves num total de 16.888 bicos, só na sede do distrito. No Posto de Changalane, tal como na sede, existiam os criadores autóctones e os europeus. Existiam 17.885 bovinos de europeus e 1.726 de criadores da região.

Assim, o número de cabeças de gado encontradas nesse período no distrito da Namaacha era de 47.910 bovinos, 6.633 suínos, 83.395 aves para além de outras espécies em menor quantidade (Tabela XVII).

Segundo dados do Recenseamento Geral de 1980, o total de espécies pecuárias para os sectores familiar, estatal e privado foi de 43.053, correspondendo, 32.039 ao gado bovino (Tabela XIV), dos quais 23.420 bovinos pertenciam ao sector familiar, 5.291 ao sector estatal e 3.400 aos privados. Quanto as restantes espécies, existiam 1.883 suínos e 9.057 cabritos e ovelhas. Destas, 23.420 cabeças pertenciam ao sector familiar enquanto o sector estatal possuía 5.500 cabeças (Tabela XIV).

**TABELA XIV**  
**DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DO GADO BOVINO,**  
**SEGUNDO O NÚMERO DE FAMÍLIAS: SECTOR FAMILIAR (1980)**

DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL	Nº TOTAL DE FAMÍLIAS	Nº TOTAL DE GADO BOVINO	TOTAL DE FAM. C/ GADO
CHANGALANE	947	2.140	99
CHIGUBUTA	317	1.549	64
MACUÁCUA	310	3.365	130
MAFAVUCA	825	1.951	124
MAFUIANE	583	1.838	131
MANDEVO	511	5.253	169
LOCALID.-SEDE	1.396	1.538	116
MATSEQUENHA	270	5.786	169
TOTAL	5.159	23.420	1.102

*Fonte: Recenseamento Geral de 1980.*

Os criadores familiares, com índices de produção satisfatórios, encontram-se maioritariamente concentrados nas regiões de Macuacua, Mandevo, Matsequenha, isto devido à utilização, nessas áreas, do gado para tracção, sendo no entanto esta utilização para fins agrícolas ainda muito reduzida.

Nos últimos quinze anos esta actividade tem declinado bastante, sendo o principal factor a insegurança vivida pela região, tendo muitos animais sido roubados e abatidos clandestinamente. Desta forma, de 43.053 cabeças existentes em 1980, actualmente, segundo dados fornecidos pela Direcção Distrital de Agricultura, o número de cabeças encontra-se notavelmente reduzido a 1.623 cabeças, ou seja cerca de 3.7%.

Na sede do distrito existem actualmente 537 bovinos, enquanto que na localidade de Changalane 1.086 bovinos (UELIÇENE, Sebastião. Auxiliar de Pecuária).

Quanto às outras espécies animais criadas na região, existem 711 caprinos, 451 suínos, 4 equinos, 32 asininos, 8.060 aves, 181 arietinas e 118 coelhos (Tabela XV).



**TABELA XV**  
**EFFECTIVO PECUÁRIO DO DISTRITO DA NAMAACHA**  
 (1994)

ESPÉCIE	NAMAACHA-SEDE (Nº DE CABEÇAS)	CHANGALANE (Nº DE CABEÇAS)	TOTAL
CAPRINO	246	465	711
SUINO	290	161	451
EQUINO	4	0	4
ASININO	7	25	32
AVES	7.911	149	8.060
COELHOS	28	90	118
BOVINOS	537	1.020	1.623
ARIETINA	51	130	181
TOTAL	9.074	2.106	11.180

*Fonte: Direcção Distrital da Agricultura, 1995.*

A pecuária é praticada por cerca de 189 criadores, dos quais 40 estão localizados na sede do distrito, 60 na localidade de Mafuiane e os restantes 89 encontram-se em Mahubo (Changalane).

A criação de animais é distribuída principalmente pelo sector familiar (mais de 80%), ao passo que o sector privado abrange 16%, o estatal 10% e o cooperativo apenas 2%.

A pecuária familiar está estreitamente ligada à agricultura e destinada essencialmente ao autoconsumo; a criação é do tipo extensivo e a alimentação do gado está extremamente correlacionada com os recursos forrageiros naturais e as condições climáticas; esporadicamente são administradas integrações de forragens ou de rações. Importa aqui mencionar que o distrito de Namaacha possui vastas áreas com pastagens de primeira classe, especialmente aptas para a pecuária (Barradas, 1962). A maior extensão está localizada na localidade de Changalane, razão pela qual esta região concentra mais de 50% do gado bovino do distrito.

Mas apesar do distrito possuir terras com vocação natural para a pecuária, que é preciso desenvolver, vários são os problemas encontrados por esta prática, sobretudo pelo sector familiar, dentre os quais os mais graves são:

- Situação de insegurança causada pela guerra (roubo e saque de gado)
- Concentração de cabeças de gado em áreas pouco extensas, como consequência da deslocação dos criadores para áreas mais seguras durante o período de guerra;
- Falta de alimentos e de água nos períodos mais secos;
- Falta de assistência técnica, remédios, vacinas e materiais de diversos tipos.

O sector privado é caracterizado por um tipo de pecuária mais intensiva, com o auxílio de infra-estruturas de apoio, equipamentos adequados, raças seleccionadas e ainda por uma correcta gestão. Geralmente dedica-se à criação de gado bovino leiteiro (M.A. 1992). Em 1994 a única empresa privada em funcionamento no distrito de Namaacha - a LOMACO, vendeu todo o gado bovino que possuía, retirando-se na região. (D. D. A. P. 1995)

O sector estatal é especializado sobretudo na criação de suínos, de galináceos e de bovinos leiteiros para a produção de lacticínios (M. A. 1992). Dentre as empresas estatais figurava em 1994 a Empresa Avícola de Namaacha, tendo esta tal como a LOMACO, paralisado as suas actividades devido a questões de ordem financeira.

A actividade pecuária no distrito de Namaacha tem a mesma importância que a agrícola, uma vez que quem a pratica é o agricultor, que exerce ambas actividades simultaneamente. Mas actualmente, resume-se apenas ao sector familiar.

As raças bovinas criadas tanto pelo sector familiar como pelo privado, pertencem, principalmente, às raças locais para carne, landim e Nguni, bem adaptadas às condições agro-ecológicas e patológicas da região (mosca tsé-tsé), mas de porte reduzido: cerca de 450 kg para a Landim e não além de 250 kg para a Nguni. (M.A. 1992).

## 2.1. EVOLUÇÃO DA PECUÁRIA NO DISTRITO

De acordo com os dados disponíveis, não é possível fazer uma evolução detalhada desta actividade no distrito, isto porque para uns anos os dados são completos ou seja, existe uma innumeração do número de cabeças de cada espécie,

não ocorrendo o mesmo para os outros anos. Contudo, de forma a permitir uma melhor análise dos dados, elaborar-se-á uma evolução consuante as espécies de gado, nomeadamente os bovinos, suínos e aves (Tabela XVI).

**TABELA XVI**  
**EVOLUÇÃO DO EFECTIVO PECUÁRIO EM NAMAACHA**  
**(BOVINOS, SUINOS E AVES)**

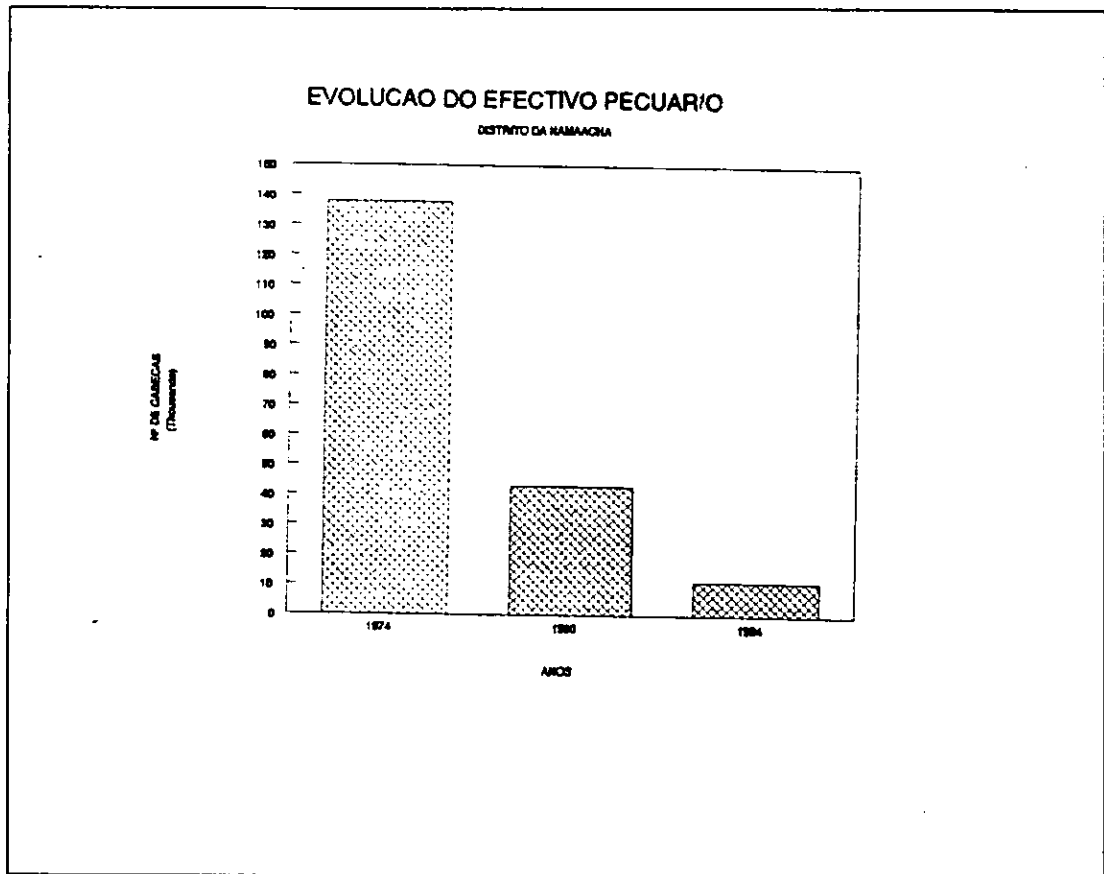
ANO	BOVINO	SUINO	AVES
1974	47.910	6.633	83.395
1980	32.039	1.883	(?)
1994	1.623	451	8.060

*Fonte: Elaborado pela Autora. 1995.*

Observando a Tabela XVI e a Figura 10, pode-se constatar uma diminuição drástica em toda a população pecuária. Importa mencionar que, actualmente, este gado não é consumido e nem vendido, uma vez que os criadores familiares (mais de 80%), pretendem aumentar o seu efectivo, que durante a guerra civil foi bastante prejudicado.

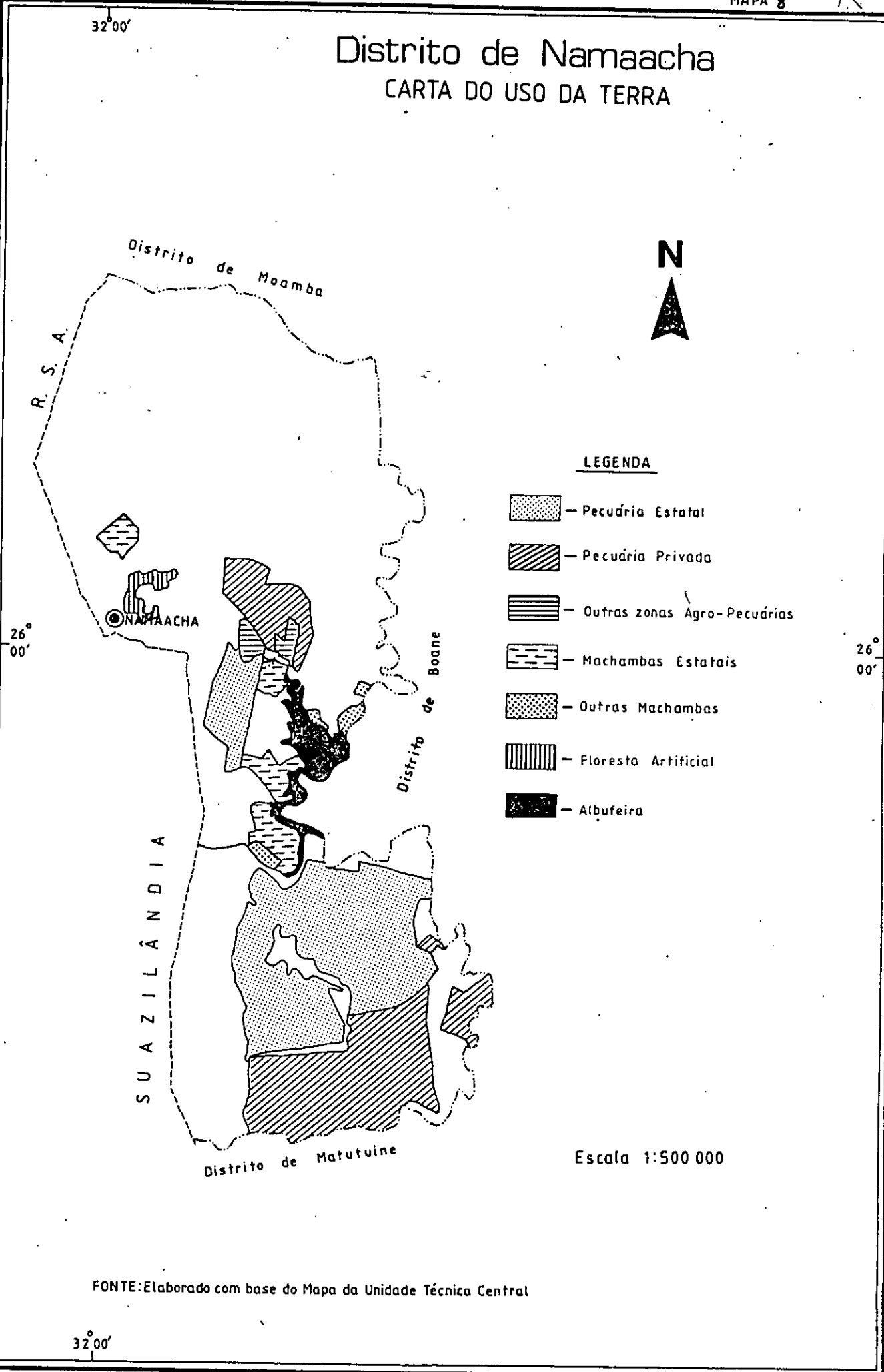
Os efectivos pecuários do distrito da Namaacha, como atrás se refere, foi reduzido para 4% do existente em 1980. Contudo a região beneficiará, no âmbito do programa de fomento pecuário em vigor no País, de cerca de 300 cabeças de gado bovino, que serão entregues a 30 famílias nas localidades de Mafuiane, Mailane, Impamputo e Changalane. (T.V.M. 20.8.95)

FIGURA 10  
EVOLUÇÃO DO EFECTIVO PECUÁRIO DO DISTRITO



# Distrito de Namaacha

## CARTA DO USO DA TERRA



32°00'

26°00'

26°00'

Distrito de Moamba

R. S. A.

NAMAACHA








Distrito de Boane

SUAZILÂNDIA

Distrito de Matutuine



### LEGENDA

-  - Pecuária Estatal
-  - Pecuária Privada
-  - Outras zonas Agro-Pecuárias
-  - Machambas Estatais
-  - Outras Machambas
-  - Floresta Artificial
-  - Albufeira

Escala 1:500 000

FONTE: Elaborado com base do Mapa da Unidade Técnica Central

32°00'

## 2.2 PERSPECTIVAS FUTURAS

A região possui boas condições ambientais para o desenvolvimento da actividade pecuária. No entanto, tendo em conta que esta é maioritariamente praticada pelo sector familiar (80%), que se caracteriza pela carência de meios financeiros, para levar a cabo esta actividade o governo, no âmbito do fomento pecuário, tem vindo a prestar apoio a este sector, no sentido de reerguer as zonas que antigamente eram potenciais criadoras de gado.

Com o objectivo de fomentar o desenvolvimento pecuária no distrito, que outrora ocupava um lugar de destaque como um dos maiores produtores de gado, fundamentalmente de bovinos, na zona Sul do país, serão entregues à população local, ou seja, aos criadores familiares do distrito da Namaacha, 300 cabeças de gado bovino em Agosto ou Setembro deste ano, sendo o total estabelecido de 1000 bovinos. A primeira remessa constituída pelas 300 cabeças, serão entregues a 30 famílias.

Deste modo, os criadores da região terão oportunidade de aumentar o seu efectivo pecuário, uma vez que para a alimentação deste gado, o distrito possui condições ambientais propícias.

As boas pastagens existentes em quase todo o distrito terão que ser devidamente aproveitadas não só como pastos naturais, mas também para a produção de forragens, que servirão para épocas mais secas e para alimentar o gado nos currais.

## 3. INDÚSTRIA

O Distrito da Namaacha encontra-se actualmente com uma baixa produção industrial, devido às sabotagens efectuadas durante o período da guerra civil, que provocaram a destruição da maior unidade industrial. A maior perda para a região foi, sem dúvida, a das infraestruturas da "Empresa de Águas de Montemor, Lda" (Canada Dry), localizada próxima da vila de Namaacha. As águas e os refrigerantes nela preparados já haviam conquistado o mercado interno e externo, sendo as águas exportadas para a Suazilândia (Veloso, 1974).

Esta fábrica, que constituía a maior indústria alimentar existente na área de estudo, e que actualmente se encontra actualmente em reabilitação, produziu em 1982 cerca de 1.387.000 litros de refrigerantes, que foram vendidos aos hotéis, cantinas e cooperativas de consumo do distrito. A mercadoria era transportada pelos compradores, uma vez que a fábrica não dispunha de meios de transporte.

A capacidade máxima desta indústria era de 7.200 litros/dia, o que significava cerca de 2.000.000 litros por ano (C.N.P., 1983).

Para a produção de refrigerantes a fábrica utilizava água vinda de quatro nascentes. As matérias primas requeridas para a produção dos refrigerantes eram fornecidas pela Sogere de Maputo (CNP. 1983).

Esta unidade industrial empregava, em 1982, aproximadamente 46 pessoas. Este ano, em fase de reabilitação, trabalhavam nesta unidade fabril somente 19 trabalhadores efectivos e 16 reformados, dedicando-se a destilação da água mineral.

Existe ainda outra indústria de tratamento e engarrafamento da água - A ÁGUA MINERAL DA NAMAACHA, localizada na área de Cocomela. Tem 25 trabalhadores. A sua produção está muito abaixo da capacidade, mas não foi possível obter dados da produtividade anterior e actual.

Quanto à Indústria Extractiva, a área de estudo tem actualmente em funcionamento apenas a pedreira de Mafuiane, localizada na localidade de Mafuiane, que se dedica à extração de bentonite. Esta mina é explorada pela cooperação italiana - PRORURAL (Programa de Desenvolvimento Rural Integrado).

A sua produção em 1983, 475 toneladas de bentonite, tendo 25 trabalhadores, dos quais 20 em regime permanente. O normal era de 45 trabalhadores, o que significa que a mina encontrava-se numa fase crítica, razão pela qual em 1983 a indústria foi paralisada, devido a avaria de uma das suas máquinas. Empresas como a CIFEL, FACOBOL, GEOMOC e a Barragem dos Pequenos Libombos, eram os principais compradores.

No passado, o distrito da Namaacha tinha também em actividade, a pedreira de Movene. Em 1983 esta unidade da indústria extractiva, empregava 108 pessoas em regime permanente. Nesse ano, produziu 75.000 m<sup>3</sup> de pedras, o que corresponde a 7.000 m<sup>3</sup> por mês, abaixo portanto da capacidade que é de 10.000 m<sup>3</sup>/mês. As pedras eram vendidas às empresas como: a Construtora Integral de Maputo e Gaza, COBOCO, Pequenos Libombos, Ministério de Defesa, Conselho Executivo de Maputo e a Tâmega (C.N.P. 1983).

#### 4. COMÉRCIO

A actividade comercial no distrito deve diferenciar-se entre a que se desenvolve na vila da Namaacha e nas restantes localidades, exclusivamente rurais, pois as necessidades manifestadas pela população destes dois espaços são diferentes.

Os agricultores familiares geralmente cultivam os produtos que constituem a sua alimentação diária, como o milho, o amendoim, a mandioca, etc, sendo no entanto o milho o principal produto visto que este constitui a base da alimentação desta população. É também frequente que esta população faça criação de animais, de pequena espécie, em particular galinhas.

Entre estes a comercialização principalmente a agrícola, só é possível em caso de existência de excedentes. Nestes casos, os produtos agrícolas são colocados no mercado local. Assim, os pequenos agricultores somente compram os produtos que não têm nas suas hortas, como por exemplo o feijão manteiga que em 1994 foi apenas cultivado pelos privados. Quanto aos artigos de vestuário e outros, são comprados nas lojas da vila da Namaacha, mas normalmente vêm-se forçados a deslocarem-se para a cidade de Maputo, porque a oferta é mais diversificada.

Na vila da Namaacha, as necessidades são maiores comparativamente a das restantes áreas do distrito e, neste caso, a população tem ao seu dispor 12 lojas de comércio geral, onde se vende de tudo: vestuário, produtos alimentares, utensílios domésticos, etc. Mas grande parte dos artigos, vestuário e produtos alimentares vêm da vizinha Suazilândia ou são comprados na cidade de Maputo, onde os supermercados e lojas possuem artigos diversificados e de melhor qualidade e onde os preços praticados são mais acessíveis.

A população, devido às facilidades de travessia e por estarem isentas de impostos de fronteira, vão diversas vezes por semana à Suazilândia abastecer-se de produtos diversos.

##### 4.1 FORMAS DE COMÉRCIO

No distrito da Namaacha há que distinguir três tipos de comércio: o comércio formal, o informal e o de fronteira.



#### 4.1.1 COMÉRCIO FORMAL

O comércio formal é realizado em lojas e armazens, pagando o seu proprietário um imposto ao Estado. Na área de estudo este comércio encontra-se distribuído de acordo com a Tabela XVII. A maior parte destes estabelecimentos comerciais dedicam-se ao comércio geral, vendendo uma gama muito diversificada de produtos.

Esta forma de comércio está pouco desenvolvida em todo o distrito, incluindo a própria vila. Como sucedeu no resto do país, a rede comercial rural foi gravemente afectada pela guerra civil, ficando muito reduzida ou, em algumas áreas, desaparecendo por completo. Os residentes da vila preferem deslocar-se à Suazilândia para fazer as suas compras, pois a oferta é mais diversificada e os preços mais convidativos.

A actividade comercial na região não emprega mais do que 2 pessoas por estabelecimento, havendo somente 1 supermercado na vila que emprega 5 pessoas. No ano de 1994 apenas cerca de 31 pessoas trabalharam no comércio.

TABELA XVII  
LOCALIZAÇÃO DAS CASAS DE COMÉRCIO NO DISTRITO  
DA NAMAACHA

LOCALIZAÇÃO	NÚMERO DE CASAS DE COMÉRCIO	
	EXISTENTES	EM FUNCIONAMENTO
VILA DA NAMAACHA	12	7
COCOMELA	2	2
CHANGALANE	5	2
IMPAMPUTO	3	3
MAFUIANE	6	3
MATSEQUENHA	4	0

*Fonte: Direcção Distrital de Comércio e Indústria, 1995.*

Como se pode constatar pela Tabela XVII, a rede comercial no distrito encontra-se semi-destruída (47%), havendo portanto necessidade de reconstruir as infraestruturas e de facilitar o acesso dos comerciantes privados e dos grupos de camponeses organizados em associações.

#### 4.1.2 COMÉRCIO INFORMAL

Este é praticado normalmente em "barracas" improvisadas, construídas de material precário, ou então os produtos são colocados sobre uma mesa ou saco ao ar livre. Estas barracas encontram-se, na sua grande maioria, dispostas ao longo das principais vias de comunicação, havendo entretanto uma maior concentração nas proximidades da fronteira com a Suazilândia.

No distrito da Namaacha, tal como em todo o território nacional, este comércio, que na zona Sul do país é geralmente designado por "dumba-nengue", surgiu como forma de emprego temporário, para garantir o sustento daqueles que, por falta de outra ocupação, viram nas barracas uma forma de ganhar a vida. A nível do distrito, de acordo com informações dos serviços administrativos, existem aproximadamente 107 barracas espalhadas pelo distrito, das quais 60 pagam um imposto de 60.000.00 Mt por mês. Os produtos vendidos são diversos, tal como no comércio formal, sendo adquiridos nos estabelecimentos comerciais da região, em Maputo ou então na Suazilândia. Os preços variam consoante o custo dos mesmos nas lojas e, ao contrário do que se pensa, são, por vezes, inferiores aos praticados no formal.

Neste comércio, não só participam os moradores locais, ou do distrito, como também é frequente a presença de suazis, todas as quartas-feiras, que trazem para a região panelas de quatro pés, produzidas na base de cobre que segundo informações que nos foram fornecidas, sai de Moçambique ilegalmente. Estas panelas são ali vendidas ao preço de 650.000.00 Mt ou então a 400 Rands (T.V.M., 1995).

De acordo com informações fornecidas por Roque Muquessuane, administrador do distrito da Namaacha, à cerca de um ano, está sendo estudada a transferência destas barracas do local que actualmente ocupam, para outro lugar, criando-se uma feira onde as pessoas poderão expôr os seus produtos, sem que se criem quaisquer problemas para os moradores da região e para a administração distrital.

**TABELA XVIII**  
**PREÇOS DE ALGUNS PRODUTOS ALIMENTARES,**  
**NO MERCADO FORMAL E INFORMAL, MARÇO 1995**

PRODUTO	QUANTIDADES	PREÇOS EM METICAIS	
		FORMAL	INFORMAL
ARROZ	Kilograma	5.000,00	3.000,00 *
AÇÚCAR	Kilograma	5.000,00	4.827,00 **
AMENDOIM	Kilograma	7.500,00	2.000,00
F. MILHO	Kilograma	4.000,00	3.591,00 **
FEIJÃO MANT.	Kilograma	11.500,00	12.000,00
SABÃO	Barra	10.500,00	7.000,00
ÓLEO	750 ml	12.500,00	10.000,00

*Fonte: Direcção Distrital do Comércio e Indústria, Namaacha, 1995.*

\* 3.000.00 Mt por lata de 250 gramas.

\*\* De acordo com dados do mediaFax, 29.08.95.

#### 4.1.3 COMÉRCIO DE FRONTEIRA

O comércio de fronteira ou Mukhero, como é normalmente designado, é realizado pelos moradores da vila da Namaacha, mais concretamente por aqueles que residem num raio de 20 km da fronteira. Este é possível graças ao comércio livre existente entre a vila-sede do distrito e o reino da Suazilândia, ou seja, a redução das tarifas aduaneiras para o comércio entre as duas regiões. É de salientar que, de acordo com alguns trabalhadores da Alfândega da Namaacha, esta redução abrange, oficialmente, apenas os produtos de primeira necessidade, que na região escasseiam; a prática, no entanto, mostra que o mukhero abrange os artigos mais diversos, incluindo os de luxo ou supérfluos.

Os produtos envolvidos neste tipo de comércio são variados, contudo são muito frequentes os seguintes: caixas de refrescos, cervejas e outro tipo de bebidas, frangos, e artigos diversos.

É praticante do Mukhero aquele(a) que, por residir próximo da fronteira, beneficia de isenção de direitos na compra de produtos de primeira necessidade e, aproveitando-se deste facto, transporta consigo mercadorias

de outras pessoas, que deveriam, por lei, pagar impostos, combinando com este determinado preço por este "favor". Para se deslocarem para a Suazilândia estas pessoas não precisam de possuir passaporte, uma vez que lhes é fornecido um cartão que confirma a sua residência na região; este cartão é carimbado na altura da travessia da fronteira.

Esta forma de comércio tem dificultado grandemente os trabalhos da alfândega da Namaacha, pois vários são os indivíduos da cidade de Maputo e de outros pontos que ali se deslocam para usufruir desta prática. Até ao momento ainda não foi encontrada uma solução para estancar este "negócio" que muitos problemas tem causado para a região, como já foi citado anteriormente.

Mas, esta tarefa não será fácil, sobretudo devido a destruição parcial da própria fronteira, que apresenta as redes muito estragadas, o que facilita a fuga ao fisco e até mesmo a fuga de pessoas para o reino da Suazilândia. Todavia a recuperação da mesma não está ainda prevista por falta de recursos financeiros para o efeito.

## 5. SERVIÇOS

### 5.1 EDUCAÇÃO

A educação foi e continua a ser uma das prioridades básicas das sociedades do mundo inteiro, particularmente de Moçambique, país que vê na educação um meio de desenvolvimento sócio-económico através da elevação do nível académico da população. No distrito da Namaacha este sector, tal como outros, foi fortemente afectado, principalmente pela situação de guerra e pelas fortes restrições orçamentais.

Segundo dados fornecidos pelo Director Distrital de Educação (Elias Francisco Mauelele), o distrito de Namaacha conta actualmente com 14 escolas do EP-1, 1 do EP-2, 1 escola secundária e 1 Centro de Formação de Professores Primários. Até 1993 existia também a Escola Agrária da Namaacha vocacionada para a formação de técnicos agrícolas não somente do distrito como dos outros distritos da província de Maputo, tendo esta escola sido transferida para o distrito de Boane no ano passado. Estas escolas, para além de servirem o distrito também têm formado alunos provenientes de outros distritos como o da Moamba. Contudo, algumas classes como a primeira, a quinta e a sexta, enfrentam diversos problemas. O número de vagas estabelecido nem sempre é alcançado (como acontece na 2ª Classe) ou as vagas estipuladas não bastam pois o número de alunos é superior, havendo necessidade de dar prioridade aos estudantes com idades mais baixas (5ª e 6ª Classe).

**TABELA XIX**  
**RELAÇÃO ALUNOS/PROFESSORES EM 1994**

NÍVEIS	Nº ALUNOS	Nº PROFESSORES	RATIO
EP-1	3.919	52	75
EP-2	765	15	51
E. SECUNDÁRIO	410	15	27
C. FORMAÇÃO	353	12	29

*Fonte: Elaborada pela autora, com dados da Direcção Distrital de Educação, 1995.*

A evolução do número de alunos pode ser observada na Tabela XX. A relação alunos/professores em 1994, consta da Tabela XIX.

O número de estudantes matriculados varia de acordo com o nível frequentado e com o número de escolas em funcionamento e até certo ponto, com a localização geográfica (Tabela XIX).

**TABELA XIX-A**  
**NÚMERO DE ALUNOS E DE PROFESSORES POR ESCOLA**  
**SEGUNDO A LOCALIZAÇÃO EM 1995**

VILA DA NAMAACHA	ALUNOS (1)	PROFESSORES (2)	RATIO 1/2
COCOMELA	219	3	73
MATIANINE	550	9	61
MUGADO	1.318	19	69
NAMAACHA I	444	7	63
NAMAACHA II	555	15	37
E. S. NAMAACHA	491	14	35
GERMANTINE	63	1	63
IMPAMPUTO	66	1	66
7 DE ABRIL	160	3	53
MAFUIANE	351	6	59
C. F. PROFESSORES	106	14	8
CHANGALANE	191	3	64
GOBA	135	3	45
MAFAVUCA	85	1	85
MAILANE	344	6	57
MUCHANGULENE	106	2	53
CULULA	75	2	38
<b>TOTAL</b>	<b>5.259</b>	<b>109</b>	<b>4.824</b>

*Fonte: Elaborada com base nos dados fornecidos pela Direcção Distrital de Educação, 1995.*

Observando a Tabela XIX, verifica-se que em 1995, 1 professor está para 48 alunos. Isto demonstra que, o número de professores actualmente existentes na região é insuficiente para responder às necessidades locais, e de maneira a contribuir para um aumento crescente do nível de escolarização, não só da população residente no distrito mas também doutras regiões próximas.

Funcionam no distrito quatro Centros Internatos, pertencentes um ao Ensino Primário do 2º Grau, um ao Ensino Secundário Geral, outro ao Ensino Técnico Profissional e o último ao Centro de Formação de Professores Primários.

**TABELA XX**  
EVOLUÇÃO DA FREQUÊNCIA ESCOLAR NO DISTRITO  
NO PERÍODO 1987-95

NÍVEL	87	88	89	90	91	92	93	94	95
EP-1	2.122	1.964	2.360	2.690	3.144	3.107	3.010	3.919	4.107
EP-2	246	216	290	405	191	509	725	765	555
ES	326	275	302	316	253	367	404	410	491
CFPP	323	241	261	213	222	223	246	353	106
EAGR	148	117	107	128	132	72	41	-	-
TOTAL	3.165	2.813	3.320	3.752	3.942	4.278	4.426	5.447	5.259

*Fonte: Adaptada com base nos dados dos Relatórios Anuais de 1987 a 1995 da Direcção Distrital de Educação (1995).*

A análise da Tabela XX, permite constatar que no distrito de Namaacha a frequência escolar tem vindo a crescer desde 1987, com particular evidência no ensino primário e secundário. A Escola Agrária de Namaacha, vocacionada para Ensino Técnico Profissional em 1993 funcionava apenas com uma classe, tendo, desde 1987, uma redução constante do número de alunos. Esta diminuição deveu-se principalmente à redução gradual dos ingressos de ano para ano e também à diminuição dos índices de aprovações, que são em norma inferiores a 50%. A redução verificada no Centro de Formação de Professores Primários deveu-se a introdução de exames de admissão (Direcção Distrital de Educação, 1995).

### **5.1.1 PROBLEMAS E PERPECTIVAS**

Vários são os problemas enfrentados pelo sector de educação, sendo no entanto mais comuns os seguintes:

#### **PROBLEMAS GERAIS**

**Falta de Material Escolar** (manuais e livros tanto para os alunos como para os professores), devido ao facto do Ministério de Educação ter parado de fornecer, como em tempos acontecia. O material actualmente existente é vendido nos armazens e os vendedores informais adquirem-no em grandes quantidades pondo posteriormente à venda no mercado a preços mais elevados o que impede que todos os alunos tenham acesso ao mesmo.

**Falta de Professores Formados**, o que tem levado ao recurso a pessoas que, apesar de possuírem alguns conhecimentos sobre as matérias lecionadas, não têm nenhuns sobre as metodologias de ensino.

#### **PROBLEMAS ESPECÍFICOS**

O "Mukero", que leva muitas vezes à desistência de vários alunos, sobretudo os residentes na Sede do distrito (Vila da Namaacha). Uma vez experimentada, esta actividade torna-se atraente demais em termos financeiros, o que é prejudicial para os estudantes.

O Mukhero tem sido um problema sobretudo para os alunos do EP2, que já têm idades superiores aos 10 anos e como tal já entendem melhor as inúmeras dificuldades financeiras dos pais.

#### **PERSPECTIVAS PARA O SECTOR**

No quadro do melhoramento das infraestruturas educacionais existentes no distrito foram reabilitadas as escolas do EP1, nomeadamente: Mugado, Namaacha, Changalane e Goba, para além da construção de um bloco de 4 salas de aulas na Escola do Mugado e obras em curso de construção de 2 salas na Escola de Cocomela, 2 salas e casa de professores da Escola Primária de Culula, Escola Primária de Mailane e Muchangulene, e ainda, a reabilitação da Escola Secundária de Namaacha e perespectivas de construção da Escola Primária de Matianine e 7 de Abril.

Nos últimos 2 anos, de modo a permitir que as camadas mais desfavorecidas tenham acesso à educação, as estruturas educacionais do distrito têm fornecido educação gratuita aos alunos, e a todos aqueles que não dispõem de dinheiro para a matrícula, tendo, sempre que possível, oferecido aos mesmos algum material - principalmente um caderno e uma caneta ou lápis.

De acordo com o Recenseamento Geral da População de 1980, a percentagem de analfabetos no distrito de Namaacha era de 69,5 % da população. A população feminina apresenta taxas de analfabetismo mais elevadas. Em Namaacha as mulheres analfabetas são 78% contra 61,7% dos homens. (Ministério da Agricultura, 1992)

O nível de escolarização primária é extremamente baixo (6%), mas sempre superior ao de toda a província de Maputo (4,6%) (M. A. 1992). As percentagens de residentes que possuem o nível secundário ou superior sobre a população total são 1,7%, enquanto que em Boane é de 0,9%.

## 5.2 SAÚDE PÚBLICA

Os 42.167 habitantes têm ao seu serviço cinco postos de saúde, distribuídos pelo distrito da seguinte forma: 2 em Mafavuca, 1 em Chigubuta, 1 em Mafuiane, 1 em Matsequenha. Na vila funciona 1 centro de saúde que, na estrutura do Serviço Nacional de Saúde, é responsável pelos postos de saúde do distrito (Mapa 9). Este centro possui serviços de Pediatria, que atende em média 5.840 pessoas por ano, Triagem para adultos, que serve uma média de 12.625/ /doentes/ano e, por último, as consultas médicas, com uma média de 5.006 pacientes.

Na vila existe também uma maternidade, estando outra localizada na localidade de Changalane.

Além disso ainda funcionam seis postos de socorro, dos quais 2 operam em Changalane, encontrando-se os restantes distribuídos pelas áreas de Chigubuta, Mafuiane, Matsequenha e sede do distrito (Direcção Distrital de Saúde, 1995).

Não existe no distrito da Namaacha nenhum médico; somente um técnico de medicina, que ocupa actualmente o cargo de Director Distrital de Saúde. Até 1994 encontravam-se no distrito alguns médicos da organização "Médicos sem Fronteiras", que trabalhavam nos diferentes postos de saúde.

Tal como ocorre em todo o país, as doenças mais comuns são: a malária, malnutrição, DTS, anemia, doenças da pele e infecções respiratórias agudas.



Nos últimos anos este sector tem enfrentado dificuldades diversas, causadas sobretudo pelo orçamento insuficiente disponibilizado pelo Ministério de Saúde. Os problemas são:

- Falta de médicos
- Falta de água na maternidade de Changalane;
- Falta de colchões em quase todos os postos e no centro de saúde;
- Falta de roupa de cama;
- Falta de pessoal serventuário;
- Falta de material de limpeza (detergentes).

O pessoal de saúde, existente em 1995 era o seguinte:

#### NA VILA

Técnico de Medicina .....	1
Agente de Medicina Geral .....	1
Agente de Medicina Preventiva .....	1
Agente de Estomatologia .....	1
Agente de Farmácia .....	1
Microscopista .....	1
Enfermeiras de Curso Geral .....	3
Enfermeiros(as) Básicos .....	3
Serviço Materno-Infantil .....	4
Parteiras Elementares .....	3
Enfermeiros Elementares .....	2
Serventes .....	7

#### NOS POSTOS DE SAÚDE

##### MAFUIANE

Parteira Elementar .....	1
Servente .....	1

##### GOBA

Enfermeiro Elementar .....	1
----------------------------	---

##### MATERNIDADE DE CHANGALANE

Enfermeiro de Serviço Materno-Infantil .....	1
Servente .....	1

**TABELA XXI**  
**RELAÇÃO HABITANTES/PESSOAL DE SAÚDE EM 1995**

PESSOAL MÉDICO	NÚMERO	RATIO
TÉCNICOS DE MEDICINA	1	4214.6
ENFERMEIROS BÁSICOS	4	10536.5
ENFERMEIRO GERAIS	3	14048.6
PARTEIRAS	4	10536.5
AGENTES POLIVALENTES	5	8429.2
MICROSCOPISTA	1	4214.6
AGENTES DE MEDICINA	5	8429.2

*Fonte: Elaborada pela autora, com dados da Direcção Distrital de Saúde, 1995.*

De acordo com informações da Direcção Distrital de Saúde (1995), as aldeias de Colula, Mailane e Mafavuca, têm ao seu serviço 5 agentes polivalentes elementares recém-formados, que são escolhidos pela população local e que não recebem um pagamento pelos seus serviços.

-/ Os medicamentos são regularmente fornecidos em quites mensais, de forma que raramente faltam medicamentos no distrito da Namaacha.

**TABELA XXII**  
**NÚMERO DE DOENTES ATENDIDOS E INTERNADOS**  
**NO CENTRO DE SAÚDE DE NAMAACHA**

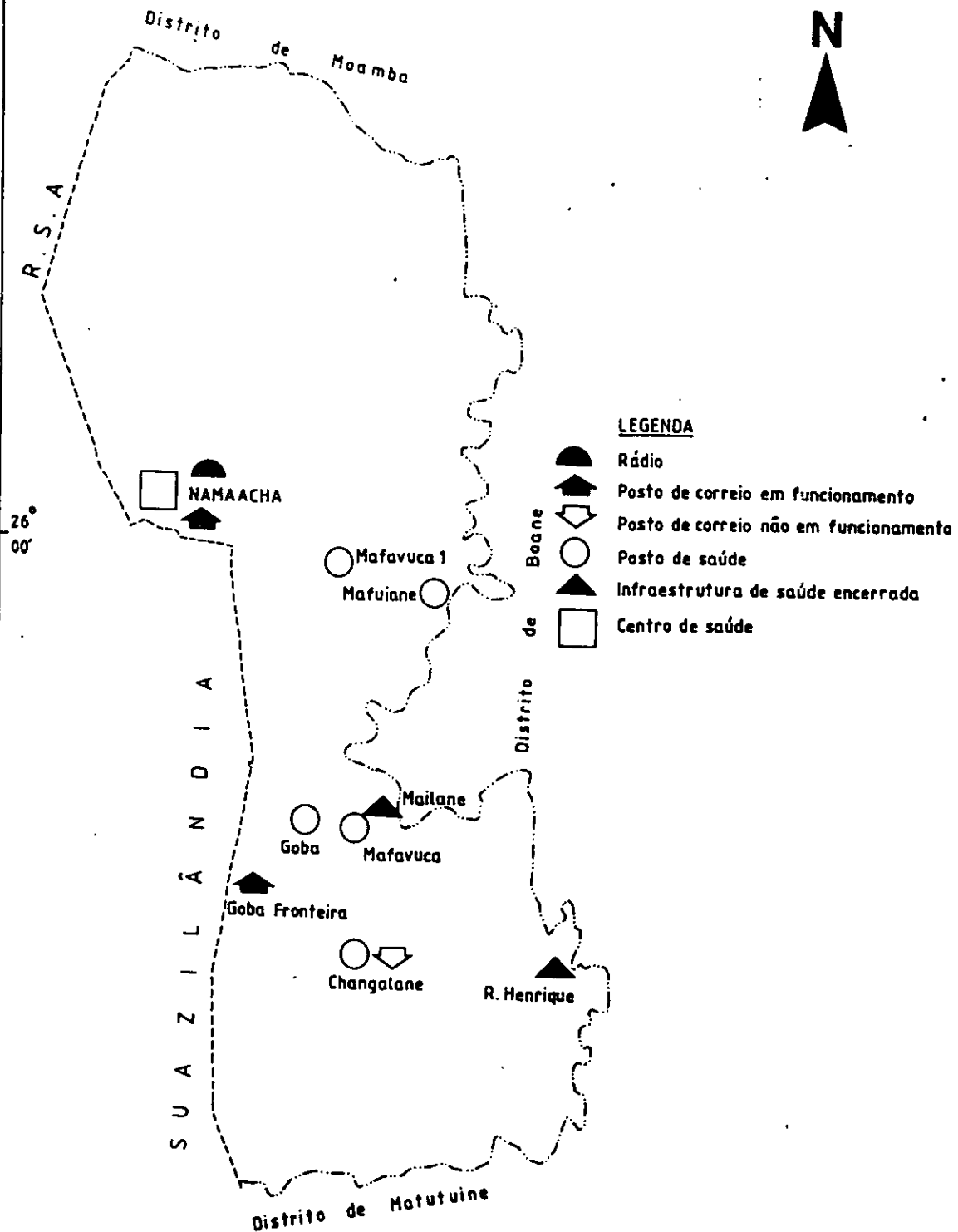
LOCAL	DOENTES ATENDIDOS		DOENTES INTERNADOS	
	1993	1994	1993	1994
PEDIATRIA	5.489	6.191	451	537
TRIAGEM	11.506	13.744	495	793
CONSULTA MÉDICA	5.017	4.994	28	23
TOTAL	22.012	24.929	974	1.353

*Fonte: Centro de Saúde de Namaacha (1995).*

32° 00'

# Distrito de Namaacha

## DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DAS INFRAESTRUTURAS DA SAÚDE E DE COMUNICAÇÕES



**LEGENDA**

- ◐ Rádio
- ◑ Posto de correio em funcionamento
- ◒ Posto de correio não em funcionamento
- Posto de saúde
- ▲ Infraestrutura de saúde encerrada
- Centro de saúde

Escala 1: 500 000

FONTE: Elaborado com base nos Mapas da Unidade Técnica Central

32° 00'

26° 00'

Os 42.167 habitantes do distrito, têm ao seu dispôr 46 camas hospitalares, repartidas da seguinte forma: 10 na Maternidade de Changalane, 12 na Maternidade da Sede e 24 no Centro de Saúde.

Pela análise da Tabela XXII pode-se constatar, que a nível do distrito, houve um acréscimo notório no número de atendimentos realizados. Isto tanto pode significar uma melhoria no serviço de saúde, como também pode estar relacionado, directa ou indirectamente, com a reabilitação e construção de novos postos de saúde na região. Quanto ao aumento verificado no número de internamentos, estes devem-se sobretudo ao aumento de doentes, sendo de salientar que, de acordo com a enfermeira-chefe do Centro de Saúde da Namaacha - Mariamo Damião, no ano passado houve mais problemas de saúde relacionados com o consumo de água imprópria, tais como diarreias com sangue, e um maior número de pessoas padecendo com malária.

### 5.3 ÁBASTECIMENTO DE ÁGUA

#### Situação Actual do Distrito

A população do distrito da Namaacha tem enfrentado vários problemas para conseguir este precioso líquido, sendo a área urbanizada do distrito a mais afectada. De acordo com Roque Muquessuane, administrador do distrito, a razão principal desta situação é o aumento constante da população e consequentemente, do número de consumidores.

Aliado a isto está, sem dúvida, a falta de chuvas e de reparação do sistema de canalização, que desde a sua colocação durante o período colonial nunca foi substituída, encontrando-se parte desta em péssimo estado de conservação. A rede de abastecimento a água potável existente na região de Namaacha, abrange unicamente a parte urbanizada da vila. À área suburbana, assim como, o meio rural, abastecem-se, em geral, em poços e rios ou riachos mais próximos. Estas represas contudo não garantem o abastecimento da população, pois a sua distribuição está muito dependente do número de habitantes da região.

Com uma área de 2.144 km<sup>2</sup>, o distrito da Namaacha possui 22 furos, sendo a densidade dos furos equivalente a 1/100 km<sup>2</sup> (GPM, Projecto Sud-Uil. 1990. p. 2). Este número é bastante reduzido, principalmente se tomarmos em consideração a superfície do distrito assim como a sua população total.

Importa mencionar que estes furos são distribuídos pelos sectores público, doméstico, escolas, rega, gado e por outros não especificados (Micali, 1990. p. 15).

## 5.4 SERVIÇOS DE FRONTEIRA

O Distrito da Namaacha faz fronteira, a Ocidente, com o reino da Suazilândia e com a República da África do Sul. Assim, tornou-se indispensável incluir neste trabalho informações relativas ao funcionamento destes dois sectores (Migração e Alfândega), de forma a expressar a importância da fronteira para o distrito assim como para a região Sul do País.

### 5.4.1 SERVIÇOS DE MIGRAÇÃO

Estatísticas sobre o movimento migratório na fronteira da Namaacha, referentes aos anos de 1994/95, permitem constatar que, de 1994 para 1995, registou-se um significativo aumento no fluxo de pessoas, quer referente a entradas, quer a saídas. O mês de Maio, foi o que maior movimento registou em 1994, totalizando 34.645 entradas e 37.916 saídas. Importa aqui referir, que nem todas as pessoas que atravessam a fronteira da Namaacha se dirigem à Suazilândia, existindo várias pessoas, que devido as más condições em que se encontra a estrada que liga Moçambique a África do Sul, via Ressano Garcia, preferem utilizar a via da Namaacha recentemente reabilitada.

O movimento de pessoas pela fronteira da Namaacha mostra-se tendencialmente maior este ano do que no ano passado. De Janeiro a Junho de 1995, entraram no país, por esta fronteira, 129.613 pessoas e saíram 160.443. Para o mesmo período do ano passado, o fluxo foi menor: 67.418 entradas e 112.797 saídas.

Em 1994, as 212.627 saídas do país, 119.519 (%) foram realizadas por indivíduos nacionais que beneficiam de facilidades de fronteira, dentre os quais, estão incluídos os residentes do distrito da Namaacha (D. D. de Migração, 1995).

**TABELA XXIII**  
**MOVIMENTO MIGRATÓRIO - NAMAACHA**

MESES	ENTRADAS		SAÍDAS	
	1994	1995	1994	1995
JANEIRO	5.334	13.384	9.280	21.536
FEVEREIRO	11.503	15.162	25.628	17.438
MARÇO	3.835	12.348	15.594	14.965
ABRIL	5.298	8.200	14.309	13.156
MAIO	34.645	34.319	37.916	14.679
JUNHO	6.803	46.200	10.070	78.669
JULHO	5.115	-	13.696	-
AGOSTO	9.101	-	23.544	-
SETEMBRO	11.460	-	21.443	-
OUTUBRO	4.721	-	22.073	-
NOVEMBRO	4.936	-	5.236	-
DEZEMBRO	3.743	-	13.838	-
<b>TOTAL</b>	<b>106.489</b>	<b>129.613</b>	<b>212.627</b>	<b>160.443</b>

*Fonte: Direcção Nacional de Migração - Namaacha, 1995.*

Analisando a Tabela XXIII, pode-se verificar que, neste período houve mais saídas que entradas com excepção do mês de Maio de 1995, o que pode significar saídas para fixar residência, ou para trabalhar (nas minas). Contudo, das 212.627 saídas em 1994, 56% foram realizadas por nacionais com facilidades de fronteira, grupo este que apenas tem registo de saída do país, o que dificulta a sua análise.

#### **5.4.2 SERVIÇO DE ALFÂNDEGA**

As Alfândegas desempenham uma função de extrema importância, pois sem elas não haveria qualquer controle sobre as importações e exportações realizados no país. Os serviços prestados por este sector, apesar de ainda apresentarem-se

dificientes devido aos vários problemas de ordem organizativa sobretudo e outros. De acordo com previsões efectuadas pelos serviços alfândegários, a participação no Orçamento Geral do Estado este ano será de 749 biliões de meticais, dos quais cerca de 50% são provenientes somente das fronteiras da província de Maputo, onde se inclui a fronteira da Namaacha (Alfândega de Maputo, 1995).

Contudo, ao contrário do que acontece nos serviços de Migração, as Alfândegas somente registam a carga que entra no país, pois os produtos exportados são registados na Cidade de Mápulo e a documentação que os transportadores apresentam na fronteira, é devolvida a Maputo. Como não foi possível consultar essa documentação, por falta de tempo, limitamo-nos a analisar o fluxo de mercadoria que entra no país pela fronteira da Namaacha.

Os dados fornecidos pela Delegação Aduaneira da Namaacha (1995) para o período de 1993/1995, permitem verificar quais os principais tipos de mercadorias importadas e as suas respectivas quantidades, quer da Suazilândia como da África do Sul.

Os produtos importados em maior quantidade e frequência são os alimentares seguidos dos materiais de construção (Tabela XXIV). Além destes produtos de diferentes origens acima citados, existem outros tais como, artigos de mobiliário, electrodomésticos, etc., dos quais não foi possível obter dados, devido a falta de tempo para o efeito e por tratarem-se de mercadorias pouco frequentes.

O volume total de carga importada tal como se pode observar na Tabela XXIV, não é constante, havendo anos e meses em que se importam elevadas quantidades de determinado produto, e outros em que esta declina.

**TABELA XXIV**  
**TIPO E QUANTIDADES DE PRODUTOS IMPORTADOS**

DELEGAÇÃO ADUANEIRA DA NAMAACHA				
MOVIMENTO DE PRODUTOS IMPORTADOS				
TIPO DE CARGA	UNIDADES	ANOS		
		1993	1994	1995*
ARROZ	Sacos**	55.969	21.5870	41.810
AÇÚCAR	Sacos	383.727	1.111.051	279.730
AMENDOIM	Sacos	4.941	92.302	31.250
ÓLEO ALIM.	Caixa (12)	35.976	153.048	23.120
FEIJÃO	Sacos	3.961	64.661	39.855
SABÃO	Caixas	19.132	42.516	16.635
ALCANTRÃO	Toneladas	1.600	1.428,3	710,5
CIMENTO	Sacos	15.080	50.240	39.690
F. MILHO	Embalagem (12,5/ Kg)	4.220	208.891	79.230
F. TRIGO	Sacos	3.820	77.819	75.460
CARB.CÁLCIO	Toneladas	-	2481,42	613,6
B. FERRO	Toneladas	107,88	109	496,3
VIATURAS	Unidade	86	154	84
PETRÓLEO	Litros	4.015	12.020	-
PAPEL	Toneladas	-	884	-

*Fonte: Elaborada com base nos dados da Alfândega da Namaacha, 1995.*

\* Os dados apresentados referem-se apenas aos meses de Janeiro à Junho.

\*\* Sacos de 50 kilogramas.

Verificando o volume anual dos principais produtos importados (Tabela XXIV), pode-se concluir que para o período de 1993/94, registou-se um aumento significativo no volume de importações, sendo um dos produtos mais importados o açúcar: de 19.186 toneladas em 1993 passou-se a importar no ano seguinte 55.553 toneladas, o que implica que houve um aumento na ordem dos 36.367 toneladas



num ano. O papel não foi importado em 1993, tendo em 1994 entrada no país 884 toneladas, e até Junho deste ano não foi registada qualquer quantidade deste produto, o que natural, uma vez que este produto só se importa da África do Sul ou Suazilândia quando há rotura de stocks.

Quanto às restantes mercadorias representadas na Tabela XXIV, verifica-se que para o período de 1993/94 houve um incremento geral das importações, havendo tendências deste aumento manter-se em 1995 ou em certos casos, vir a duplicar. A importação de barras de ferro por exemplo, até Junho de 1995 era já 4 vezes superior a dos dois últimos anos (93/94).

## 5.5 VIAS DE COMUNICAÇÃO

Para o desenvolvimento económico de uma região desempenha um papel decisivo a situação das vias de comunicação que permitam o escoamento dos produtos e a circulação de pessoas facilitando a ligação desta região com outras.

No distrito da Namaacha a circulação de pessoas e de mercadorias é feita por meio de transportes individuais privados, de privados de carga e de transportes semi-colectivos, vulgarmente designado "chapa 100". Este último, não só serve para as deslocações para o interior, como também, permitem a ligação com a Cidade de Maputo e outros distritos.

As principais vias rodoviárias que atravessam o distrito são a Estrada Nacional nº 2 e 5, que liga a Vila da Namaacha à Maputo numa extensão de 75 kms, a Estrada Nacional nº 2, que vai da Brigada Montada à Goba, a Estrada Nacional nº 201, que une Movene ao Distrito da Moamba, e outras, regionais como a Estrada nº 403, que vai de Matianine até a fronteira, a nº 203, que liga Goba à Changalane. Destas, apenas a Estrada Nacional nº 2 e 5 e a Regional nº 403 são asfaltadas, sendo as restantes de terra batida.

O distrito é ainda atravessado pela linha férrea de Goba, que liga Maputo à Goba, com uma extensão de 39 km, seguindo para Suazilândia. Esta via férrea serve, quase exclusivamente, o comércio externo da Suazilândia através do porto de Maputo.

## V. IMPACTOS DA OCUPAÇÃO DO ESPAÇO SOBRE O MEIO AMBIENTE

Pretende-se aqui abordar algumas questões relativas à utilização dos recursos naturais por parte dos habitantes da região que, talvez devido à falta de informação sobre o assunto e tentando melhorar as suas condições de vida, exercem influência negativa sobre o meio natural que os rodeia, causando neste problemas diversos, que a seguir serão referenciados.

No capítulo II, ponto 5, apresentam-se alguns dos principais benefícios do reflorestamento para o meio ambiente, bem como para o distrito, que sendo dominado por formações montanhosas e imensos vales, está bastante exposta a erosão e sujeito a deslizamentos de terra, através das suas vertentes, por vezes de pendor pronunciado.

Os principais problemas ou os mais grave para a região são, actualmente, o corte sistemático das árvores para o fabrico de carvão ou lenha e a prática das queimadas como forma de limpar a terra.

A prática da queimada, que é frequente em quase todo o país, e normalmente efectuada pelos residentes da região sobretudo no final do inverno e começo do verão. Queimam-se grandes áreas, destroem-se centenas de espécies vegetais, que na área do posto administrativo da Namaacha resultam de vários programas de reflorestamento. Como não existe ainda qualquer informação sobre o número de perdas, torna-se difícil quantificar este fenómeno, que a cada ano aumenta, deixando o distrito com ainda menos cobertura vegetal.

De acordo com GALETI (1982) "o fogo é, sem dúvida nenhuma, o mais barato e rápido processo de se limpar uma gleba". No entanto, segundo o autor "A matéria orgânica é fundamental à vida do solo; ela actua na estrutura, granulando as partículas, tornando o solo poroso, permeável, arejado; solo rico em matéria orgânica é solto, húmido, cheiroso; nos solos ricos em matéria orgânica, a água infiltra-se rapidamente e quase não escorre pela superfície; é a matéria orgânica que enriquece o solo de nitrogénio, que activa a vida microbiana tão importante a um solo.

Sendo assim, "Quando se queima, simplesmente destroi-se a matéria orgânica; priva-se o solo dos benefícios que ela trás" (Galeti, 1982). Essa pratica traz graves prejuizos principalmente para o futuro, quanto à fertilidade desses solos.

Os órgãos de informação têm, por diversas vezes, referido o problema do abate de espécies arbóreas em Changanane para ser comercializado em Maputo.

Outro problema encontrado no distrito, foi do corte de árvores para utilização como lenha ou carvão vegetal. Apesar de não poder ser quantificado devido a falta de números, é também preocupante, pois caso não sejam tomadas medidas que ponham termo a este tipo de acção, a quantidade de árvores vai diminuindo drasticamente.

Além destes problemas, também verificado no distrito da Namaacha foi a destruição da vegetação dos tolvegues, ou seja, da vegetação localizada nas proximidades dos rios e lagos, sendo o Umbeluzi um dos rios afectados por este tipo de destruição. Para evitar maiores danos, realizou-se em Agosto deste ano uma campanha de plantio de árvores nas margens do Umbelúzi, tendo este efectuado por um grupo de mulheres empresárias.

Como resultado da escassez de cobertura vegetal, algumas áreas de declive acentuado, são facilmente erodidas pelo vento e pelas águas da chuva, indo-se acumular nas planícies e nos fundos de vales.

## VI. CONCLUSÕES

Não é fácil tirarem-se muitas conclusões num estudo monográfico como este, pois os assuntos tratados são diversos e, pela natureza das monografias, a sua abordagem não é profunda. Contudo, escolheram-se alguns.

Ao longo do texto apresentado, e de acordo com os objectivos inicialmente formulados, estes foram alcançados de forma razoável e as hipóteses inicialmente avançadas foram, na essência, confirmadas.

A análise feita sobre os componentes físico-geográficos do distrito da Namaacha, permitiu constatar que, devido à natureza geológica, às características pedológicas, climáticas e à topografia do terreno, em combinação com o regime dos rios da região, estes, isoladamente ou nas suas interações, podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento da actividade agrícola em geral e para a agricultura familiar em particular. Esta é caracterizada por uma notória carência de meios de produção, devido fundamentalmente à falta de capital.

Por outro lado, os recursos e condições naturais da região são bastante favoráveis para o desenvolvimento da actividade pecuária, apesar da situação dos últimos anos se ter revelado bastante negativa, conforme os dados apresentados no presente trabalho. Existem extensas áreas do distrito com bons pastos, bem visíveis para quem percorre a estrada nacional que liga a cidade de Maputo à vila fronteiriça da Namaacha; a água, para além das represas já construídas, pode ser encontrada em forma de canais, rios e lagoas; além disso, o distrito situa-se numa região isenta da mosca tsé-tsé. A área de estudo possui uma razoável base de infra-estruturas económicas e sociais para o incremento do desenvolvimento pecuário. Falta apenas dinheiro para a aquisição de novos animais. A actividade pecuária pode voltar a ter o papel económico que já teve outrora. Mas para que isso se torne uma realidade, o governo deverá continuar a colaborar, facilitando a compra de gado bovino a preços relativamente baixos, de maneira que os pequenos criadores, que actualmente detêm a maior quantidade de cabeças de gado, possam ter facilidades de compra.

Para a prática de uma pecuária empresarial rentável, com capacidade de promover o desenvolvimento do distrito, requerem-se investimentos de grande vulto em programas de fomento pecuário.

O distrito possui uma população essencialmente rural, constituída por camponeses que se dedicam a uma agricultura familiar e à pecuária (80%), com uma produtividade muito baixa; a produção de milho foi, em 92/93, de apenas 2.355 ton, para uma população superior a 40 mil pessoas. Esta situação, para além

de factores técnicos e culturais, foi agravada, nos últimos anos, pela seca que assolou o distrito, a que se somou a falta de meios para a implementação de sistemas de irrigação e a guerra civil que muito afectou a região. Isto significa que a população não tem conseguido produzir o suficiente para o seu consumo.

A crescente privatização de toda a actividade económica, particularmente a agro-pecuária, pode vir a constituir um grave problema para o sector familiar e tornar-se num factor de conflitos de terra. Os camponeses familiares têm, cada vez, menos terra para ocuparem e da que actualmente exploram, não possuem títulos de propriedade.

Se a Lei de Terras, em preparação, não tiver na devida conta o sector agro-pecuário familiar, a tendência que actualmente se observa será agravada, e todo o espaço produtivo passará a pertencer ou a ser explorada por agricultores privados que não têm origem no sector familiar.

A população é fundamentalmente jovem, com mais de 54% dos habitantes pertencendo aos grupos etários inferiores a 20 anos, o que implica um aumento da população em idade de trabalhar, que não é acompanhado pela abertura de novos dos postos de trabalho. Nos últimos anos observou-se uma redução significativa do número de empregos, o que levou os habitantes da região a procurarem formas alternativas para fazer face ao desemprego crescente, o que se traduziu numa grande expansão do sector informal que passou a representar, para a área de estudo, um tipo de ocupação bastante importante, não apenas pelo número de pessoas envolvidas, mas porque se transformou num complemento importante ou único para a sobrevivência da maioria dos agregados familiares.

As autoridades locais, dada a importância do comércio informal, têm procurado a legalização desta forma de comércio, o que significa que a médio prazo, as barracas deixarão de ser consideradas como ilegal, mas mantendo as mesmas características actuais, pelo que os seus impactos negativos sobre o meio ambiente permanecerão. Os dejectos, constituídos maioritariamente por latas e embalagens plásticas, são espalhadas pelo chão ou acumulados em lugares impróprios. Para solucionar este problema seria necessário que houvesse uma inspecção rigorosa do concelho municipal, capaz de velar pela limpeza destas áreas onde este comércio é realizado.

Outro impacto negativo da actividade informal é o abate indiscriminado e intenso das espécies arbóreas para uso como lenha ou fabrico de carvão vegetal. A falta de controlo sobre este tipo de actividade poderá trazer graves consequências

para a região, caso não se criem infra-estruturas para dinamizarem acções que vizem a minimização dos problemas ecológicos. Actualmente extensas regiões outrora cobertas por floresta, estão transformadas em pradarias despidas de árvores, como sucede no norte do distrito.

Na área de estudo são nítidas e pronunciadas as diferenças regionais de alguns indicadores demográficos, sociais e económicos, que reflectem os contrastes territoriais de desenvolvimento sócio-económico, muito em especial entre a vila e as restantes localidades, o que representa uma maior dependência destas em relação àquela.

Na Educação observou-se uma evolução positiva da frequência escolar em pratica-mente todos os níveis. Desde 1987 até o momento o número de alunos a frequentarem os níveis de ensino aumentou, apesar das dificuldades e da destruição de algumas escolas provocada pela guerra civil. No entanto, deve referir-se como aspecto negativo nesta evolução, o desaparecimento do ensino da formação de técnicos agrários. Com a recuperação e aumento da rede escolar no pós-guerra, começa a notar-se uma grande carência de professores qualificados, o que implica consequências directas para a qualidade do ensino ministrado.

Na Saúde a situação é muito similar. A reabilitação das suas infraestruturas sanitárias que se tem observado nestes últimos anos, não tem sido acompanhada pelo aumento número e qualidade do pessoal e, como resultado, para o tratamento de várias doenças, por vezes vulgares, a população é obrigada a deslocar-se para a cidade de Maputo.

Apesar da extrema importância da fronteira da Namaacha para a zona Sul do país, pelo volume de mercadorias e de pessoas que por ali passam vindas não só da Suazilândia como da África do Sul, os serviços de fronteira têm pouco significado económico para a área de estudo. O único benefício que a população local tem por residir nas proximidades da fronteira é através do mukhero. Contudo, caso no futuro parte dos lucros provenientes dos serviços de fronteira revertam a favor do distrito, como acontece em vários países, a região poderá vir a atingir outro nível de desenvolvimento económico.

## BIBLIOGRÁFIA

1. AFONSO, R. S. - **A Geologia de Moçambique** (Notícia explicativa da carta geologica de Moçambique 1:2 000 000). Maputo, Direcção dos Serviços de Geologia e Minas, 1976.
2. ASSUNÇÃO, C. T. Torre de et al. - **Petrologia das lavas dos Libombos** (Subsídios para o seu conhecimento). Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1962.
3. ARAÚJO, M. G. Mendes de - **O Sistema das Aldeias Comuns em Moçambique. Organização do Espaço Residencial e Produtivo.** Lisboa, Universidade de Lisboa, 1988.
4. ADAS, Welhem - **Geografia Geral.** São Paulo, 1979.
5. ARPAC - "Arquivos do Património Cultural" - **O Distrito da Namaacha.** Ministério da Cultura, 1994.
6. BOLEO, José de Oliveira - **Geografia Física de Moçambique.** Lisboa, 1950.
7. BOLÉO, Oliveira - **Monografia de Moçambique.** Lisboa, 1971.
8. BARCA, Alberto da - **Geografia de Moçambique, Volume II. Parte Económica.** Maputo, 1993.
9. BARRADAS, Lerenó - **Esboço Agrológico do Sul de Moçambique.** Serviços de Agricultura e Florestas. Instituto de Investigação Científica de Moçambique. Lourenço Marques, 1962.
10. BARROS, Carlos Vitorino da Silva - **A Ilha da Madeira.** Lisboa, 1980.
11. BARROCOSO, A. F. - **Carta Geológica de Moçambique.** Escala 1:250 000. Notícia explicativa das folhas Sul-G-36-0, 1 Edição dos Serviços de Geologia e Minas de Moçambique. Lourenço Marques, 1969.

12. BRITO, Raquel Soeiro de - **A Ilha de São Miguel**. Lisboa, 1967.
13. CARVALHO, Jorge Dias de - **Monografia da Bacia do Umbelúzi**. Lourenço Marques, 1974.
14. CARVALHO, J. Dias de - **Esquema do Umbelúzi, Barragem dos Pequenos Libombos**. Lourenço Marques, Direcção Provincial dos Serviços Hidraulicos de Moçambique, 1968.
15. COMISSÃO NACIONAL DO PLANO - **Levantamento da Ocupação Territorial. Distrito da Namaacha. Província de Maputo**. Instituto Nacional de Planeamento Físico, 1983.
16. COMISSÃO NACIONAL DO PLANO - **Enumeração da População e Agregados Familiares das Cidades, Alguns Distritos e Postos Administrativos em Moçambique**. Maputo. D.N.E./Unidade de População e Planificação, 1991.
17. DIRECÇÃO NACIONAL DE ESTATÍSTICA - **Os Distritos em Número**. Volume 10. Comissão Coordenadora do Recenseamento, C. N. P., Maputo, 1983.
18. DIRECÇÃO NACIONAL DE ESTATÍSTICA - **Dados sobre Recenseamento Geral da População do Distrito da Namaacha**. 1980, C. N. do Plano, Maputo, Moçambique, 1983.
19. DIRECÇÃO NACIONAL DE FLORESTAS E FAUNA BRAVIA. **Unidade de Inventário Florestal - Carta de Biomassa Lenhosa**. Escala de 1: 250 000. 1993 e 1995.
20. DIRECÇÃO NACIONAL DE GEOGRAFIA E CADASTRO - **Carta Topográfica**. Escala 1: 250 000. 1993.
21. FREITAS, Fernando - **Hidrologia do Sul do Save**. Lourenço Marques, 1974.
22. FREITAS, A. J. de - **Subsídios para o Estudo da Formação Vulcânica dos Libombos**. Boletim dos Serviços Industriais de Minas e Geologia de Moçambique. Lourenço Marques, 1937.



23. FERREIRA, Amorim - **Climatologia Dinâmica da África Meridional**. Serviço Meteorológico. Lisboa, 1965.
24. FERREIRA, António de Brum - **A Ilha Graciosa**. Lisboa, 1968.
25. GOUVEIA, D. H. & AZEVEDO, A. L. - **Os solos de Moçambique**. Em Esboço do Reconhecimento Ecológico-Agrícola de Moçambique. Vol. II, Lourenço Marques, Junta de Exportação do Algodão, 1955.
26. GALETI, Paulo Anestar - **Conservação do Solo, Reflorestamento e Clima**. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola. Campinas - São Paulo - Brazil, 1982.
27. INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO AGRONÓMICA - **Carta de Solos das Províncias de Maputo e Sul de Gaza**. Escala 1: 250 000. Notícia Explicativa, Maputo, 1992.
28. LOUREIRO, J. J. Mimoso - **Monografia da Bacia do Tembe**. Lourenço Marques, 1969.
29. LOPES, M.E.S.de A. Moreira - **Inhassoro e Bartolomeu Dias: As Actividades da População e a Organização do Espaço**. Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique. Vol. 10, Série B, Lourenço Marques, 1974.
30. LOPES, M.E.S. de A. Moreira - **A Bacia do Rio Umbelúzi (Moçambique)**. Estudo Geomorfológico. Lisboa, 1979.
31. MOURA, A. Casal - **Primeira Contribuição para o Conhecimento dos Sedimentos do Estuário do Espírito Santo (Lourenço Marques - Moçambique)**. Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique, Lourenço Marques, 1975.
32. MENEGOTTO, Milton - **Ecologia**. Sagra Editora, Porto Alegre, 1985.
33. MOURA, A.R. & Oberholzer, W.F. - **Carta Geológica de Moçambique, Folha Sul-G-36/0**. Lourenço Marques, Serviços de Geologia e Minas de Moçambique, 1969

34. MUCHANGOS, Aniceto dos - **Paisagens e Regiões Naturais de Moçambique**. Anuário Económico de Moçambique, 1991.
35. MARQUES, J. Montalvão - **Esboço para uma Monografia Agrícola do Posto-Sede dos Muchopes e de Alguns Regulados do Chibuío**. Lisboa, 1960.
36. MEDEIROS, Carlos Alberto - **A Ilha do Corvo**. Lisboa, 1967.
37. MYRE, Mário - **As Pastagens da Região do Maputo**. Lourenço Marques, Instituto de Investigação Agronómica de Moçambique, 1971.
38. MPONDA, M. & BAHANE, J. - **Pesquisa Geoelectrica na Quinta do Sr. Júlio Marques e a Situação de Água na Namaacha (relatório)**. Direcção Nacional de Águas, Maputo, 1994.
39. MARTINHO, J. - **Aspectos do Problema Pecuário de Moçambique**. Junta do Comércio Externo. Lourenço Marques, 1958.
40. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA - **Programa Multi-Sectorial Integrado na Província de Maputo**. 1992.
41. NUNES, A. de Figueiredo - **Carta Geológica Provisória de Moçambique, Folha Sul-G-36/I**. Lourenço Marques, Serviços de Geologia e Minas de Moçambique, 1959.
42. NAPICA, Policarpo - **Estudo sobre a Barragem de Changanane. Estudo Hidrológico**. Direcção Nacional de Águas, Maputo, 1982.
43. SCHORTEN, J.H.M. - **Estudo de Solos do Vale do Alto Umbelúzi (relatório preliminar)**. Instituto Nacional de Investigação Agronómica, Maputo, 1984.
44. SERAFINO, J. F. C. - **Estudo Geomorfologico do Rio Umbelúzi**. Lourenço Marques, Laboratório de Engenharia de Moçambique, 1973.
45. SOUSA, J. Gomes e - **Dentologia de Moçambique I e II. Essências do Extremo Sul**. Junta do Comércio Externo. Lourenço Marques, 1949.

46. SEVERINO, A. - Metodologia do Trabalho Científico. Brasil, 1986.
47. VELOSO, A. Augusto - Monografia do Concelho da Namaacha. Lourenço Marques. 1974.
48. VILANCULOS, M. & SERNO, G. - Levantamento Detalhado de Solos da Área de Mafuiane, Namaacha. Província de Maputo. Escala 1: 5.000. Maputo, 1992.
49. UNIDADE TÉCNICA DO GOVERNO DA PROVÍNCIA - Mapa de Uso de Terra. 1989-95.
50. VOORTMAN, R. L. & SPIERS - Soil Resources of Mozambique. Escala 1:2.000.000. Boston, 1982.